

**UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO**

**MESTRADO PROFISSIONAL EM INOVAÇÃO NA  
COMUNICAÇÃO DE INTERESSE PÚBLICO**

**Kelsma Maria Silva Gomes**

**GRAFITES DA MEMÓRIA: VIDA E MASSACRE DO CALDEIRÃO DA SANTA  
CRUZ DO DESERTO COMUNICADOS NO CONCRETO DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO CARIRI - UFCA**

**São Caetano do Sul - SP**

**2019**



**KELSMA MARIA SILVA GOMES**

**GRAFITES DA MEMÓRIA: VIDA E MASSACRE DO CALDEIRÃO DA SANTA  
CRUZ DO DESERTO COMUNICADOS NO CONCRETO DA UNIVERSIDADE  
FEDERAL DO CARIRI - UFCA**

Trabalho de Conclusão apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação – Mestrado Profissional em Inovação na Comunicação de Interesse Público, da Universidade Municipal de São Caetano do Sul, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Área de concentração: Inovação na Gestão e Produção da Comunicação de Interesse Público.

Linha de Pesquisa: Produção e Recepção da Informação Pública.

Orientador: Prof. Dr. João Batista Freitas Cardoso

**São Caetano do Sul - SP**

**2019**

### **Ficha Catalográfica**

Gomes, Kelsma Maria Silva

Grafitas da memória: vida e massacre do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto comunicados no concreto da Universidade Federal do Cariri - UFCA/ Kelsma Maria Silva Gomes. – São Caetano do Sul: USCS – Universidade Municipal de São Caetano do Sul, 2019. p.162.

Orientador: Prof. Dr. João Batista Freitas Cardoso.

Dissertação (mestrado) – USCS, Universidade Municipal de São Caetano do Sul, programa de Pós-Graduação em Comunicação, 2019.

**REITOR DA UNIVERSIDADE MUNICIPAL DE SÃO CAETANO DO SUL**

Prof. Dr. Marcos Sidnei Bassi

**Pró-Reitora de Pós-Graduação e Pesquisa**

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria do Carmo Romeiro

**Gestor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação**

Prof. Dr. João Batista Cardoso



Dissertação defendida e aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_ pela Banca Examinadora  
constituída pelos professores:

Prof. Dr. João Batista Freitas Cardoso [Orientador]

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Priscila Ferreira Perazzo (USCS)

Prof. Dr. Maurício Ribeiro Silva (UNIP)



## AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais Messias Eugênio e Maria Evaneide pelo esforço que fizeram para que eu pudesse alcançar as oportunidades que não tiveram. Às minhas irmãs Zigelle, Keiva e Eugênia pelo apoio e pela alegria que sei que sentem dessa conquista;

À Universidade Federal do Cariri- UFCA pelo incentivo à pesquisa através da cessão para o estudo;

Ao orientador deste estudo, professor doutor João Batista Freitas Cardoso, por acolher o tema, e pela contínua dedicação. Por seu pronto e bondoso suporte no fazer da ciência, agradeço imensamente;

Às amigas Patrícia Gomes, Jakeline Aquino, Viriândia Luz, Helayne Cândido, Cris Vecchi, Cida Carvalho, Conceição Cunha e Daniele Cunha. Agradeço pela partilha de conhecimento sobre o Cariri, sobre pesquisa científica, e sobretudo pelos exemplos de luta e fé na vida;

À coordenadora do Laboratório de Imagem e Estéticas Comunicacionais (CNPq-UFCA), professora doutora Elane Abreu e aos estudantes do curso de jornalismo da UFCA, Thaís, Joedson e Thamyres pela disponibilidade, sensibilidade e entusiasmo com os quais contribuíram;

À dona Maria Ferreira e sua filha D'arc, dona Maria José e seu filho Gilcênio, dona Maria José Sales e seu irmão Pedro. Obrigada por receberem tão bem a proposta deste estudo e compartilharem o tempo e suas preciosas memórias sobre o Caldeirão da Santa Cruz do Deserto;

Aos avaliadores deste trabalho professora doutora Priscila Perazzo e professor doutor Maurício Ribeiro pelos valorosos apontamentos;

Ao ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva e à ex-presidenta Dilma Rousseff pelas políticas públicas educacionais de seus governos, em especial à expansão da Rede Federal de Educação, que oportunizou às Instituições de Ensino Superior serem espaço de transformação da realidade em todos os cantos de nosso país.



“Trata-se do mais interessante episódio local resultante dos acontecimentos de Juazeiro ao tempo do Padre Cícero e logo depois de sua morte. É o melhor fruto da grande hégira sertaneja. Confirma a tendência das massas rurais sem terra, em certa fase da história do Brasil, ao encontrarem um pedaço de terra para cultivar: sem recursos, sem meios técnicos, falhos até mesmo de enxadas, rasgam a terra com as próprias mãos e, eles sim, obram milagres.”

(Rui Facó)



## RESUMO

Nas instituições há disputa pelos espaços de comunicação onde circula o maior número de pessoas devido às subjetividades que o alcance destas informações podem criar. O grafite, pela extensão e dinamismo que possui, impulsiona a urbe do *campus* Juazeiro do Norte da Universidade Federal do Cariri e se constitui como potente ferramenta de comunicação para significar os espaços de maior circulação com as memórias coletivas locais. Dentre as memórias da região do Cariri delimitamos a comunidade sociorreligiosa liderada pelo beato José Lourenço, que ocupava as terras doadas pelo Padre Cícero de 1926 a 1936, e que se tornou conhecida pela experiência bem-sucedida de organização do trabalho – após a morte do santo popular e em decorrência dos interesses dominantes da época, os camponeses sofreram perseguição e massacre. Neste estudo objetivamos desenvolver, por meio das técnicas do grafite, um projeto de comunicação desta memória silenciada do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto para a UFCA *campus* Juazeiro do Norte; buscamos caracterizar, por meio dos relatos orais dos remanescentes do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto, os elementos visuais que melhor refletem a memória silenciada da comunidade. Além disso, propomos elaborar um projeto de grafite para a UFCA *campus* Juazeiro do Norte que comunique a memória silenciada do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto bem como diretrizes para reprodução desse produto em outros *campi* de outras regiões. O estudo é baseado em pesquisas exploratória e qualitativa se utilizando das técnicas de relatos orais para a coleta dos dados junto aos remanescentes e seus familiares. Os caminhos de silenciamento e esquecimento percorridos por estas memórias nos levam a compreender a não linearidade das narrativas e a considerá-las com os acúmulos e desgastes do tempo. As fontes documentais e bibliográficas serviram para explicar como as memórias obtidas na pesquisa se construíram. Para elaboração das imagens relacionamos, em oficina com o Laboratório de Imagem e Estéticas Comunicacionais (CNPq-UFCA), os relatos orais dos remanescentes com as fontes audiovisuais elencadas neste trabalho, os elementos esboçados foram sistematizados com o grupo e organizados pelo orientador deste estudo. A imagem resultante foi entalhada em uma placa de madeira em tamanho A3, pelo xilógrafo da região, Abraão Batista. A gravura foi executada na UFCA *campus* Juazeiro do Norte em 28m<sup>2</sup>, em local de grande circulação e ampla visibilidade, e como resultado foi instantaneamente divulgado, compartilhado e elogiado por todos os públicos da instituição.

**Palavras-chave:** Grafite. Comunicação. Memória Amordaçada. Massacre do Caldeirão. Universidade. Cariri.



## ABSTRACT

In the institutions there is a dispute over the communication spaces where the largest number of people circulate due to the subjectivities that the reach of this information can create. The graffiti, due to its extension and dynamism, propels the city campus of the Juazeiro do Norte campus of the Federal University of Cariri and is a powerful communication tool to signify the spaces of greater circulation with local collective memories. Among the memories of the Cariri region we delimit the socio-religious community led by Blessed José Lourenço, who occupied the lands donated by Father Cicero from 1926 to 1936, and who became known for his successful work organization experience - after death. from the popular saint and due to the dominant interests of the time, the peasants suffered persecution and massacre. In this study we aim to develop, through graffiti techniques, a communication project of this silenced memory of the Santa Cruz Desert Cauldron for the UFCA Juazeiro do Norte campus; We sought to characterize, through oral reports of the remnants of the Holy Cross Desert Cauldron, the visual elements that best reflect the silenced memory of the community. In addition, we propose to design a graffiti project for the UFCA Juazeiro do Norte campus that communicates the silenced memory of the Santa Cruz do Cauldron as well as guidelines for reproduction of this product on other campuses in other regions. The study is based on exploratory and qualitative research using oral reporting techniques to collect data from the remnants and their families. The paths of silence and forgetting that these memories take lead us to understand the nonlinearity of the narratives and to consider them with the accumulation and wear of time. The documentary and bibliographic sources served to explain how the memories obtained in the research were built. For the elaboration of the images, we related, in a workshop with the Laboratory of Image and Communicative Aesthetics (CNPq-UFCA), the oral reports of the remnants with the audiovisual sources listed in this work, the sketched elements were systematized with the group and organized by the advisor of this study. The resulting image was carved into an A3-size wooden sign by the region's woodcutter, Abraham Batista. The engraving was executed at the UFCA Juazeiro do Norte campus in 28m<sup>2</sup>, in a place of great circulation and wide visibility, and as a result was instantly publicized, shared and praised by all the public of the institution.

**Keywords:** Graphite. Communication. Memory Mute. Massacre of the Caldeirão. University. Cariri.



## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Ilustração da urbanização do campus Juazeiro do Norte em versão 3D.....	38
Figura 2- Página Web da UFCA .....	39
Figura 3 – Grafites do campus Juazeiro do Norte .....	41
Figura 4 – Região Metropolitana do Cariri (RMC).....	43
Figura 5 - Quadro de distribuição de cursos, estudantes e servidores no campus Juazeiro do Norte.....	44
Figura 6 - Vista aérea da UFCA, campus Juazeiro do Norte .....	45
Figura 7 - Zona de convivência do Campus Juazeiro da Universidade Federal do Cariri .....	46
Figura 8 - Beato José Lourenço, ao meio, posando para registro fotográfico no Caldeirão ....	52
Figura 9 – Camponeses do Caldeirão mortos.....	53
Figura 10 - Prisão dos camponeses em invasão ao sítio Caldeirão da Santa Cruz do Deserto	53
Figura 11 - Capela situada no Caldeirão da Santa Cruz do Deserto.....	54
Figura 12 - Grafite de OsGêmeos no trem que faz a linha Crato Juazeiro.....	65
Figura 13 – Texto em rede social sobre as intervenções dentro do campus Juazeiro do Norte	67
Figura 14 - Mapa Caminhos do Caldeirão publicado no jornal “O Povo”, em 7 de setembro de 1996 .....	75
Figura 15 - Relação dos discursos proferidos pela entrevistada no desencadeante: invasão e expulsão.....	100
Figura 16 - Relação dos discursos proferidos pela entrevistada no desencadeante: bombardeio, mortes e fuga .....	101
Figura 17 - Relação dos discursos proferidos pela entrevistada no desencadeante: formas de sobrevivência e o silenciamento que se sucedeu o massacre .....	103
Figura 18 - Relação dos discursos proferidos pela entrevistada no desencadeante: trabalho e partilha.....	104
Figura 19 - Relação dos discursos proferidos pela entrevistada no desencadeante: perseguição .....	105
Figura 20 - Relação dos discursos proferidos pela entrevistada no desencadeante: partilha .	105
Figura 21- Relação dos discursos proferidos pela entrevistada no desencadeante: ataque e perseguição .....	107
Figura 22 - Relação dos discursos proferidos pela entrevistada no desencadeante: trabalho e fé .....	107
Figura 23 - Elementos simbólicos destacados em oficina com o grupo de pesquisa Limbo .	109

Figura 24 - Elementos simbólicos destacados em oficina com o grupo de pesquisa Limbo .	110
Figura 25 - Elementos simbólicos destacados pelo integrante do grupo de pesquisa Limbo	111
Figura 26 - Elementos simbólicos destacados pelo integrante do grupo de pesquisa Limbo	112
Figura 27 - síntese dos elementos simbólicos do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto .....	113
Figura 28 - Sequência de distribuição dos elementos simbólicos.....	118
Figura 29 - Grafite e lambe-lambe encontrados em Crato - CE .....	119
Figura 30 - Capas de alguns clichês reproduzidos na Lira Nordestina.....	120
Figura 31- Álbum de gravuras sobre o Caldeirão da Santa Cruz do Deserto encontrado na Lira Nordestina .....	121
Figura 32 - O xilógrafo apresentando seu trabalho na Lira Nordestina.....	123
Figura 33 - Quadro resumo do percurso de elaboração do produto .....	124
Figura 34- Xilógrafo Abraão Batista e a matriz para o grafite .....	126
Figura 35- Gravura adaptada para o grafite .....	127
Figura 36 – Sequência de execução do grafite.....	128
Figura 37- Grafite das memórias dos remanescentes do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto .....	129
Figura 38 - Repercussão do grafite no perfil da UFCA no Instagram .....	131
Figura 39 - Avaliação do público interno da UFCA sobre o grafite.....	131
Figura 40 - Repercussão do grafite na fanpage da UFCA .....	131
Figura 41- Integrantes do Limbo analisando o grafite .....	133

## SUMÁRIO

<b>SUMÁRIO</b> .....	<b>31</b>
<b>1.1 Origem do Estudo</b> .....	<b>33</b>
<b>1.2 Problematização</b> .....	<b>34</b>
<b>1.3 Objetivos</b> .....	<b>42</b>
<b>1.3.1 Objetivo Geral</b> .....	<b>42</b>
<b>1.3.2 Objetivos Específicos</b> .....	<b>42</b>
<b>1.4 Delimitação</b> .....	<b>42</b>
<b>1.4.1 O <i>campus</i> Juazeiro do Norte</b> .....	<b>44</b>
<b>1.4.2 O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto</b> .....	<b>48</b>
<b>1.5 Justificativa</b> .....	<b>54</b>
<b>1.6 Metodologia</b> .....	<b>55</b>
<b>1.6.1 Amostragem</b> .....	<b>56</b>
<b>1.6.2 Coleta de dados</b> .....	<b>58</b>
<b>2 REFERENCIAL CONCEITUAL</b> .....	<b>61</b>
<b>2.1 Grafite como expressão da memória coletiva</b> .....	<b>61</b>
<b>2.1.1 O Grafite no Cariri e no processo de desterritorialização da UFCA</b> .....	<b>63</b>
<b>2.2 Memória coletiva</b> .....	<b>67</b>
<b>2.2.1 Memória e espaço público</b> .....	<b>67</b>
<b>2.2.2 Memória Social</b> .....	<b>68</b>
<b>2.2.3 Memória e História</b> .....	<b>69</b>
<b>2.2.4 A reconstrução da memória</b> .....	<b>71</b>
<b>2.3 Sobre o Caldeirão da Santa Cruz do Deserto</b> .....	<b>72</b>
<b>2.3.1 Flagelados, migração e campos de concentração no contexto do Caldeirão</b> .....	<b>73</b>
<b>2.3.2 Romeiros do Padre Cícero, Camponeses do Caldeirão</b> .....	<b>75</b>
<b>2.3.3 Beato José Lourenço: liderança, vida e trabalho na irmandade</b> .....	<b>78</b>

2.3.4	A destruição do Caldeirão .....	80
2.3.5	A memória amordaçada do Caldeirão.....	84
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	87
3.1	Amostra e Sujeitos da Pesquisa.....	88
3.2	Procedimentos de Coleta de Dados .....	88
3.3	Procedimentos para desenvolvimento da proposta de intervenção .....	94
3.4	Procedimentos para Análise dos Resultados.....	97
4	ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	99
4.1	Relatos dos remanescentes.....	99
4.2	Elementos simbólicos.....	108
4.3	A síntese.....	113
5	PRODUTO .....	117
5.1	Criação.....	117
5.2	Estilo .....	119
5.3	Execução .....	125
5.4	Repercussão.....	130
5.4	Recepção .....	132
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	134
7.	REFERÊNCIAS.....	138

## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1 Origem do Estudo

Este estudo tem como ponto de partida a escassez de elementos visuais representativos da memória histórica da região do Cariri cearense nos espaços da Universidade Federal do Cariri (UFCA), *campus* Juazeiro do Norte. Origina-se também das divergências de opinião manifestadas nas redes sociais por servidores, estudantes e visitantes com relação aos pichos e grafites que ocupam as paredes das salas de aula e das zonas de convivência da Instituição.

A prática do picho e do grafite se intensificou especificamente no *campus* Juazeiro do Norte durante o primeiro semestre de 2017, quando, a partir dessas intervenções, surgiram discussões nas redes sociais utilizadas pelos servidores quanto à legalidade ou ilegalidade do uso do patrimônio público, à sensibilidade estética e ao acolhimento da prática enquanto ferramenta de protesto e espaço de voz.

Em meio às intervenções crescentes utilizando picho e grafite, a Reitoria da Universidade emitiu a Portaria Conjunta nº 01/2017, que regulamenta a prática do grafite e demais modalidades de artes realizadas em muros e paredes, tais como lambe-lambe, *stencil* e *stick*, intervindo no patrimônio arquitetônico da UFCA. Nesse sentido, este estudo caminha ao encontro do que propõe a gestão da Universidade pela norma prevista na Portaria acima citada, o que torna exequível a proposta de intervenção resultante deste estudo.

Para esta pesquisa, desperta a atenção o fato de que as intervenções dispostas na UFCA tenham sido feitas principalmente em espaços onde não há outro tipo de representação visual, o que aqui intitularemos como “paredes brancas”. Esse quadro nos instiga a pesquisar por que espaços vazios de significado em culturas heterogêneas inquietam e despertam transformação.

Supomos, neste estudo, que a ausência de elementos da comunicação visual no concreto do *campus* irrompe na forma de intervenções, as quais desencadeiam tensionamentos que, por sua vez, culminam em conflitos internos. Da observação dessas intervenções, realizadas com ou sem consentimento, mas todas componentes da urbe do *campus*, consideramos ser o grafite uma eficaz ferramenta para a significação dos espaços e manutenção da memória coletiva da região.

Vale salientar que a escolha desta temática se desenhou pelo acompanhamento, enquanto servidora, dos embates ocorridos na Universidade; também pelos requisitos de um

mestrado profissional que demanda uma aplicação prática para solucionar problemas de comunicação que venham a surgir em realidades com características semelhantes; e ainda pela proximidade do programa com a cidade de São Paulo, que é um dos maiores centros de arte urbana do mundo, o que potencializa o acesso a grafites, pichos e seus autores.

Quando da investigação das memórias do Cariri para nortear propostas de realização de grafites no *campus* Juazeiro do Norte, tive acesso, por ocasião de um evento na cidade de Crato-CE, à história do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto, movimento messiânico liderado por José Lourenço Gomes da Silva, mais conhecido como beato José Lourenço. No evento, o palestrante apresentou o Caldeirão como comunidade socioreligiosa estabelecida nos moldes de um socialismo primitivo, em terras de posse de Padre Cícero, na zona rural de Crato, que reuniu milhares de pessoas no início do século XIX, e que foi posteriormente massacrada e extinta. O palestrante apontou ainda ser a história desconhecida por muitas pessoas, quando me senti incluída nesse grupo.

Essa informação ecoou durante todo o tempo em minha mente, pois fiquei intensamente impactada tanto pela dimensão do acontecimento quanto pelo desconhecimento coletivo de história tão importante. Nos dias que se seguiram, perguntei às pessoas nascidas na região o que sabiam sobre o movimento, quando elas revelavam que pouco ou quase nada conheciam, no máximo se referiam ao fato como este sendo uma lenda e indicavam alguém que poderia dar mais informações.

Dado o contexto, alguns questionamentos emergiram: por que era desconhecido um fato tão próximo em espaço e tempo? Por que as pessoas não atrelavam a imagem do beato líder da comunidade à do Padre Cícero, da mesma forma que faziam com a Beata Maria de Araújo que tem a imagem vinculada ao Padre Cícero em virtude do Milagre Juazeiro no qual o sangue derramado na boca da Beata, ao tomar a hóstia dada pelo Padre Cícero, é considerado o sangue de Cristo para redimir a humanidade? Por que a história do Caldeirão ficou legada ao esquecimento e as questões místicas estão tão presentes? Porque estas memórias tão potentes estavam anuladas? Diante dessas questões, recorreremos à História para tentar compreender o entrelaçamento dos fatos ocorridos, ao mesmo tempo em que buscaremos alcançar os relatos de quem vivenciou estes acontecimentos bem como elaborar propostas para difundir a memória do Cariri cearense por meio do patrimônio arquitetônico da UFCA, mais especificamente no *campus* Juazeiro do Norte.

## **1.2 Problematização**

O *campus* Juazeiro do Norte é o local que comporta o maior fluxo de pessoas, por ofertar a maior quantidade de serviços administrativos e de atividades de ensino, pesquisa, extensão e cultura no âmbito da UFCA.

Tal concentração de atividades tem origem em sua fundação, quando, em 2006, a Universidade Federal do Ceará (UFC) optou pela cidade de Juazeiro no Norte para construir o *campus* sede da expansão da UFC na região do Cariri. Esse momento marca a multiplicação dos cursos da UFC num processo que sucedeu à interiorização da Universidade, em 2001, quando a cidade de Barbalha foi escolhida para ofertar o curso de medicina no interior do estado.

A partir de 2013 inicia-se uma nova fase no *campus* Juazeiro do Norte, a partir do desmembramento dos *campi* situados no Cariri e da fundação de mais dois *campi*, com o objetivo de se criar a UFCA. Dentre os três *campi* que pertenciam à UFC, o que concentrava a maior quantidade de cursos de graduação e de atividades de extensão era o *campus* Juazeiro do Norte, que, por esse motivo, tornou-se sede da Reitoria da UFCA. Com o desmembramento, intensificou-se a autonomia universitária das atividades fins e intermediárias já desenvolvidas, o que gerou o aumento de eventos e demandas e, conseqüentemente, de pessoas acessando o *campus*.

Esse cotidiano mais movimentado deve-se também ao aumento do quadro de servidores, estudantes e visitantes. No espaço do *campus* sede estão atualmente (dados do ano de 2017) em funcionamento 10 (dez) cursos de graduação, 03 (três) cursos de especialização, 03 (três) mestrados e 01 (um) doutorado. Na graduação e na pós-graduação ingressam cerca de mil estudantes a cada ano. Entre matriculados e frequentando o *campus* somam-se mais de 2.500 estudantes, oriundos de municípios situados na região do Cariri cearense, bem como de outros estados.

Aos alunos matriculados que circulam diariamente pelo *campus* junta-se um público flutuante, por ocasião das ações promovidas pelos diversos setores da Universidade. Algumas dessas ações são: concursos e seleções para docentes; processo de inscrição no Sistema de Seleção Unificada (SiSU); cursos de extensão de curta duração; atividades promovidas por projetos de cultura; cerimônia de colação de grau; Mostra UFCA; Feira das Profissões; Semanas dos Cursos de Graduação; e Jogos Universitários.

As atividades acadêmicas e culturais, os laboratórios dos cursos e as competições esportivas atraem visitantes de escolas públicas da região, das comunidades no entorno, dos movimentos sociais, dos grupos de cultura da região, e das universidades parceiras da região e de outros estados.

Por toda essa efervescência gerada pelo ir e vir de pessoas dentro do *campus* Juazeiro do Norte, percebe-se a heterogeneidade que permeia a sociedade. Com isso, definiu-se que este seria um lugar propício para promover a inovação na comunicação de interesse público.

Um quesito a ser considerado neste estudo são os aspectos arquitetônicos do *campus* Juazeiro do Norte: formato dos prédios, tipos de acabamento das paredes, incidência de luz, pontos de maior visibilidade e zonas de maior fluxo de caminhantes.

Em se tratando de questões relativas a acesso e permanência, de acordo com dados fornecidos pela Diretoria de Infraestrutura (DINFRA), o principal acesso ocorre pelo pátio da entrada – apesar de não haver muros que isolem o estacionamento e que, por isso, seja possível realizar a entrada pelas laterais, a parte frontal é a escolha da maioria. As pessoas circulam e também permanecem a maior parte do tempo no bloco “I”, por nele estarem localizados setores como biblioteca, restaurante universitário, salas de aula, diretorias e pró-reitorias. A zona acadêmica que contempla salas de aula, laboratórios, gabinetes de professores e coordenações de cursos está distribuída no subsolo e no solo dos blocos “A” a “I”. A zona de convivência (Figura 01) perpassa toda a zona acadêmica e é no solo dessa área de convivência – ou seja, no pátio – que os públicos permanecem durante o tempo livre e durante os eventos de grande porte:

Existência de uma ampla circulação central, coberta, ligada ao pátio de entrada e seguindo na extensão de todo o *campus*, como elemento de articulação entre os blocos construídos, permitindo integração permanente de seus usuários e fácil leitura dos espaços ocupados, com possibilidade de utilizações diversas e temporárias (exposições, feiras, quiosques, etc.) (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 2006, p. 58).

Ainda de acordo com a DINFRA, não existe padrão arquitetônico ou construtivo imposto ou recomendado para as universidades federais. Diante disso, cabe ao arquiteto e urbanista tomar as decisões quanto à forma da edificação e à melhor distribuição de espaços para uma arquitetura escolar.

O trabalho de concepção de uma edificação não se restringe à forma ou ao conceito de expressão da arte, mas também diz respeito à melhor integração destes com os outros critérios inerentes como: natureza da atividade a ser desempenhada nos espaços; estudo do fluxo das atividades; conforto térmico, lumínico e acústico do usuário; integração com a paisagem; Projeto Pedagógico Curricular (PPC) dos cursos; técnicas construtivas que sejam possíveis de serem executadas com materiais disponíveis na região e mão de obra capacitada; parâmetros urbanísticos e arquitetônicos do Plano Diretor da Cidade; parâmetros das normas do Corpo de

Bombeiros do Estado; parâmetros da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT); decretos federais sobre acessibilidade física; clima da região e microclima do bairro; topografia e limites do terreno; segurança patrimonial e pessoal; impacto do empreendimento para a cidade; custo de manutenção da edificação ao longo dos anos; custo energético do uso e parâmetros para etiquetagem do Programa Brasileiro de Etiquetagem (PBE Edifica).

Em relação a obedecer a um padrão, a coordenadora de projetos arquitetônicos da UFCA, Louise Buarque, destaca:

Especificamente para as obras federais, há também as limitações impostas por orçamento e por levantamento de custo que deve ser realizado prioritariamente pela tabela SINAPI. Então serviços que não constam nesta tabela precisam ser levantados por pesquisa de mercado, com três propostas e ainda assim justificados. Desse modo, o orçamento demoraria muito tempo para ser concluído. Então no serviço público trabalhamos muito atrelados aos serviços que constam já precificados nesta tabela. Logo, não existe um padrão a ser seguido (BUARQUE, 2018).

No caso da UFCA, a arquitetura das edificações reflete muito as características projetuais dos arquitetos responsáveis. É perceptível a maneira modernista e modular de Neudson Braga, um conceituado arquiteto e professor da UFC. “Ele é de uma época diferente da nossa. Assim, a forma da arquitetura poderá refletir tanto o tempo, o lugar ou a ‘assinatura’ adotada por cada arquiteto” (BUARQUE, 2018).

Ainda de acordo com a DINFRA, durante o ano de 2018 a comunidade acadêmica participou da elaboração do Plano Diretor de Infraestrutura dos *campi*. Nesse documento não será imposto um padrão, mas diretrizes que devem balizar as decisões dos projetistas da Universidade ou de empresas contratadas. Nesse ponto, a coordenadora de projetos arquitetônicos da UFCA enfatiza: “nenhuma diretriz imporá formas ou conceitos de concepção. Podemos, talvez, inserir recomendações quanto a isso. No futuro, as edificações podem ser projetadas por nós juntamente com a comunidade, licitados ou frutos de concursos” (BUARQUE, 2018).

Figura 1 - Ilustração da urbanização do campus Juazeiro do Norte em versão 3D

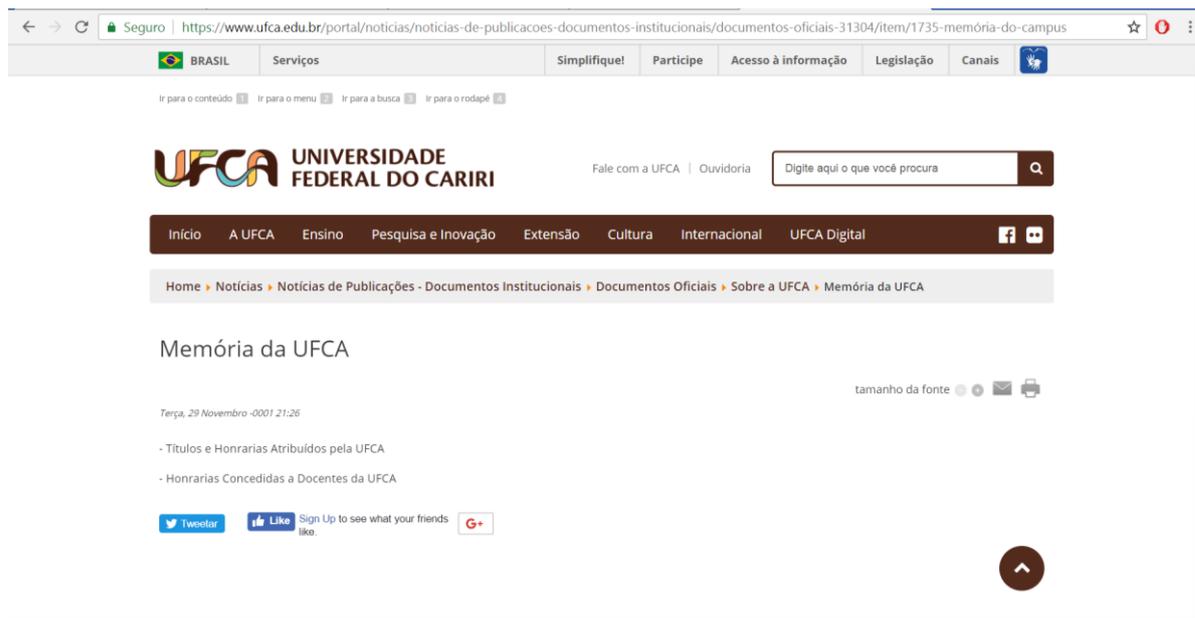


Fonte: Flickr UFCA, 2018.

Em relação à existência de espaços de memória no *campus*, não há até o presente momento espaços destinados para o tema, bem como não foram identificadas menções de projetos no Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) ou nos veículos oficiais de comunicação.

A Figura 02 apresenta o espaço reservado ao assunto na página *web* da Instituição. Percebe-se que não há nenhuma informação sobre memória, nem mesmo da Instituição.

Figura 2- Página Web da UFCA



Fonte: Portal da UFCA, 2018.

A identidade visual da UFCA foi executada na fachada do *campus* Juazeiro do Norte já no seu quarto ano de funcionamento. No período de 2013 a 2017 permaneceu no pórtico de entrada da UFCA a identificação da UFC, o que provocou atraso no conhecimento da nova Universidade, por parte da comunidade, e dificultou o fortalecimento de sua imagem.

Ainda sobre identidade visual, o projeto de sinalização dos espaços no *campus* ainda não foi iniciado. Nesse vazio deixado pela ausência da comunicação oficial, passa a se erguer no concreto do *campus* a voz dos estudantes.

As intervenções iniciais aconteceram por iniciativa dos docentes do curso de *design* e tiveram participação de grafiteiros profissionais. As intervenções seguintes ocorreram em intervalos maiores, algumas tendo sido apagadas pela manutenção predial que realiza anualmente a limpeza das paredes por meio da aplicação de camadas de tinta, e outras foram resguardadas das demãos de tinta, mas se desgastaram pelos efeitos do tempo (sol forte, chuvas, vegetação). Até meados de 2016 foram mantidos 13 dos primeiros grafites do *campus* – quantidade considerada reduzida para as dimensões do *campus*.

A quantidade de intervenções no *campus* Juazeiro do Norte aumentou a partir do movimento de “ocupação dos estudantes”, que ocorreu em escolas de ensino médio e em universidades de várias cidades do Brasil, no ano de 2016. No término do movimento de ocupação – que no *campus* Juazeiro do Norte teve duração de dois meses – uma ação escolhida pelo grupo de estudantes foi a execução de um grafite medindo 5m x 3m. A partir dessa escolha

e dos demais grafites realizados durante a ocupação, o ato de grafitar se tornaria cada vez mais constante no *campus*.

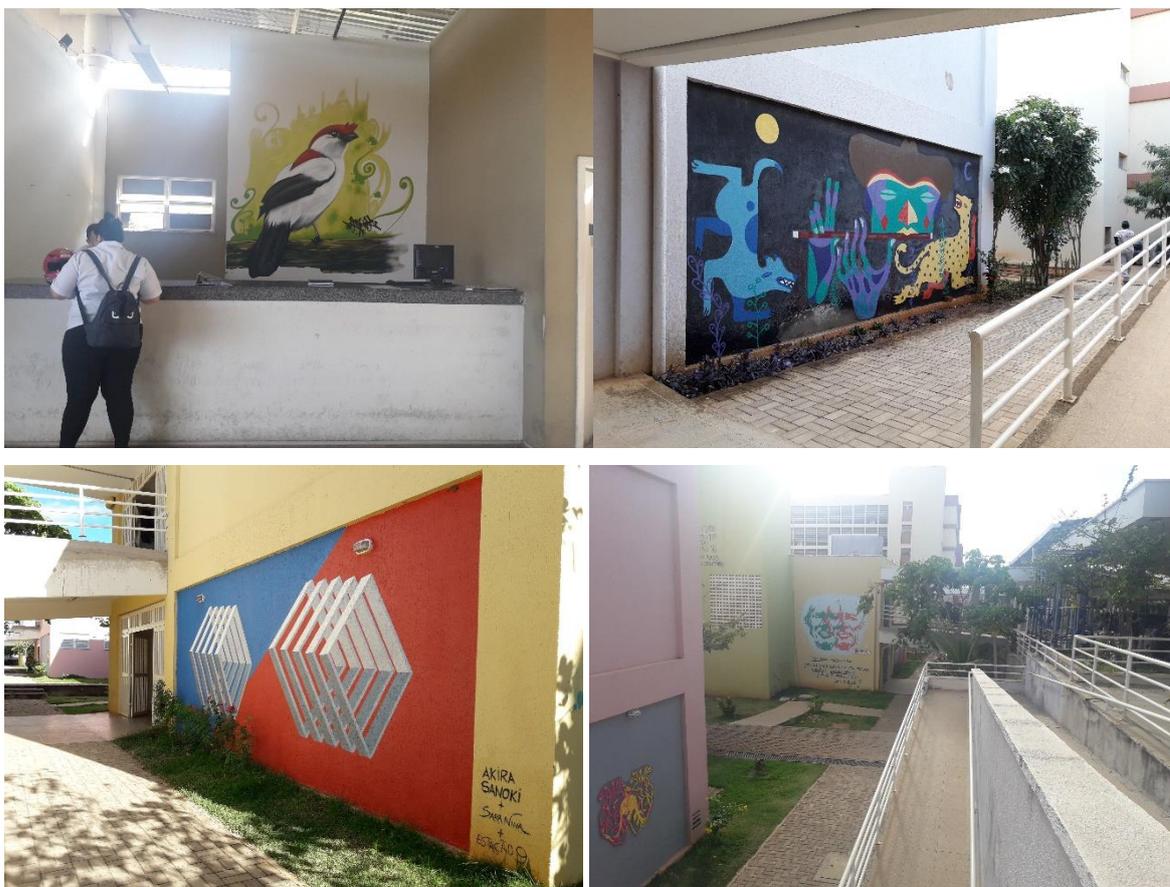
O ano de 2016 foi transpassado por conflitos – na esfera federal pelo *impeachment* presidencial ocorrido no primeiro semestre; na esfera local pela nomeação de um novo reitor na UFCA e recomposição do quadro de gestão, processo que se iniciou no primeiro semestre e se estendeu até dezembro; pela greve dos servidores e pelo já mencionado movimento de ocupação dos estudantes, que ocorreu no último trimestre. Cabe registrar que, durante esse período, o grafite e o picho se tornaram mais presentes nos espaços da Universidade e, com isso, ganharam visibilidade no território dos conflitos.

Durante o ano de 2017, as intervenções não consentidas suscitaram muitas discussões acerca da legalidade do uso dos espaços em contraposição à legitimidade da liberdade de expressão. Os desentendimentos ocorridos nas redes sociais e nos fóruns de comunicação resultaram na Portaria nº 01/2017, emitida pela Reitoria e que regulamenta o uso dos espaços.

Nesse documento são disponibilizadas imagens das partes frontais e laterais dos prédios, localizadas no subsolo. Essas paredes foram imediatamente solicitadas por professores do curso de música e do curso de *design* da UFCA, que formaram parcerias com estudantes matriculados, egressos da Universidade e docentes da Universidade Regional do Cariri (URCA), com vistas a realizar intervenções nesses lugares.

Nas ações desenvolvidas nos espaços regulamentados a partir da Portaria nº 01/2017/ Reitoria/UFCA, assim como nas intervenções pré-existentes ao documento, não é possível identificar um fio condutor ou uma linha de ação em comum, o que pode ser decorrente do intervalo de tempo que há entre as ações; da inexistência de vínculo entre os autores; das motivações para cada uma das manifestações artísticas e/ou em decorrência do contexto político e histórico.

Vale ressaltar que, dos grafites encontrados atualmente, apenas três contemplam elementos que se referem à região do Cariri cearense. São eles: 1 - Soldadinho do Araripe; 2 – onças e gaitero; e 3 – releitura de uma escultura de Sérvulo Esmeraldo.

Figura 3 – Grafites do *campus* Juazeiro do Norte

Fonte: Autora, 2018.

Pelas imagens nota-se que o grafite e o picho coabitam no *campus*. Esse respeito é frequentemente percebido entre os grafiteiros e pichadores na urbe dos grandes centros. Os conflitos na UFCA não envolvem as dimensões das paredes, envolvem a disputa pelo direito do que dizer ou calar.

Evidencia-se que o período transitório da criação da Universidade e a conclusão das etapas de expansão deixou lacunas na comunicação que o picho e o grafite têm se ocupado de preencher.

Diante desse quadro, e considerando-se o fluxo e a diversidade de pessoas na Universidade; a falta de atenção por parte da Arquitetura e Urbanismo às questões de comunicação e de memória; a determinação institucional de espaços próprios para intervenções após a tomada dos espaços pelos estudantes; a insuficiência de intervenções que contemplem elementos da cultura local; e o fato de que muitas das memórias da cultura local não são conhecidas pelos próprios habitantes naturais da região, surge a pergunta:

Tendo por base a estrutura arquitetônica e urbanística da UFCA *campus* Juazeiro do Norte, como se pode comunicar, por meio da arte do grafite, a memória amordaçada do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto?

### **1.3 Objetivos**

#### **1.3.1 Objetivo Geral**

- Investigar formas de comunicar, por meio da arte do grafite, a memória amordaçada do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto, tendo por base a estrutura arquitetônica e urbanística da UFCA *campus* Juazeiro do Norte

#### **1.3.2 Objetivos Específicos**

- Examinar como o grafite pode ser utilizado para comunicar a memória amordaçada de uma região e identificar as técnicas de grafite mais adequadas para essa finalidade;
- Caracterizar, por meio dos relatos orais dos remanescentes do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto, os elementos visuais que melhor refletem a memória amordaçada da comunidade;
- Elaborar projeto de grafite para a UFCA, *campus* Juazeiro do Norte, que comunique a memória amordaçada do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto, bem como as diretrizes para a reprodução desse projeto em outros *campi* e em outras regiões.

### **1.4 Delimitação**

A região do Cariri cearense está situada a 500 km da capital do estado. É conhecida pelo valor histórico da Floresta Nacional do Araripe, pela riqueza geológica dos fósseis raros e preservados, e pela abundância de água em sua região metropolitana, sendo considerada o “oásis do sertão”. É formada por 28 municípios que ficam localizados no sertão do estado, dos quais nove compõem o microterritório Cariri central e três deles formam a região metropolitana conhecida como Crajubar (Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha).

Figura 4 – Região Metropolitana do Cariri (RMC)



Fonte: Instituto de Pesquisa do Ceará, 2012.

A região tem uma importância significativa na construção histórica do estado e também do Nordeste. Pensar o Nordeste brasileiro sem o Cariri é distorcer o que se foi construído enquanto identidade de um povo, uma vez que é nesse território que vários elementos que caracterizam o que é ser nordestino se destacaram na representatividade do Nordeste: as canções de Luiz Gonzaga, a poesia de Patativa do Assaré, a arte em couro, o cordel, o reisado, a procissão dos Penitentes de Barbalha, o Cangaço de Lampião, a figura política e religiosa do Padre Cícero (ALBUQUERQUE JUNIOR, 2006).

É nesse espaço de religiosidade, política e resistência sertaneja que buscamos conhecer a memória silenciada do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto ou, como também ficou conhecido, o Caldeirão do beato Zé Lourenço, e, conseqüentemente, a representação dessa memória nas dependências da UFCA, *campus* Juazeiro do Norte.

Nesse sentido, apresentamos a seguir alguns aspectos da UFCA *campus* Juazeiro do Norte e logo em seguida a comunidade do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto, situando-a geograficamente e historicamente.

### 1.4.1 O *campus* Juazeiro do Norte

A Universidade Federal do Cariri possui 14 cursos, distribuídos em seus cinco *campi*, sendo que nove destes estão no *campus* Juazeiro do Norte. A forma de ingresso nos cursos de graduação é por meio do SiSU e, nos de pós-graduação, através de editais específicos.

O ensino, a pesquisa e a extensão multiplicaram suas ofertas de vagas a partir do programa de expansão do governo federal, que desmembrou três *campi* da Universidade Federal do Ceará em junho de 2013 e, através da Lei nº 12.826, instituiu a Universidade Federal do Cariri, somando-se aos *campi* de Juazeiro do Norte, de Crato e de Barbalha os *campi* de Brejo Santo e de Icó-CE.

O *campus* Juazeiro do Norte possui área de 42 hectares, abriga as diretorias e pró-reitorias administrativas e acadêmicas e acolhe os maiores eventos da Universidade. As construções decorrentes das etapas de expansão seguem em execução. A demanda de novos cursos é constante e há previsão de ampliação da oferta de cursos já existentes, bem como a implantação de outros, tendo em vista que há cursos já autorizados pelo MEC – atualmente 5 cursos – com ofertas de vagas previstas para 2019.

Os estudantes são oriundos das cidades da macrorregião do Cariri e a maioria deles faz o percurso de ida e volta para o *campus* diariamente. No entanto, há também estudantes de outros estados e regiões, que buscam a Universidade dada à sua localização geográfica, tendo em vista que Juazeiro do Norte fica a uma distância média de 100 km dos estados do Piauí, Paraíba e Pernambuco, mas também pela diversidade de cursos, conceituação do MEC e gratuidade do ensino.

Figura 5 - Quadro de distribuição de cursos, estudantes e servidores no *campus* Juazeiro do Norte

<i>Campus</i>	Cursos	Alunos matriculados	Servidores e Funcionários terceirizados
<b>Juazeiro do Norte</b>	Administração, Administração Pública, Biblioteconomia, Design do Produto, Engenharia Civil, Engenharia de Materiais, Filosofia licenciatura, Filosofia bacharelado, Jornalismo.	3.200	380

Fonte: Autora, com dados da Proen, Progep e Proad, 2017.

Com relação ao quadro de funcionários terceirizados, a maioria é natural da região e trabalha no *campus* há um tempo médio de cinco anos. Os servidores técnico-administrativos e

docentes, por terem ingressado por meio de concurso público, possuem origem em todas as regiões do país e uma parcela estrangeira.

A forma de ingresso e a rotatividade promovida pela redistribuição, remoção ou nomeação em outro concurso é uma característica do serviço público e, portanto, se replica em todos os órgãos federais, principalmente nos que se situam nas cidades do interior. Esse trânsito e a diversidade de origem do público transformam o ambiente do *campus* universitário em um caldeirão cultural.

Tal diversidade se encontra com a cultura regional no *campus* Juazeiro do Norte, manifestada nos ritmos musicais, nas entonações da fala, nas cores da terra, nas peças tecidas em couro, nas festividades dos eventos e seus convidados, na literatura de cordel e na culinária. A memória coletiva da região, no entanto, não está satisfatoriamente manifestada no concreto do *campus*. A área de convivência não comunica as memórias da região do Cariri. Nesse sentido, o *campus* Juazeiro do Norte não gera pertencimento, não cria identidade, confunde-se com universidades de outras regiões e não cumpre o papel da memória social.

Figura 6 - Vista aérea da UFCA, *campus* Juazeiro do Norte



Fonte: Gabriel Souza e Carlos Shallom (2018).

Figura 7 - Zona de convivência do *Campus* Juazeiro da Universidade Federal do Cariri

Fonte: Autora, 2018

As mídias não se resumem aos veículos de comunicação de massa tradicionais, aos aparelhos com tecnologia *on-line* ou *off-line*, ou aos analógicos móveis. As paredes também se constituem como mídia – neste caso mídia secundária, pois se “refere ao uso de quaisquer materiais, ferramentas ou instrumentos tecnológicos com o intuito de criar e transmitir informações. A escrita, seja ela qual for, é o exemplo mais eloquente” (BAITELO JUNIOR, 2005, p. 35).

A proposta de transformar as áreas de convivência do *campus* Juazeiro do Norte em mídias secundárias – utilizando artefatos e materiais expressivos do grafite – para comunicar a memória coletiva da região do Cariri, vai ao encontro da linha de Produção e Recepção da Informação Pública por executarem dentro da instituição pública informações que formam a identidade da região em que ela está inserida e que no processo de amordaçamento foram levadas ao esquecimento.

Esta pesquisa não se esgota na investigação da origem, convivência e extermínio da comunidade do beato Zé Lourenço e da manifestação destas memórias no *campus* Juazeiro do Norte para comunicação da memória coletiva em suas áreas de convivência. Mas é também uma proposta para ter o seu método de investigação e aplicação replicado em outras realidades

semelhantes em que preze a manifestação da memória coletiva, a investigação por memórias amordaçadas que foram levadas ao esquecimento e a significação por meio de ferramentas da comunicação visual dos ambientes universitários utilizando de técnicas que dialogam com as demandas apresentadas nos espaços.

O suporte teórico deste estudo serve para fundamentar pesquisas da mesma natureza em outras regiões com que apresentem a mesma problemática do esquecimento bem como também na região do Cariri com outras memórias coletivas que assim como a do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto tenham sido levadas ao esquecimento.

O campo se abre para diversas possibilidades de recorte. Um exemplo rápido para que se visualize a possibilidade de outras intervenções, seria investigar e elaborar grafites, nas universidades da região do Cariri, da Beata Maria de Araújo, que também teve a versão oficial da história distorcida ou elaborar grafites em universidades próximas a de comunidades quilombolas, aldeias indígenas, movimentos pela reforma agrária, ou de mulheres que tenham atuado fortemente em prol de uma causa mas pelo papel ao qual historicamente são relegadas foram silenciadas nas memórias.

Grafites são grandes, visíveis, duráveis, despertam a atenção e dialogam com a heterogeneidade dos públicos de um ambiente universitário. Não passam despercebidos na dinâmica dos grandes centros que têm a vida agitada pela urgência do tempo, pelas distâncias e pelas disputas de atenção do olhar. Não passarão despercebidos dentro de um *campus* universitário que também contém toda essa dinâmica da urbe, resguardada às devidas proporções.

A intervenção é inovadora, pois a cada criação e execução de grafites têm-se um processo de inovação substancial:

A criatividade humana faz surgir o novo, distinto da simples somatória das partes a partir das quais surgiu, nesse sentido a criação é mais do que o simples rearranjo de elementos preexistentes. Ela faz surgir algo novo que não existia antes, mesmo que de forma relativa. [...] O processo de inovação sob a categoria substancial gera aquilo que se chama de inédito, o original o novo. Neste aspecto, tem como termos associados: o legítimo o genuíno, o singular (ROSSETTI, 2019, p. 23).

A influência que o grafite teve nas relações entre as pessoas no *campus* Juazeiro do Norte impactou no seu acolhimento para a manutenção das memórias coletivas. Elas se constituíram como voz alternativa aos posicionamentos oficiais e como reclamação do uso dos espaços quando estes ainda estavam anulados com seus espaços em branco.

A forma estética imagem e grafismo como forma de preservação da identidade e de manutenção da memória coletiva contempla diretamente o valor da comunicação em relação a informação, a arte e a identidade cultural e possibilita novos processos de comunicação. A arte de rua que tem sua origem na reivindicação dos grupos marginalizados, como uma forma de chamar atenção para a sua identidade, se adequa ao contexto institucional para preservação da memória local.

O grafite traz o questionamento sobre os limites entre o público e o privado. Aquilo que é comum e aquilo que lhes é próprio. Construção de sentidos da vida privada para a vida pública. Do discurso para a ação, do pensamento e da memória para a visualidade. Hannah Arendt em *A Condição Humana* (1983) destaca a consciência coletiva que implica a ocupação de espaços comuns, qualidade pública do espaço, da experiência e da realidade. Para a autora a consciência no mundo requer participação.

“Ação e discurso são essenciais para o homem, fazem parte de nossa própria condição humana, revelam a nossa humanidade. Portanto, a visibilidade, o aparecer ao outro é algo da própria condição humana” (ROSSETI, 2019, p. 47). Assim, ressalte-se, a pesquisa e intervenção que emprega o discurso por meio do grafite – conceituado ao longo do tempo por arte marginal, folkcomunicação urbana, arte contemporânea ou comunicação institucional – se configura como importante recurso comunicacional possível de ser aplicado onde houver grupos que compartilhem valores, formas e expressões culturais e objetivem a comunicação visual como fala para a manifestação da sua memória silenciada.

Por meio das intervenções urbanas os grafiteiros afirmam sua presença no tecido da cidade. Dentro da universidade a produção desta arte urbana é uma forma de ressaltar a história, a memória e o cotidiano, de reclamar a visibilidade de suas demandas e de fazer-se percebido. Dizemos então que pela produção e recepção dos grafites, discurso se torna ação.

#### **1.4.2 O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto**

As terras da comunidade do Sítio Caldeirão estão localizadas no município de Crato-CE, numa área de 880 hectares, na encosta da Chapada do Araripe, e pertenceram ao Padre Cícero até a sua morte, quando foram herdadas pelos padres Salesianos.

As terras foram doadas ao beato Zé Lourenço em 1926, numa tentativa do Padre Cícero de acomodar as famílias que haviam sido despejadas do Sítio Baixa d’Anta, primeira comunidade organizada pelo beato que foi ocupada pelas famílias de camponeses até 1926,

quando o arrendatário solicitou as terras de volta e as famílias foram obrigadas a desocupá-las sem direito a nenhuma indenização pelas benfeitorias dos anos de trabalho.

No período de 1926 a 1936, a segunda comunidade do beato José Lourenço e a mais famosa, habitou as terras doadas pelo Padre Cícero, onde antes havia uma comunidade denominada Caldeirão dos Jesuítas. As comunidades recebiam a denominação de “caldeirão” em virtude da existência, naquela localidade, de um reservatório de água que, segundo relatos, nunca secava.

O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto tinha um público flutuante e não é possível dizer com exatidão a quantidade de habitantes, pois os próprios historiadores oscilam quando comparados. O tenente José Goés de Campos Barros no filme “O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto” (1985) afirma que são mais de três mil moradores, Cordeiro (2004) apresenta um quantitativo de 1.700 e Farias (2015) destaca apenas que o número passava de mil habitantes. Os remanescentes e contemporâneos apresentam números maiores, como dois mil e até seis mil.

A quantidade de pessoas que se dirigiam à comunidade pode ser explicada pelo contexto de migração e religiosidade da época, como evidencia Airton de Farias no livro “História do Ceará” (2015). Os relatos dão conta de que, enquanto a seca castigava a região, a comunidade vivia em fartura pela abundância de sua produção. Relata-se que na terra de tudo dava e tudo se produzia, que era subsistente, demandando apenas o sal e o querosene, estes que eram trocados no mercado local pela produção advinda da comunidade.

Afirma Farias (2015) sobre o crescimento do Caldeirão:

Enquanto na seca de 1932 milhares morriam de fome e doenças por todo o Nordeste, o Caldeirão foi uma exceção. A comunidade abriu os depósitos de víveres, acolhendo e dando alimentos e trabalho a centenas de retirantes. Durante os 23 meses da estiagem, o Caldeirão sustentou todos os retirantes (cerca de 500 pessoas), que, na maioria, decidiu depois se fixar na fazenda (FARIAS, 2015, l. 9591).

O crescimento da comunidade aumentou a partir de 1932, ano de uma das maiores secas do Nordeste. Tamanha a migração que foram criados campos de concentração nas imediações das principais cidades e na capital do estado, Fortaleza (CE), com o propósito de reter os migrantes e suas mazelas (FARIAS, 2015).

O lugar era referência para os romeiros e flagelados da seca, mas não só para eles, haja vista que, à época, fazendeiros do Rio Grande do Norte decidiram doar seus bens à comunidade e viver a fé e o trabalho juntamente aos camponeses do beato José Lourenço. O trabalho coletivo

liderado pelo beato e a fé sustentada inicialmente no Padre Cícero também são fatores que fortaleceram e atraíram atenção para a comunidade.

Cícero Romão Batista, ao ter as ordens suspensas e se mudar de Crato para emancipar Juazeiro do Norte, atraía a atenção das oligarquias e a confiança dos romeiros, que já o tinham como santo após o suposto milagre da hóstia santa envolvendo a beata Maria de Araújo. Esse fato, que culminou na suspensão de suas ordens no final do século XIX, o acompanhou por todos os anos de sua vida e fez com que ele atraísse, para onde quer que estivesse, romeiros e romarias de todas as regiões circunvizinhas a Juazeiro do Norte.

As pessoas buscavam na figura do santo popular um milagre para curar as enfermidades ou uma ajuda que as possibilitasse sobreviver à miséria. Muitas das pessoas que se dirigiam a ele eram encaminhadas para a comunidade do beato que, bondoso e caridoso, socorria e abrigava quem precisasse e estivesse disposto a trabalhar. Aquele lugar de trabalho e oração era um lugar de trânsito. As pessoas lá permaneciam por um curto período, no entanto outras fixavam residência. Podia ficar quem comungava do espírito da coletividade, estava disposto a trabalhar e tinha interesse em permanecer ali.

A formação da comunidade, a divisão do trabalho, o dia a dia, e a forma de destruição do Caldeirão são fundamentados na religiosidade, na igualdade e na prosperidade do lugar, por isso, a comunidade era comparada a Canudos, José Lourenço a Antônio Conselheiro (LOPES, 2011) e a forma de trabalho aos ideais marxistas. Muitos noticiários da época faziam referência a um movimento messiânico, a um fanatismo religioso, a uma comunidade sociorreligiosa (ALMEIDA, 2011).

Na literatura e nos materiais audiovisuais são narradas muitas cenas no dia a dia da comunidade: orações, procissões e celebrações na capela que foi construída pelos camponeses. Mesmo após a morte do Padre Cícero, em 1934, a fé continuou marcante, pois para muitos devotos, dentro e fora do Caldeirão, o beato era o sucessor do Padre Cícero (LOPES, 2011).

O crescimento da comunidade também tem forte influência na religiosidade. Os discursos religiosos de Severino Tavares, um missionário que saía em missão para outros estados fazendo pregações sobre a bem-aventurança da comunidade e as previsões apocalípticas, contribuíram para atrair as pessoas que buscavam viver aquela vida semelhante ao evangelho. Como Tavares difundia a vida no Caldeirão principalmente no território do Rio Grande do Norte, no ano de 1936, 75% da comunidade era composta por norte-rio-grandenses (SILVA, 2009).

O trabalho coletivo, a disseminação da ideia do governo de Getúlio Vargas como sendo uma ameaça comunista, o desconforto das oligarquias e a demanda da diocese pelas terras

herdadas do Padre Cícero, quando de sua morte em 1934, foram os gatilhos que provocaram a expulsão das famílias pelas forças policiais. Os moradores foram mantidos presos em um curral durante dias e, resistindo em não abandonar o sítio, tiveram suas casas incendiadas e os armazéns saqueados. Eram camponeses com ferramentas de trabalho rústicas, não tinham armas, não puderam confrontar. “As romarias, o crescimento da comunidade e a grande influência de José Lourenço começaram a chamar a atenção sobre o núcleo de fanáticos. Assim, a Igreja, os coronéis e o Estado, do mesmo modo como em Canudos, articularam-se e destruíram o Caldeirão” (FARIAS, 2015, l. 9615).

Após procurarem abrigo na Mata dos Cavalos – local onde se encontrava o beato Zé Lourenço que, tendo sido avisado de que estavam à sua procura, havia fugido, mas antes recomendado aos moradores que não reagissem – as forças policiais foram bombardeadas após tocaia realizada por Severino Tavares, que culminou na morte do comandante da tropa. Em revanche, as tropas sobrevoaram e atiraram granadas na nova comunidade. Nesse ataque aéreo não houve mortos, o massacre viria dos duzentos militares que atacavam por terra, sem fazer distinção:

Aconteceu ali uma das maiores chacinas da história cearense. Não se faziam prisioneiros. A debandada era geral. Adultos, crianças, velhos, eram atingidos com tiros e baionetadas. Os soldados fincavam as baionetas com tanta força que tinham de usar o pé para retirá-las. Lourenço e algumas famílias conseguiram escapar, sorte que não tiveram outros. Muitos clamavam, em lágrimas, o nome de Deus para não serem mortos, mas acabavam fuzilados sumariamente pelos atacantes. A pele de alguns chegou a ser arrancada a golpe de faca (FARIAS, 2015, l. 9791).

A história da comunidade do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto não foi acolhida pela História do Estado do Ceará, nos livros didáticos. A formação da comunidade, a alternativa aos campos de concentração, o extermínio, e a presença do beato desapareceram nos discursos oficiais. Mesmo o beato tendo estado ao lado do Padre Cícero por tantas décadas, de ter sido considerado seu sucessor e de receber tanta estima e consideração por parte dos que conviveram com ele, a ponto de transportarem seu corpo – quando de seu falecimento por peste bubônica, em 1946, do Sítio União, em Exu-PE, sua terceira e última comunidade – numa rede, distante 70 km, sob forte comoção popular, para enterrá-lo próximo ao túmulo do Padre Cícero, em Juazeiro do Norte.

A história do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto seguiu silenciada pelos veículos oficiais por três décadas, mas sobreviveu através da prática popular de contar histórias. Trata-se, portanto, de uma memória omitida, em que as fontes oficiais (jornais da época) apresentam uma versão heroica da atuação do Estado. Os remanescentes têm, até os dias atuais, sua versão

anulada e silenciada pela história oficial, que, de tanto ter sido repetida, fixou-se no imaginário da população.

Tomando conhecimento do percurso das memórias históricas do Caldeirão e recorrendo as peças produzidas e aos estudos realizados a partir da década de 1980, esta pesquisa se dedica a tornar visíveis as memórias amordaçadas do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto, a fim de tornar conhecido o que fora silenciado pela história oficial e levado ao esquecimento por tantas décadas e que, com tantos esforços, perpetua no imaginário popular como uma lenda.

Para alcançar essas memórias e comunicá-las, buscaremos conhecer, por meio dos documentos, as forças motrizes da comunidade – a religiosidade, o trabalho e a partilha – motivadoras de sua formação e desencadeadoras de seu extermínio.

A seguir, alguns registros fotográficos (Figuras 05 a 08):

Figura 8 - Beato José Lourenço, ao meio, posando para registro fotográfico no Caldeirão



*Da esquerda para a direita: o “secretário” Isaías, o beato José Lourenço e o repórter Luiz Maia.*

Fonte: Farias, 2015

Figura 9 – Camponeses do Caldeirão mortos



Fonte: Farias, 2015

Figura 10 - Prisão dos camponeses em invasão ao sítio Caldeirão da Santa Cruz do Deserto



Fonte: Fonte: Farias, 2015

Figura 11 - Capela situada no Caldeirão da Santa Cruz do Deserto



Fonte: Diocese do Crato, 2017.

## 1.5 Justificativa

As universidades públicas federais são entidades da administração indireta do governo federal, constituídas em forma de autarquia, o que significa dizer que são criadas por lei para garantir uma atividade específica, a saber, a oferta de ensino, pesquisa e extensão.

Enquanto autarquias, as universidades têm autonomia administrativa e financeira e, por isso, empregam os recursos repassados pelo governo federal para investimento em seus serviços, expansão de suas atividades e manutenção dos ativos tangíveis e intangíveis. Como preconiza a legislação, a estrutura predial faz parte do ativo tangível da universidade e logo é patrimônio público da União. Esse ativo deve ser zelado e não deve jamais ser depredado por ter sido adquirido com recursos oriundos de tributos de todos os contribuintes.

Pelos deveres inerentes a uma autarquia federal, as universidades públicas ofertam seus serviços de forma gratuita, promovendo o retorno dos investimentos para a coletividade. Os serviços não estão relacionados apenas ao ensino, mas também às atividades promovidas pelos projetos de extensão, aos debates dos grupos de pesquisa e às ações culturais. Como o acesso à universidade deve ser aberto a todos, tanto os serviços como os espaços físicos devem revelar

aspectos da comunidade em que o *campus* está inserido, pois isso contribui com a sensação de pertencimento e cumpre o papel de agente de transformação social por meio da educação.

A partir de sua criação, a Universidade Federal do Cariri define como objetivo a inclusão social e o desenvolvimento regional e baseia suas ações em quatro pilares: ensino, pesquisa, extensão e cultura – a inserção deste quarto elemento ao clássico tripé é um diferencial da UFCA, pois das universidades federais brasileiras apenas duas incluem a cultura entre suas pró-reitorias fins: a UFCA e a Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. Esta atenção institucional voltada às ações de cultura acrescida ao fervor cultural do Cariri são elementos que alicerçam este estudo.

O interesse em estudar a memória amordaçada do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto, recorte deste estudo, e grafitar seus indícios nas dependências da UFCA, de forma que comunique a memória coletiva da região, justifica-se pela ausência de elementos visuais nos espaços de convivência do *campus* que explicitem a memória coletiva do lugar onde a Universidade está inserida.

Esses grafites-memórias, ao serem percebidos no caminhar cotidiano dos frequentadores ou na eventual circulação dos visitantes, cumprem também a função da memória coletiva enquanto construção social.

O aspecto do interesse social na pesquisa está intrinsecamente relacionado com os princípios que fundamentam a identidade e constroem a imagem que uma instituição pública deve buscar. “Tanto no nível individual como no nível do grupo, tudo se passa como se coerência e continuidade fossem comumente admitidas como os sinais distintivos de uma memória crível e de um sentido de identidade assegurados” (HALBWACKS, 1990, p. 11).

Importante ressaltar a preocupação com este estudo, fundamentação e aplicação da pesquisa para que a intervenção – após executada – não seja reduzida a simples elemento decorativo nas dependências da Instituição, mas que contemplem as lembranças dos acontecimentos históricos que foram oficialmente amordaçados e expressem significativamente a memória silenciada do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto, de modo que o espaço da comunicação visual do *campus* seja lugar da memória social.

## **1.6 Metodologia**

Esta pesquisa se classifica como aplicada, pois os resultados serão utilizados para resolver problemas da realidade que, no estudo específico, se apresenta como a ausência de

elementos visuais que comuniquem a memória silenciada do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto dentro da UFCA - *campus* Juazeiro do Norte.

O nível é exploratório, pois procura conhecer a formação, vida e massacre do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto e o esquecimento ao qual esta memória foi submetida bem como as dinâmicas e referências do grafite enquanto ferramenta de comunicação. A parte descritiva da pesquisa está relacionada às intervenções urbanas existentes no *campus* Juazeiro do Norte da UFCA: as motivações, temas, estado de conservação e acolhimento por parte do público que circula pelo *campus*.

O delineamento buscado é misto, composto de documentos e entrevistas. Nas produções audiovisuais que trazem as memórias sobre o Caldeirão, temos: “O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto”, filme documentário de Rosemberg Cariry (1985); documentário “Caldeirão do Beato Zé Lourenço” da TV Assembleia do Ceará (2012) e documentário “Os Cearenses – Beato José Lourenço” da Fundação Demócrito Rocha e TV O Povo (2013). Na parte documental incluímos também a revista “Memórias Kariri - novembro 2017” e as dissertações e tese de Almeida (2011), Santos (2012) e Silva (2009). As entrevistas foram realizadas com os remanescentes do Caldeirão da Santa Cruz utilizando a técnica de relatos orais para captar as narrativas desses sujeitos.

Para dar consecução a esta pesquisa, fizemos a pesquisa bibliográfica recorrendo às obras de Facó (1980), Lopes (1991), Cordeiro, (2004) e Farias (2015). Estas informações reuniram dados sobre os acontecimentos e seus desdobramentos e nos ajudaram a compreender, sem juízo de valor ou busca por verdades, como as memórias obtidas por meio dos relatos orais, que foram colhidos nesta pesquisa, se formaram.

Os relatos orais dos remanescentes foram a fonte para a criação do grafite. Os registros fotográficos e os materiais audiovisuais foram recursos importantes para encontrar a forma das imagens narradas. A dinâmica de criação e execução compreendeu o Laboratório de Imagem e Estéticas Comunicacionais (CNPq-UFCA); visita à Lira Nordestina - gráfica inaugurada em 1932 que ilustrava as capas dos cordéis e que continua em atividade até os dias de hoje; o xilógrafo e cordelista Abraão Batista, três grafiteiros da região, autora e o orientador deste estudo.

### **1.6.1 Amostragem**

Optamos pela amostragem por tipicidade ou intencional, que é um tipo de amostragem não probabilística a qual consiste em selecionar um subgrupo da população para, com base nas informações disponíveis, poder ser considerado representativo de toda a população (GIL, 2010).

As entrevistas foram iniciadas pela remanescente do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto Maria Ferreira (90 anos), em seguida Maria José Sales e por último Maria José Souza. Chegamos ao nome da primeira entrevistada após conversa com Maria José Sales que, junto ao irmão Pedro Sales, mantém uma ONG em Juazeiro do Norte, localizada na Rua do Limoeiro, 1149. Eles organizam uma missa em memória do beato José Lourenço e certificam pesquisadores do Caldeirão na ocasião. Por realizarem o evento anualmente e manterem a página ativa no *facebook* puderam ser encontrados com relativa facilidade.

Esta forma de acesso às fontes que seguimos neste estudo é característica da técnica *snowball sampling*, muito utilizada em pesquisas sociais onde os participantes iniciais do estudo indicam novos participantes, que, por sua vez, indicam novos participantes (VINUTO, 2014).

Por este estudo priorizar quem vivenciou a comunidade e teve contato com o beato José Lourenço, líder dos camponeses, as fontes buscadas foram prioritariamente os remanescentes, dado que os relatos orais têm imensurável valor quando advindos de fontes diretas. Atentos ao fato de que o massacre do Caldeirão ocorreu no ano de 1937 e que, decorridos 81 anos, só poderíamos ter acesso às pessoas que eram crianças naquele período e que hoje são octogenárias, nonagenárias e centenárias.

De acordo com o estudo de Lemuel Rodrigues da Silva, em sua tese de doutorado intitulada “O discurso religioso no processo migratório para o caldeirão do beato José Lourenço”, realizada em 2009, os sobreviventes do massacre se encontram em maioria no estado do Rio Grande do Norte, em decorrência das missões de Severino Tavares terem ocorrido principalmente naquela região a partir do ano de 1934. Tomamos conhecimento disso por meio de seu estudo que contempla 26 fichas catalográficas anexadas, nas quais estão contidos fotos, nomes, datas de nascimento, endereços de residência dos entrevistados e também o resumo das entrevistas transcritas. Um *mailling* valioso das fontes que, pela expressiva quantidade, – mesmo considerando a avançada idade dos entrevistados e o tempo decorrido deste à publicação deste trabalho – nos possibilitou visualizar o alcance a uma parcela dos remanescentes, que para um estudo sobre memória coletiva amordaçada é de incomensurável valor.

Por se tratar de um estudo sobre memória coletiva e os estudos de Halbwachs sobre memória coletiva apontarem que memórias não estão restritas a quem as vivenciou, mas transpõem o espaço e o tempo do acontecimento, inclusive atravessa gerações, e considerando

todas as possibilidades de acesso aos remanescentes e qualidade dos relatos, procuramos ouvir também os relatos dos familiares destes remanescentes que estivessem na região do Cariri, assim chegamos as três entrevistadas que minudenciaremos nos tópicos seguintes.

### **1.6.2 Coleta de dados**

O grupo de entrevistados começou a se desenhar ainda durante a pesquisa documental quando foi feito um apanhado nos sites da região do Cariri para mapear as publicações sobre o Caldeirão. Durante este levantamento foi encontrado uma notícia no site OPovo sobre os remanescentes que participavam de uma missa anualmente em memória do beato José Lourenço na data de 12 fevereiro na capela do Socorro. Alice era a remanescente homenageada naquele ano e a cada ano outros remanescentes iam sendo escolhidos para receber os cumprimentos. Excelente oportunidade para um pesquisador encontrar reunidos uma parcela significativa de suas fontes. Reservamos a data.

Como programado, em 12 de fevereiro de 2019, nos dirigimos a ONG Beato José Lourenço, inicialmente a fim de adiantarmos conhecimento com o organizador da cerimônia e com isso ganhar tempo na apresentação da pesquisa e abordagem junto aos demais. Na visita à ONG encontramos Pedro Sales que nos recebeu e mostrou os espaços dedicados ao beato. Era uma casa estreita e comprida obedecendo ao padrão arquitetônico de Juazeiro do Norte em que um cômodo sucede outro. Quadros, folders, cartazes e banners estampavam as paredes, um ambiente muito modesto, mas, que reunia muitos registros do líder do Caldeirão. Expliquei a pesquisa e os dados que buscava e confirmei a presença e a colaboração dele para abordar as fontes na missa que se iniciaria em poucas horas.

Esta visita, assim como os demais primeiros contatos que aconteceram com as demais fontes teve forte caráter de observação, por ser a técnica mais adequada aos estudos qualitativos de caráter experimental. “A observação desempenha papel imprescindível no processo de pesquisa, apresenta como principal vantagem, em relação a outras técnicas, a de que os fatos são percebidos diretamente, sem qualquer intermediação” (GIL, 1999, p. 110). Os registros da observação foram feitos por anotações, fotografias e por vídeos do local para identificar os elementos visuais que se sobressaíssem durante a visita.

Após a missa, naquela tarde do dia 12, fui apresentada à remanescente homenageada na ocasião e aos seus familiares, fui também apresentada aos familiares de outros remanescentes, a pesquisadores e aos cordelistas. Este foi um valioso momento para inteirar às fontes sobre o

estudo, formar um *mailing list* e agendar as entrevistas. A partir deste encontro foi feito um diário de campo para aprofundar a inserção da pesquisadora no campo estudado e compreender as histórias de vida dos habitantes da comunidade.

As entrevistas iniciaram decorridas algumas visitas. Isto foi importante para criar confiança no método proposto e nos objetivos da pesquisa. Os relatos orais nestas circunstâncias de confiança mútua permitiram um maior contato com o que estava armazenado na memória. Cada um pode, auxiliado por lembranças de imagens, odores e sons, escavar suas memórias, mas para o que buscávamos conhecer, a total atenção foi imprescindível, pois “para poder relatar seus sofrimentos, uma pessoa precisa antes de mais nada encontrar uma escuta” (POLLAK, 1989, p. 4).

As entrevistas não ultrapassaram mais de duas horas para que não ficassem exaustivas. Foram precedidas de conversas acerca de suas histórias de vida nas visitas ocorridas nos dias anteriores bem como no dia da gravação. Para guiar a entrevista foi utilizado um roteiro não rígido que permitiu ao entrevistado narrar os fatos espontaneamente (LAKATOS, 2006).

Seguimos este roteiro:

1. Nome;
2. Data e local de nascimento;
3. Estado civil;
4. Quantidade de filhos;
5. Quando trabalhava qual a sua principal ocupação?
6. Infância e juventude;
7. Tem alguma devoção, pratica alguma religião?
8. Como sua família foi para o Caldeirão?
9. Quais as primeiras lembranças do Caldeirão?
10. Quais recordações tem do beato Zé Lourenço?
11. Quais recordações têm das obrigações do trabalho, da alimentação?
12. A comunidade tinha alegria, diversão, tranquilidade?
13. Tinha celebração da palavra, confissão, penitências?
14. Ouvia falar do Padre Cícero?
15. E as secas da época?
16. Como foi a saída do Caldeirão?
17. Qual a lembrança mais forte desses anos no Caldeirão?
18. O que mais deseja falar?

Não houve obrigatoriedade de resposta, nem necessária obediência a ordem. As perguntas foram para nortear, mas todas as informações coletadas foram válidas.

Os métodos da História Oral oferecem um suporte metodológico nos estudos da memória e das narrativas orais de história de vida, e também possibilitam a compreensão de processos comunicacionais e sua intersecção com a cultura. Cada sujeito, ao narrar sua trajetória de vida, se revela uma testemunha e um artífice da história. Essas narrativas orais não são menos verdadeiras, nem menos ficcionais do que muitas histórias oficiais. Não se busca a verdade, já que cada sujeito narra a partir de sua subjetividade, uma vez que cada um vê o objeto a partir do seu lugar no mundo e constrói sua narrativa de forma seletiva, marcando sua trajetória de acordo com sua concepção de mundo e sua percepção de si mesmo (PERAZZO, 2015, p. 123).

## 2 REFERENCIAL CONCEITUAL

### 2.1 Grafite como expressão da memória coletiva

O grafite ganhou destaque na década de 1980 para dar voz aos marginalizados, surgiu como um grito dos invisíveis reclamando no concreto da cidade a sua opressão e invisibilidade. Sua gênese nos remonta ao início da década de 1950, por influência do pós-modernismo, e é entendida majoritariamente como uma prática estadunidense, apesar de ser anteriormente registrada em grandes centros urbanos, como Itália e Berlim, como afirma Paixão (2012). Mas como a voz dos excluídos ganha notoriedade nos Estados Unidos, se faz ferramenta de protesto, se soma ao *hip hop* e reclama nas ruas a existência dos sujeitos.

No Brasil, o grafite tem início em São Paulo, a partir da década 1970, como forma de protesto à ditadura, o que lhe dá um aspecto estético diferenciado, já que muitos artistas empregavam suas habilidades nesta prática clandestina contrariando a censura a qual eram submetidos (SILVA, 2014). Após este período se mantém pelo crescimento do *hip hop* no Brasil.

Não é possível identificar temporalidade de espaço no surgimento entre grafite e pichação. Elas seguem inseparáveis por décadas. Esse abismo que separa a pichação e o grafite, pelo menos como se vê no Brasil, teve início no começo da década de 1980, nos Estados Unidos, e é explicado, em parte, pelo acolhimento que as galerias deram ao grafite – pois os grafiteiros foram acolhidos como artistas pelos críticos de arte e passaram a expor em conceituadas galerias, enquanto o picho foi desprezado.

Em termos de estilo, para Gitahy (1999), o grafite pode ser classificado em três tipos: estilo das máscaras, estilo americano e estilo a mão livre. O grafite se diferencia do picho quanto ao uso de desenhos e a precisão da forma, o picho é a utilização da escrita, é o uso das letras sem se preocupar com o uso de cores, definição de traços ou margens. O autor ainda destaca:

Do ponto de vista estético, a produção de grafite é marcada por aspectos como: expressão plástica figurativa e abstrata; natureza gráfica e pictórica; utilização de imagens do ‘inconsciente coletivo’; repetição de um mesmo original por meio de uma matriz ou de um mesmo estilo. A partir do enfoque conceitual, pode-se descrever o grafite como uma linguagem subversiva, espontânea, gratuita, efêmera que discute e denuncia valores sociais, políticos e econômicos com humor e ironia, além de democratizar e desburocratizar a arte, aproximando-a do homem comum (GITAHY, 1999, p. 14).

O autor ainda classifica a forma híbrida, que são as *bomb* ou *bombers* como grafite de letras coloridas, com formas e contornos em tipos “gordas”, em 3D ou em formas de seta e distorcidas. Foram amplamente executadas nas décadas de 1980 e 1990 e, nos dias atuais, são frequentemente encontradas tomando todo o espaço dos muros nas intervenções. Estas *bombers* são vistas também nas *tags* que significam, na linguagem popular, as assinaturas dos artistas.

O picho apresenta formas cifradas que dialogam com grupos que têm a mesma proposta ou utilizam a linguagem verbal para deixar a mensagem.

A respeito das características estéticas, podemos dizer que o grafite privilegia a imagem, a pichação, a palavra e/ou a letra. Letras estilizadas ou distorcidas, formando nomes, apelidos individuais ou de gangues traçadas com tinta, com spray ou carvão sobre muros, portas, paredes, placas, cartazes, prédios, parapeitos, soleiras, beirais, etc. compõem a linguagem dos “pichos” (GITAHY, 1999, p. 14-15).

Assim, nas cidades, os espaços vão sendo ocupados e ressignificados pelas artes que surgiram co-irmãs e hoje são, supostamente, diferenciadas pelos aspectos estéticos e pela abordagem marginal que os veículos de comunicação e críticos de arte deram na década de 80 e que se consolidou como conceito da prática.

Apesar de ter as suas criações cobertas de tinta cinza ou pela publicidade, os grafiteiros e pichadores continuam reivindicando o seu espaço intervindo com o *spray* nas fachadas (CIDADE CINZA, 2013). Com isso é possível “entender o fenômeno da comunicação urbana no contexto de uma luta simbólica não só pelo território da cidade como também na disputa de ideias e posições subjetivas que nela se geram” (SODRÉ 2006, p. 6).

Grafites, cartazes comerciais, manifestações sociais e políticas, monumentos: linguagens que representam as principais forças que atuam na cidade. Os monumentos são quase sempre as obras com que o poder político consagra as pessoas e os acontecimentos fundadores do Estado. Os cartazes comerciais procuram sincronizar a vida cotidiana com os interesses do poder econômico. Os grafites (como os cartazes e os atos políticos da oposição) expressam a crítica popular à ordem imposta. Por isso são tão significativos os anúncios publicitários que ocultam os monumentos ou os contradizem, os grafites inscritos sobre uns e outros. Às vezes, a proliferação de anúncios sufoca a identidade histórica, dissolve a memória na percepção ansiosa das novidades incessantemente renovadas pela publicidade. De outro lado, os autores de lendas espontâneas estão dizendo que os monumentos são insuficientes para expressar como a sociedade se move. Não é uma evidência da distância entre um Estado e um povo, ou entre a história e o presente, a necessidade de reescrever politicamente os monumentos? (CANCLINI, 1997, p. 7).

A disputa pela comunicação da cidade segue na proporção em que fica consciente a importância do domínio do espaço para gerar as subjetividades. Essa multiplicidade de vozes, cada uma buscando o seu espaço e emitindo sentidos nem sempre consoantes, é definida por

Massimo Canevacci (2004, p. 17) como polifonia, em que “a cidade em geral e a comunicação urbana em particular comparam-se a um coro que canta com uma multiplicidade de vozes autônomas que se cruzam, relacionam-se, sobrepõem-se umas às outras, isolam-se ou se contrastam”.

Temos, a partir dessa definição, que a comunicação da urbe é rica em informação, estímulos visuais e interação e é neste espaço que “a pixação e o graffiti vão estar se inserindo de maneira ‘desordenada’, se propondo a inovar as formas de comunicação deixando de lado certos códigos estáticos. Produzindo um significado próprio destes códigos” (SANTOS, 2012, p. 24-25).

Então, é assim que o grafite resiste e que o *campus* universitário, da mesma forma que a cidade, se torna espaço para memórias coletivas e silenciadas por meio da prática comunicacional do grafite. Dentro de um *campus* universitário que possui a heterogeneidade característica das cidades, de seus meios e suas mediações várias formas de criatividade estética se manifestam e “dentre todas essas expressões, talvez seja o grafite o que apresenta uma transformação mais sintomática das mudanças em curso no modo de existência do popular urbano. Trata-se do lugar da mestiçagem da iconografia popular com o imaginário político dos universitários” (MARTIN-BARBERO, 1997, p. 276).

Se arquitetura predial, monumentos, estátuas, placas e os registros que se fizeram deles conservaram a memória histórica (CANCLINI, 1997), grafites pela sua natureza comunicacional se constitui como potencialidade expressiva necessária à manutenção das memórias coletivas.

### **2.1.1 O Grafite no Cariri e no processo de desterritorialização da UFCA**

Na região do Cariri, grafitar se tornou mais frequente e perceptível a partir de 2005 com os coletivos de grafiteiros que passaram a se formar na região. A prática do grafite, mesmo em menor proporção, acompanha o picho desde a década de 90, combinação tendência onde estas intervenções acontecem. Para a dinâmica de fluxo e populacional das cidades da região e, pela quantidade de artistas contactados durante este estudo, observamos que as intervenções não atingiram sua potência, elas acontecem ainda de forma tímida, em alguns momentos avançando, outros recuando. Isto se explica em parte pela intensidade da prática estar ligada a agitação das cidades, já que é uma linguagem originária dos grandes centros e, a região metropolitana do Cariri mescla a calma das cidades interioranas com as demandas de cidades populosas.

Com a presença continuada da prática do grafite nas cidades do Cariri a técnica passou a ser utilizada como recurso pelos artistas locais para expressar suas produções de forma institucionalizada. Ligado a projetos educativos e culturais ou em casas de shows de iniciativa privada as paredes apresentam em cores as criações dos grafiteiros com suas latas de spray.

Estas intervenções formalizadas e consentidas fazem com que a obra da região tenha características estéticas e conceituais variadas, pois, ela necessita conciliar a demanda de quem contrata o grafite com o estilo do artista. A arte é espalhada no Cariri pelas mãos de coletivos, ONGs, empresas independentes e artistas desconhecidos, que buscam valorizar na expressão de seus traços a identidade da região a qual pertencem, suas inspirações e a essência que carregam.

Há iniciativas que aproximam o grafite das linguagens estéticas locais, como a que aconteceu em 2006, quando grafiteiros participaram de oficinas de xilogravura na Lira Nordestina, situada em Juazeiro do Norte, referência na produção de cordel e por consequência disso em xilogravura, que é a ilustração das capas destes folhetos de literatura. “Eles que buscam aproximação da linguagem iconográfica da xilo, e os xilógrafos, esses dão aula aos grafiteiros. É o traço cheio de lendas do sertão mesclado às histórias urbanas” ressalta Flávio Ferraz em entrevista ao Diário do Nordeste (2006) ao participar de oficina.

Se destaca na cena do grafite do Cariri a obra de OsGêmeos (Gustavo e Otávio) executada no metrô que faz a linha Crato a Juazeiro do Norte. A intervenção resultou de um projeto da dupla que buscava levar a arte até as pessoas nas mais diferentes regiões do país. No período que estiveram no Ceará, grafitaram 15 trens distribuídos nas cidades de Fortaleza, Sobral e Juazeiro do Norte. “Para a empresa parceira do projeto, a pintura dos trens estimula a relação entre o público e o metrô, ao agregar uma linguagem artística que se comunica com as ruas e com a cidade, e assim contribui para a valorização e preservação do patrimônio público”.

Figura 12 - Grafite de OsGêmeos no trem que faz a linha Crato Juazeiro



Fonte: Metrofor

Na região metropolitana do Cariri as intervenções realizadas em Juazeiro do Norte servem de inspiração para que a prática chegue em outras cidades. Um exemplo desta expansão é a cidade de Mauriti, localizada a 82km de distância de Juazeiro do Norte e que possui grafites que retratam personagens da cultura nordestina. Por iniciativa do grafiteiro Roger Grafite que descobriu a técnica ainda criança nas ruas de Juazeiro do Norte, são realiza oficinas, desde 2015, em parceria com a administração municipal de Mauriti e multiplica os saberes com o objetivo de ampliar a prática do grafite na cidade e criar projetos coletivos na região.

Recentemente um grupo de grafiteiros se empenha em colorir a cidade de Juazeiro do Norte através do Projeto Arte Humanitária (PAH). O primeiro grafite da série foi feito no bairro Tiradentes e homenageou o artista local Luís Karimai com quem os artistas mantêm uma relação de agradecimento a sua memória pelo incentivo ao grafite que seguem executando e às artes na região. Fabiano Dias, Adriano Barros, Paulo Duplex e Pakato Dias produzem grafites paralelos ao projeto e, em termos financeiros, afirmam conseguirem manter suas famílias com o trabalho da arte urbana.

O grafite é um recurso estético com forte presença nos pontos comerciais. Isto acontece em decorrência do ar descontraído que empresta aos ambientes. Nas instituições de ensino, quer seja pelos projetos desenvolvidos que contemplam a modalidade, quer seja pela característica transgressora da linguagem que alcança o público jovem visualizamos as intervenções nas paredes com muita frequência.

É também a partir de 2010 que a prática passa a acontecer dentro do *campus* Juazeiro do Norte e, de forma mais intensa, no ano de 2016, o que coincide com a agitação em âmbito nacional e com as peculiaridades e diferenciações decorrentes da desterritorialização do *campus* Juazeiro do Norte da UFC e reterritorialização do *campus* central da UFCA. Processo este que na construção de sua identidade visual subtrai os elementos da cultura que dá nome à região e também à nova universidade. Falamos da tribo Kariri que teve seu protagonismo anulado em detrimento dos elementos da fauna e da flora.

Este processo de desterritorialidade, transitoriedade e reterritorialidade dos espaços não precedido por uma transição gradativa, mas marcado por um abrupto desmembramento, produziu um vazio o qual foi reivindicado pelas intervenções no concreto do *Campus*.

Contam os estudantes que vivenciaram a criação da UFCA:

‘Não sabíamos que existia uma universidade federal do cariri quando fomos pegos de surpresa por um carro de som anunciando que nós éramos alunos da nova universidade. Todo mundo ficou se perguntando ‘como assim e a UFC que até o dia anterior era nossa universidade? Não que não desejássemos uma universidade federal do cariri, mas nos tornamos parte dela sem consciência dessa inclusão’<sup>1</sup>

“Lembro que houve muita resistência de uma parte dos estudantes, porque uma parcela realmente foi pega de surpresa, muita gente não compreendia como havia saído de UFC para UFCA. [...] Pela minha percepção, foi uma surpresa. Algo que haviam rumores de corredor, mas que se achava que era só conversa, que não se concretizaria”<sup>2</sup>

Os grafites no *campus* são vozes no processo de formação da cultura do novo lugar e elo com o passado. Foi assim com os grafites executados durante o pertencimento do *campus* à UFC e com os que vêm surgindo, ressignificando a universidade com as características do meio em que está inserida. As intervenções são linguagem para construir sua reterritorialidade abarcando a cultura e a memórias do lugar.

---

1 Lívio Brandão, estudante de agronomia durante período de criação da UFCA; via whats app, em 21 de junho de 2019.

2 Danielle Ferreira, estudante de jornalismo durante o período que criação da UFCA; via whats app, em 05 de junho de 2019

Os grafites que deixam de existir neste percurso quer seja por apagamento institucional, quer seja pelo desgaste do tempo são também elementos de apropriação simbólica que contribuíram ao significar os espaços com o processo de desterritorialização e reterritorialização.

E assim o grafite se desterritorializa do campo secundário e se reterritorializa como ferramenta de significação da universidade. Ele se constitui ferramenta da cultura do novo espaço ao interagir com a comunidade em geral, por exemplo, através da culminância das atividades no *campus* e da comunicação das memórias silenciadas.

Os significados no *campus* e o apagamento institucional passam a ser questionados em vários espaços, entre eles, as redes sociais. A figura abaixo ilustra um desses momentos:

Figura 13 – Texto em rede social sobre as intervenções dentro do *campus* Juazeiro do Norte



Fonte: Facebook, 2017

## 2.2 Memória coletiva

### 2.2.1 Memória e espaço público

O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto segue o caminho de reivindicação de seu lugar no espaço público mesmo com o silenciamento ao qual foi submetido por décadas. Segundo o

pensamento de Pollak, memórias sufocadas pelos dominadores continuam seu trabalho em silêncio e esperam o momento de cobrar seu reconhecimento:

O longo silêncio sobre o passado, longe de conduzir ao esquecimento, é a resistência que uma sociedade civil impotente opõe ao excesso de discursos oficiais. Ao mesmo tempo, ela transmite cuidadosamente as lembranças dissidentes nas redes familiares e de amizades, esperando a hora da verdade e da redistribuição das cartas políticas e ideológicas (1989, p.3).

Em relação ao tempo e ao silenciamento de memórias, Pollak (1989) apresenta preocupação sobre o “não-dito” pois, dada a quantidade de vezes que as versões oficiais são transmitidas no decorrer dos anos, gera na parte silenciada um sufocamento e o efeito disso é que muitos não queiram evocar as lembranças para não trazer à tona o sentimento de exclusão. Não estar em conformidade com o que a sociedade dominante e os órgãos do poder tentam impor, provoca o silêncio das lembranças do indivíduo para não ser repreendido e preservar sua permanência e suas relações naquele meio.

Contribui para este sufocamento o fato de a memória oficial ter a credibilidade e a aceitação a seu favor enquanto sobre as memórias não oficiais pairam a dúvida quanto à veracidade dos fatos, integridade das fontes e suspeição dos interesses.

Para alcançar a credibilidade no resgate das memórias, o autor destaca a importância da memória enquadrada, da escolha de fontes confiáveis e do acesso aos arquivos e aos “historiadores da casa”. “Além de uma produção de discursos organizados em torno de acontecimentos e de grandes personagens, os rastros desse trabalho de enquadramento são os objetos materiais: monumentos, museus, bibliotecas etc.” (POLLAK, 1989, p. 8-9).

A melhor forma de acesso às memórias se dá pelos sentidos: cheiro, som, movimento, contrastes diz Pollak (1989) citando o entendimento de Dominique Veillon a respeito do acesso às recordações pessoais. O autor destaca, ainda, o filme testemunho e o documentário como valiosos recursos no alcance das memórias coletivas pela organização da memória na sequência das cenas e pela captação das emoções.

### **2.2.2 Memória Social**

Maurice Halbwachs (2006) defende a memória coletiva como não sendo algo retido no indivíduo, mas contida em um grupamento social, vinculada a um conceito de coletividade, pois inclui todo o grupo ao qual pertence. Sociologicamente, ele acredita que ela nunca está

apartada do convívio social e por isso vai além de suas lembranças enquanto indivíduo. “Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que nós vimos” (HALBWACHS, 2006, p. 24).

Para Le Goff (2003), as memórias sociais ganharam maior destaque a partir do século XX, e podem ser definidas como as lembranças que permanecem no imaginário de uma comunidade de forma que não necessariamente precisam ser comprovadas. Este lembrar e esquecer faz parte de todos os envolvidos no contexto histórico e varia de acordo com o envolvimento de cada um com o contexto social.

Estas memórias essencialmente coletivas, segundo Halbwachs (2006), não ficam paradas no tempo e no espaço e não se acessam de forma estática como um sonho, mas acompanham a evolução do indivíduo e sofrem as interferências do passar dos anos e, devido a estas características, também se transformam com o tempo. “Cada memória individual é o ponto de vista sobre a memória coletiva, que este ponto de vista muda segundo o lugar que ali ocupo e que este mesmo lugar muda segundo as relações que mantenho com outros ambientes” (HALBWACHS, 2006, p. 69).

Para Le Goff (2003), a memória sobrevive ao desgaste do tempo, está atrelada à identidade do sujeito, é passível de interpretações, serve para que o passado seja uma forma de servir ao futuro, em busca de uma libertação individual e coletiva e não algo que aprisione o homem e o prenda em seu passado tornando-o servo de experiências.

Nora (1993, p. 9) também reforça que:

A memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta a dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulnerável a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências e de repentinas revitalizações.

Não há preocupação quanto aos fatos que ficarem para traz em virtude das falhas da memória motivadas pelas ações do tempo e pelos esquecimentos que são inerentes a nossa condição humana (BOSI, 1979) e são também fruto de nosso meio (HALBWACKS, 2006).

### **2.2.3 Memória e História**

Le Goff (2003) explica o lugar que os acontecimentos decorridos ocupam na sociedade e destaca que a memória histórica não se restringe a dados advindos das lembranças individuais

ou das lembranças situadas no grupo, ela é construída com base em fatos examinados, comprovados e consagrados no tempo. Esta memória testada, documentada é constituída pela formalização dos fatos, tende a ser unilateral, foi construída posteriormente ao exame dos fatos, está na maioria das vezes limpa de sentimentos. Há nos documentos que a fundamenta uma escolha prévia de palavras, sujeitas à manipulação, formalizadas e, por vezes, repetidoras do discurso dominante. O que não elimina as memórias sociais de também transmitirem as narrativas de acordo com o seu ponto de vista, importante dizer. “A memória se enraíza no concreto, no espaço, gesto, imagem e objeto. A história só se liga às continuidades temporais, às evoluções e às relações das coisas. A memória é um absoluto e a história só conhece o relativo” (NORA, 1993, p. 9).

Não há disputa de valor entre as formas de acesso à memória: a memória social e a memória histórica são importantes instrumentos de acesso aos acontecimentos. Não há história sem que haja um documento, da mesma forma que não há ser humano sem que possua uma memória (LE GOFF, 2003).

Bosi (2003) relaciona a construção da história com base nas memórias, sejam elas individuais ou coletivas, e estabelece que aprender, refletir e ter o passado como plano para o futuro é um dever de todo homem, para que no futuro os erros sejam menores.

Ricoeur (1994) ajuda a entender a reconstrução das memórias em que as vivências e o tempo se misturam ao longo dos anos. O tempo decorrido não significa um tempo de separação, mas de interpretações e reinterpretções dos fatos passados. O passado não está acabado e o acesso a ele não se dá de forma linear, límpida, sem entraves nem ruídos. “Para Ricoeur, a relação entre o passado e o futuro merece ser preservada para evitar a ruptura dessas duas dimensões. Se isso acontece, se instaura uma situação de crise, pois as expectativas e as experiências constitutivas da história se desintegrariam” (LEAL, 2016, p. 58).

É preciso lutar contra a tendência a só se considerar o passado do ponto de vista do acabado, do imutável, do irrevocável. É preciso reabrir o passado, nele reviver as potencialidades não realizadas, contrariadas ou até mesmo massacradas (RICOEUR *apud* LEAL, 2015, p. 153).

Os estudos desenvolvidos por Halbwachs, professor de psicologia social no Collège de France e morto no Campo de Buchenwald em 1945, apontam que a memória pode ser influenciada pelas experiências acumuladas ao longo da vida, mudando ao longo do tempo da mesma forma que o indivíduo e suas formas de se relacionar com o mundo mudam. Bosi (2003) segue esta linha de pensamento e reforça a memória como sendo uma soma dos fatos vividos e

ouvidos e dá destaque para que as histórias de cada indivíduo não sejam engavetadas, mas floresçam onde aconteceram.

#### **2.2.4 A reconstrução da memória**

Sobre o alcance das memórias, Ecléa Bosi (2003) reconhece a riqueza da memória oral, formada pela junção de pontos distintos associados com a emissão de valores e culturas, além dos afetos inseridos naturalmente que constroem uma memória rica em detalhes, ainda que passível de desvios, preconceitos e mais sensibilidade.

Bosi (1979) preza, em seu livro “Memória e Sociedade – lembranças de velhos”, a valorização das memórias orais advindas de pessoas experientes. Segundo ela, os “velhos”, como se refere aos idosos, possuem uma riqueza ímpar de memória, pois viveram muito e sempre possuem algo de novo para compartilhar, têm sua interpretação individual e possibilitam inúmeros relatos sobre um mesmo fato.

Para (Bosi, 1979) a não linearidade na reconstrução das memórias é decorrente da tendência do homem de, ao longo da vida, eliminar memórias para poder começar um novo ciclo e construir novas delas. Nesse movimento são excluídas memórias indiferentes para esse novo ciclo e há um esforço para eliminar as experiências que não foram agradáveis. Em Pollak (1989) também encontramos exemplo de memórias excluídas por medo de represálias ou reprovações sociais: é o caso de soldados que não mencionam as guerras que presenciaram, os judeus homossexuais no período pós-guerra por temerem o apontamento em seus ambientes de trabalho bem como o medo do julgamento social.

Não há necessidade da comprovação da veracidade dos fatos colhidos em relatos orais, haja vista que a interpretação deles ocorre individualmente de modo que o esquecimento seja algo previsto no contexto de memória, isto é, em uma dada história, é sabido que o narrador pode excluir a parte que não lhe convém, ou que causou algum tipo de trauma, seja ele de natureza física ou psicológica.

Os instrumentos da história oral permitem o acesso ao interior do indivíduo, suas recordações, suas dores, suas saudades. Isso é perceptível no tom, nas pausas e nos silêncios. Para as vítimas subjugadas e apontadas o silêncio de não tocar no assunto “é como se esse sofrimento extremo exigisse uma ancoragem numa memória muito geral, a da humanidade, uma memória que não dispõe nem de porta-voz nem de pessoal de enquadramento adequado”. Decorre disso a importância da escuta (POLLAK, 1989, p. 12).

### 2.3 Sobre o Caldeirão da Santa Cruz do Deserto

Para compreender o caminho de construção das memórias dos remanescentes – dada a escassez de fontes do período que apresente a versão dos camponeses – recorreremos às fontes que emergiram a partir dos 50 anos do massacre. Destacamos:

- O filme documentário “O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto” (1985) do cineasta Rosemberg Cariry, que aborda em 1h15min imagens e depoimentos sobre a vida do beato em suas comunidades, aspectos da religiosidade amparada na figura do Padre Cícero, a luta dos camponeses pela sobrevivência e a violência do Estado no massacre. Os pontos altos do documentário estão nos depoimentos dos remanescentes adultos que vivenciaram o trabalho, a partilha e a violência do Estado; das crianças da época, como no caso de uma das órfãs que era criada pelo beato; do tenente José Goés de Campos Barros – delegado da ordem política e social que redigiu o relatório da ação policial que culminou no massacre; e na imagem do poeta Patativa do Assaré no Horto em Juazeiro declamando o um Caldeirão símbolo de luta pela Reforma Agrária;

- O documentário “Caldeirão do Beato José Lourenço” (2012), produção da TV Assembleia Legislativa do Ceará, apresenta a experiência socialista liderada pelo beato no interior do Ceará. O filme tem 60 minutos, divididos em cinco capítulos, e traz depoimentos de historiadores com diferentes versões sobre os acontecimentos no Caldeirão: testemunhos de filhos e de netos de remanescentes que trazem reprovações sobre as abordagens de Isaías e Tavares – respectivamente, um era uma espécie de gerente e o outro um missionário que difundia a comunidade do Caldeirão principalmente no território do Rio Grande do Norte e atraía pessoas que vendiam suas posses e as doavam ao beato. Um dos pontos altos é o depoimento de Dom Panico, bispo da Diocese do Crato, em que reconhece a perseguição que a igreja fez ao beato;

- O documentário da Fundação Demócrito Rocha e da TV O Povo que narra a história de importantes nomes do Ceará, como Patativa do Assaré, Rachel de Queiroz e Padre Cícero. Traz no capítulo denominado “Os cearenses – Beato Zé Lourenço” (2013) depoimentos de historiadores e sociólogos do Ceará que revelam a trajetória do beato José Lourenço desde a infância em Pilões de Dentro, na Paraíba, até o sepultamento em Juazeiro do Norte. Tais depoimentos fazem parte de obras já publicadas e referenciadas neste estudo.

- A tese “O discurso religioso no processo migratório para o caldeirão do beato José Lourenço” (SILVA, 2009), as dissertações “Memória e história: o Caldeirão da Santa Cruz do Deserto na narrativa histórica” (ALMEIDA, 2011) e a “Representações do Caldeirão do beato José Lourenço na literatura de cordel: leituras comparativas” (SANTOS, 2012) abordam respectivamente os depoimentos dos remanescentes norte-rio-grandenses sobre a evangelização de Tavares que atraía pessoas de diferentes classes econômicas para a Comunidade na busca de viver conforme o evangelho; o processo de esquecimento analisando o papel da imprensa na formação de uma opinião pública contrária ao Caldeirão, tendo inclusive incentivado o massacre bem como as iniciativas que tornaram a memória do Caldeirão difundida; e os cordéis que contam a história do Caldeirão de 1935 a 1992, período que contempla, destaque-se, as três décadas de silenciamento.

Dois aspectos importantes que se revelam à medida que analisamos o período de formação da comunidade são os impactos da extrema seca e da forte religiosidade, pois as pessoas que buscavam abrigo no Caldeirão já não tinham como sobreviver com suas famílias nas terras em que viviam, sendo flagelados eles não tinham suas presenças desejadas nos locais mais desenvolvidos para não desencadear miséria e atraso. Os que não eram retidos nos campos de concentração e buscavam escapar da seca, se dirigiam a Juazeiro do Norte para conseguir um abrigo ou um milagre do Padre Cícero que, desde o milagre da hóstia santa em 1889, atraía os romeiros e, em 1914, já havia emancipado e impulsionado o povoado.

Ressaltamos que a permanência no Caldeirão não estava restrita às grandes secas e à figura do Padre Cícero, mas a forma de trabalho, partilha e os ideais de salvação, que faziam com que aqueles que tinham posses se desfizessem de seus bens e optassem por viver na comunidade liderada pelo beato era também um fator aglutinador.

### **2.3.1 Flagelados, migração e campos de concentração no contexto do Caldeirão**

A seca no Nordeste começa a ser registrada em 1583 quando o padre Fernão Cardin apresenta a saída dos índios de terras no Sertão do Pernambuco e Rio Grande do Norte atingidos pela seca, forçando milhares de pessoas a se refugiarem no litoral em busca de novos plantios e ganho de vida (RIOS, 2001).

A partir de 1877, ocorreu uma seca severa na região Nordeste, que se aprofundou em 1881 e se estendeu até 1887. Neste período, morreram mais de meio milhão de pessoas. Fortaleza recebeu milhares de pessoas que migravam da fome, da seca e da peste de maneira

que não mais comportava a enorme quantidade diária de cidadãos que vagavam em busca de sobrevivência em suas ruas. Eram muitas as mortes e doenças que se alastravam decorrentes do estado de miséria dos desabrigados (RIOS, 2001).

A forma de preservar os habitantes e de manter a ordem da cidade no processo de embelezamento pela qual Fortaleza vinha passando neste período da *belle époque* foi promover o isolamento da região e formar em seu entorno campos de concentração onde estas pessoas permanecessem impedidas de adentrar a capital. O forte que originou o nome da cidade e que se justificava para impedir as invasões externas, neste caso, também explicava a política que impedia as invasões internas (OS CEARENSES, 2013).

Têm-se para além das questões geográficas e climáticas, características do semiárido que o curto espaço de tempo entre as crises e a ausência de políticas duradouras em cada uma delas não permitia a reestruturação nem a permanência dos camponeses em suas terras. Surge assim, a indústria da seca (FARIAS, 2015). A ocupação que o governo proporciona para solucionar as situações não se estende pelos períodos fora da estiagem, a mão de obra empregada para a propriedade privada não resulta em benfeitoria para as regiões, em todas as vezes que a seca se instala os camponeses se deparam com a mesma falta de condições de permanecer em suas terras.

Os governantes acreditavam que dando condições de trabalho para o período crítico estavam de fato fazendo algo útil para a população, ainda que não houvesse obras de beneficiamento comum, fator que era lucrativo à indústria da seca que se estabelecia aos poucos na região de forma que um número maior de trabalhadores ficava, nestes períodos, à mercê de pouco ganho para muito trabalho (FARIAS, 2015).

Em 1915, vive-se mais uma grande seca que, pelo legado da literatura, ficou conhecida como “seca do quinze”. Já em 1932 os sertanejos enfrentam mais um período de extrema dificuldade com a conhecida “seca de trinta” e que da mesma forma fora remediada, não resolvida. A miséria e os movimentos de migração para os grandes centros se intensificam, os currais humanos criados desde 1877 ganham destaque, inclusive em Crato-CE existiu um dos maiores do período, o campo do Buriti; as doenças, as mortes, os saques a armazéns; a força do cangaço e o crescimento dos movimentos de romaria em direção a Juazeiro do Padre Cícero compunham o cenário de seca e migração contemporâneo ao Caldeirão (RIOS, 2001).

No Caldeirão a vida contrastava, se apresentando como uma alternativa aos flagelados. Enquanto as pessoas morriam de seca ou padeciam aprisionados nos currais, na comunidade administrada pelo beato do Padre Cícero havia alimento e trabalho para todos. Era uma diferença que explica a força do movimento que atraía tanta gente para a comunidade e a ira

das autoridades e oligarquias que também se sentiam atingidas por perder submissão e a mão de obra barata (OS CEARENSES, 2013).

Figura 14 - Mapa Caminhos do Caldeirão publicado no jornal “O Povo”, em 7 de setembro de 1996



Fonte: O Caldeirão Vivo: A saga do beato Zé Lourenço (FARIAS *apud* ALMEIDA, 2011).

### 2.3.2 Romeiros do Padre Cícero, Camponeses do Caldeirão

As romarias para Juazeiro se intensificavam após o milagre da hóstia transformada em sangue na boca da beata Maria de Araújo (FARIAS, 2015). As discordâncias decorrentes da repercussão deste milagre e da formação dos beatos – influenciados principalmente por Padre Ibiapina com a Diocese do Crato – levaram a suspensão das Ordens sacerdotais do Padre Cícero pelo Vaticano em 1911. Nos próximos anos, Padre Cícero, sob influência de Floro Bartolomeu, entraria para a política e emanciparia Juazeiro do Norte (OS CEARENSES, 2013).

Percebendo o descrédito que as ações dos beatos traziam à cidade pelas chacotas realizadas aos “fanáticos”, começou uma perseguição aos beatos por se configurarem como uma forma de ameaça ao sistema econômico vigente. Segundo Cariry numa passagem em que narra o episódio da prisão do beato José Lourenço “pegar o pobre negro para humilhá-lo” (OS CEARENSES, 2013) foi uma forma de afirmar a intolerância ao modo de vida dos beatos e seus seguidores. Franco Rabelo, governador da época, considerava também que valorizar a

religião em detrimento da política, era um método fracassado e considerava absurdo o que estava acontecendo com os milhares de fiéis residentes no Caldeirão (OS CEARENSES, 2013).

Os historiadores do Ceará explicam que isso incidiu diretamente na perseguição à formação das comunidades lideradas pelo beato José Lourenço, primeiro por meio do episódio do “Boi Mansinho”, um zebu, que recebido de presente por Padre Cícero, foi entregue aos cuidados do beato José Lourenço quando residia no sítio Baixa Dantas (OS CEARENSES, 2013). Por pertencer ao Padre Cícero, o animal era tratado com muito zelo e cuidado por todos os moradores, oportunidade para que os inimigos de Padre Cícero surgissem com boatos de que os sertanejos estavam santificando e adorando um animal (CARIRY, 1985). O boi foi morto, o beato foi preso e obrigado a comer a carne do animal. Recusando-se, permaneceu preso por 18 dias (FARIAS, 2015).

Este episódio teve grande repercussão junto aos apoiadores do beato, e chama atenção até os dias de hoje, tanto é que foi enredo da escola de samba do Rio de Janeiro, Unidos do Tuiuti. A respeito das condições de sua libertação e o quanto o beato se fazia necessário aos proprietários do Cariri, destaca Facó (1980, p. 203):

E mais uma vez evidencia-se o quanto a escassez de braços continuava a ser um problema no Cariri. Ao espalhar-se a notícia de que Zé Lourenço não mais voltaria ao sítio de Baixa Dantas, foram dirigidas reclamações a Floro Bartolomeu “para que eu não retirasse Zé Lourenço do seu sítio, tal a falta que ele fazia aos proprietários, pelo auxílio que lhes prestava nos trabalhos de agricultura, e em outros préstimos”. Adianta o caudilho caririense: “Consenti na volta do negro ao seu sítio, e assim terminou a história ‘das mil e uma noites’ do touro Mansinho”.

Nesta primeira comunidade do beato, Baixa Dantas, moravam ao redor da casa de José Lourenço e de seus pais as famílias desvalidas que recorriam ao Padre Cícero e não possuíam terras nem condições para as atividades urbanas e então o padre as encaminhava para lá. O beato Lourenço, considerado bondoso e caridoso, compartilhava o espaço, dividia o trabalho e partilhava a produção de forma igualitária, viviam em comunhão e oração. Esse arranjo incomodava as oligarquias e, em 1926, José Lourenço enfrentaria dificuldades novamente. Desta vez foi mandado desocupar as terras de Baixa Dantas, o proprietário se negou a efetuar a indenização ao beato e aos camponeses pelas benfeitorias realizadas ao longo das décadas na propriedade e, com isso, eles perderam o resultado do trabalho de tantos anos (OS CEARENSES, 2013).

Zé Lourenço, dedicado à religiosidade desde que chegou a Juazeiro, após este episódio foi destinado pelo Padre Cícero a liderar os camponeses nas terras que o Padre havia recebido de presente localizadas no Crato (FARIAS, 2015). Era o Sítio Caldeirão, ou Caldeirão dos

Jesuítas que, após a ocupação do beato e de seus camponeses, se tornou o Caldeirão da Santa Cruz do Deserto ou Caldeirão do beato Zé Lourenço.

Em muitos relatos se percebe o intenso trabalho motivado pela fé:

O Caldeirão ele tinha uma filosofia de que o Paraíso podia se instalar na terra e Deus estava em todas as pessoas, inclusive nos animais e nas plantas e que nesse momento de eternidade que seria construído pelo ser humano e pelos animais, as plantas e os bichos, uma comunidade na qual no final dos tempos seria construída uma estrada, um caminho em direção ao infinito (OS CEARENSES, 2013).

Pelo teor religioso e messiânico, de acordo com Almeida (2011), a comunidade é comparada em muitos momentos a Canudos, e José Lourenço, a Antônio Conselheiro. Aponta Facó (1980, p. 55):

A verdade é que, inicialmente, o misticismo uniu-os, a todos eles, tanto em Canudos como em Juazeiro, no Contestado como no Caldeirão. Mas o "fanatismo" era o elemento necessário da solidariedade grupal, a reação contra a ordem dominante. No nível cultural em que viviam, não só mergulhados no alfabetismo como ignorando seu próprio País, submetidos aos senhores das terras e às forças cegas da natureza, o "fanatismo", o misticismo mais grosseiro era a sua ideologia. Em ensinamentos bíblicos deturpados, adaptados a sua realidade encontravam os "princípios" que deveriam guiá-los na luta por objetivos que eles mesmos não sabiam distinguir, obscuros, confusos, e que só iriam tornar-se claros na evolução da própria luta, que os ajudava também a evoluir intelectualmente.

A forma de organização e produção do beato é, no entanto, considerada melhor elaborada. “Zé Lourenço era sem saber um marxista prático e as relações de produção e consumo no Caldeirão tendiam francamente ao Comunismo”, afirma Farias (2015, l. 9693), ao citar o relatório do tenente José Goés de Campos Barros. O arranjo produtivo e a capacidade de liderança do beato recebem muita ênfase no relatório que, posteriormente, se transformou em publicação.

Muitos consideram essa experiência de trabalho superior a Canudos, devido a estas características de organização da força de trabalho que o beato José Lourenço possuía e do aspecto da religiosidade que motivava os camponeses a viverem uma vida de trabalho, partilha e fé. Sobre esse arranjo de fé e trabalho, destaca Facó (1980, p. 201):

Trata-se do mais interessante episódio local resultante dos acontecimentos de Juazeiro ao tempo do Padre Cícero e logo depois de sua morte. É o melhor fruto da grande hégira sertaneja. Confirma a tendência das massas rurais sem terra, em certa fase da história do Brasil, ao encontrarem um pedaço de terra para cultivar: sem recursos, sem meios técnicos, falhos até mesmo de enxadas, rasgam a terra com as próprias mãos e, eles sim, obram milagres.

### **2.3.3 Beato José Lourenço: liderança, vida e trabalho na irmandade**

Os pais de José Lourenço eram escravos libertos e a forma como era tratado quando vivia com os pais era rude, apanhava muito, seguiu por toda a vida analfabeto (OS CEARENSES, 2013). José Lourenço Gomes da Silva saiu de casa ainda jovem para trabalhar como amansador de jumentos e, quando retornou para casa, não encontrou seus pais que tinham ido a Juazeiro em romaria para encontrar o Padre Cícero, como a maioria das famílias do seu entorno: pobres, fiéis, esperançosos em busca das bênçãos do Padre santo (CORDEIRO, 2004).

Logo encontrou seus pais e, decorrido algum tempo em Juazeiro, se tornou penitente para ficar recluso e se purificar seguindo os conselhos do Padre Cícero. Não se sabe ao certo quanto tempo permaneceu junto aos Penitentes antes de ser chamado pelo Padre para cuidar do Sítio Baixa Dantas (FARIAS, 2015).

Lá se tornou um homem de comunidade, líder religioso e responsável pelo progresso do sítio. O lugar tornou-se exemplo de que as ideias cristãs eram capazes de construir um grupo harmonioso, fraterno e de cooperação, em que a comunhão era pregada e vivida por todos (CALDEIRÃO DO BEATO ZÉ LOURENÇO, 2012).

Remanescentes afirmam que o beato vivia, em todas as comunidades que liderou, uma vida de trabalho e oração, que era calmo e reservado, que tinha uma voz muito agradável, mansa, era um homem alto, de porte muito elegante e que estava sempre alinhado quando em suas idas à cidade, quando recebia visitas ou quando fazia registros fotográficos.

Em sua vida em comunidade não há nenhum registro de que tenha cometido violência ou tenha sido rude, acolhia a todos sem distinção e a única condição que colocava para permanecer na comunidade era que tivesse disposição para trabalhar. A forma que foi criado não o moldou rude, era considerado um homem gentil, discreto, bondoso e de paz. Sua forma de organizar e prover a comunidade segue sendo exemplo até os últimos dias (OS CEARENSES, 2013).

O Sítio Caldeirão, para onde foi enviado com os camponeses após ser despejado de Baixa Dantas, pertencia ao Padre Cícero, que na época recebia muitas ofertas, pois muitas pessoas que eram atendidas por ele lhe davam presentes como forma de retribuição, agradecimento: terras e bens de alto valor. “O padre, no entanto, vivia de forma modesta, nada ostentava, e sempre distribuía tudo o que recebia entre os romeiros mais necessitados, sendo o Caldeirão destino de muitas dessas doações” (OS CEARENSES, 2013).

A função do Caldeirão era acolher os agricultores e toda sorte de desvalidos e degredados que recorriam ao Padre Cícero. No documentário realizado pela TV Assembleia Legislativa do Ceará, intitulado “Caldeirão do Beato Zé Lourenço” (2012), Regis Lopes relata:

Antes o Caldeirão era apenas uma fazenda agrícola que passou a colher os resultados positivos caracterizando-se posteriormente como uma região praticamente autossuficiente, pois, produzia quase tudo de que precisava para que os moradores pudessem ter suas necessidades alcançadas de forma coletiva (CALDEIRÃO DO BEATO ZÉ LOURENÇO, 2012).

No Caldeirão havia espaço para todos; todos que tivessem disposição para trabalhar, ressaltasse-se. Cada família tinha sua casa, as crianças órfãs ficavam sob os cuidados do beato. A rotina era organizada de modo que a produção era resultado do trabalho e dedicação de todos. Disse o tenente José Goés de Campos Barros no filme documentário “O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto”, do cineasta Rosemberg Cariry (1985):

A impressão que tivemos foi de muita ordem para aquele trabalho que existia lá que era um trabalho comunitário e perfeito que só podia ser feito com um fator aglutinante muito importante que é a fé. Havia produção, todos estavam bem alimentados, todos trabalhavam pra todos e tudo era distribuído equitativamente segundo nós pudemos constatar (O CALDEIRÃO DA SANTA CRUZ DO DESERTO, 1985).

Tavares e Isaías ajudavam o beato com a administração. Isaías exercia a função semelhante a um gerente que controlava a produção dos mantimentos e a distribuição, Tavares saía em missão propagando a vida do Caldeirão e atraindo muitas pessoas para a comunidade. Foi na década de trinta que a comunidade cresceu exponencialmente e chegou a ter mais de três mil moradores, a maioria advinda do Rio Grande do Norte, onde Tavares realizava pregações com mais frequência (SILVA, 2009).

Sobre a seca ser o motivador para permanecer no Caldeirão, D. Lindalva, remanescente do Caldeirão, em depoimento a Silva (2009, p. 180) explica:

Não! Seco foi o ano que eu nasci, e isso parece que foi entre trinta e quatro e trinta e seis. Trinta e quatro foi muito bom. Não era por seca, eles não iam atrás de recursos. Iam atrás do bom exemplo, iam atrás da palavra de Deus, iam ver de perto esse beato com essa cruz, botando o povo em penitência. Não era atrás de nenhuma novidade.

Como se nota, este momento de consolidação do ideal do Caldeirão já era o período pós-seca e as pessoas permaneciam por compartilhar a forma de vida e não mais pela premente necessidade de sobrevivência, o Padre Cícero já havia falecido e o Caldeirão passou a ser alvo de destruição.

### 2.3.4 A destruição do Caldeirão

Rios (2001) afirma que a aglomeração de pobres fiéis incomodava bastante e causava medo de uma possível revolução, o que ensejava tomar uma atitude o quanto antes em busca de evitar maiores danos às forças que desprezavam a comunidade.

A partir de 1934, com a morte do Padre Cícero e a perda da referência religiosa, as autoridades passaram a ficar preocupadas com os rumos que a comunidade do Caldeirão pudesse tomar pelo destaque e crescimento que vivenciava em meio ao temor comunista do período (LOPES, 2011).

A Ordem dos Salesianos herdou as terras do Padre Cícero para decepção e incompreensão dos camponeses na época. No entanto, a Diocese do Crato reclamou as terras para si. “O Bispo afirma que tudo que era do Padre Cícero deveria retornar para a igreja, ‘qualquer bem de qualquer sacerdote é do bispado’” (OS CEARENSES, 2013), isso com o apoio do vaticano. Desta forma, a entrada dos salesianos só seria permitida se a Ordem renunciasse aos bens.

Em 1936, a comunidade crescera ainda mais, pois na região de Juazeiro, aumentava a quantidade de pessoas que tinha o beato como sucessor do Padre Cícero; o mundo se fazia tensionar por uma ameaça comunista; a religiosidade aumentava na região do Crato; o período crítico da seca havia terminado; as motivações para permanecer no Caldeirão não se limitavam à sobrevivência ao passo que as missões empreendidas por Tavares atraía cada vez mais pessoas de diferentes posições econômicas (SILVA, 2009).

Padre Cícero havia morrido, mas o legado de que era possível viver de um modo igualitário representado na comunidade do beato incomodava o Estado que temia uma ameaça comunista. Acrescenta-se ao grupo de insatisfeitos os latifundiários que perdiam a mão de obra barata, as oligarquias e o clero que mesquinhos e enciumados viam ali um antro de perdição e fanatismo (FARIAS, 2015), tudo endossado pela imprensa da época (ALMEIDA, 2011).

Muitos boatos eram espalhados em torno da vida no Caldeirão. A imagem do beato era constantemente relacionada a orgias e bebedeiras. Estas versões não se sustentavam porque nada era provado (SANDES, 2017), mas pelo temor ao Comunismo, quando espalharam o boato de que Moscou estaria auxiliando com armas a população do Caldeirão, foi o pretexto que precisavam para colocar as forças policiais na comunidade. “Aglomeração de pobres incomoda bastante e foi do tipo ‘vamos acabar logo com isto antes que aumente’” (OS CEARENSES, 2013).

Em 9 de setembro de 1936, os moradores foram aprisionados, espremidos em um curral da comunidade por dias, as casas foram vasculhadas em busca de armas, mas nada foi encontrado porque as armas que alegavam estar na comunidade vindas de Moscou nunca existiram, o que chegou de Moscou foram três imagens de santos para a capela (OS CEARENSES, 2013).

As forças policiais estavam em busca do beato José Lourenço, mas ele foi avisado e não permaneceu para ser preso. Deram o prazo de cinco dias para os que tinham famílias e de três dias para os solteiros pegarem seus pertences e se retirarem, mas eles alegavam que tudo era de todos. Ofereceram passagens, mas os camponeses diziam que não tinham para onde ir.

Os policiais se alimentaram, beberam, fizeram orgias no local e ao final puseram fogo nos animais e nas casas. Cerca de 400 casebres de taipa foram incendiados e os armazéns onde estava toda a produção foram saqueados. As portas da capela foram encontradas tempos depois em um prostíbulo da região, parte da produção foi leiloadada.

Os camponeses perderam tudo o que tinham. Desesperados, encurralados, não tinham como reagir, eram trabalhadores da terra e só possuíam rudes ferramentas de seu ofício. Ninguém foi morto, mas gerou muita revolta porque seus pertences e a produção coletiva era fruto de muito trabalho compartilhado por todos. Como pode ser constatado na fala de Raimundo do Caldeirão, uma perseguição motivada pela vulnerabilidade dos camponeses “queimaram as 400 casas, o engenho de fazer rapadura, aviamento de fazer farinha. O beato passou nove, dez anos aqui. Com a morte de Padim Ciço começou a perseguição” (SANDES, 2017, p. 23).

Consta no relatório do tenente José Goés de Campos Barros:

Como reses bravias num curral homens, mulheres e crianças se comprimiam, uns contra os outros, olhando-nos com ódio e temor; a severidade dos semblantes, não deixava de emprestar a cena uma grandiosidade lúgubre e triste, como uma expectativa de catástrofe. Apenas, num contraste irônico, quatro loucos, amarrados a um canto, sorriam sem procurar compreender. Parecia o inferno. (...) Entramos em meio de um silêncio curioso. O primeiro protesto partiu de uma mulher. (...) Um velho de barbas longas, meio calvo, de olhar fixo e brilhante, erguendo para o alto as mãos sujas e esqueléticas, proferiu, dramático – Vossa mercê é poderoso, mas acima de tudo está o poder de Deus (BARROS *apud* FARIAS, 2015, l. 9693).

Os camponeses foram obrigados a abandonar suas casas sem levar nada. Nessa época, Tavares havia sido preso em Fortaleza durante uma missão no Rio Grande do Norte. Isaías também havia sido levado para a prisão em Fortaleza. Os camponeses, expulsos e apavorados, foram ao encontro do beato que estava escondido na Mata dos Cavalos, território da Chapada do Araripe.

Quando Tavares e Isaías foram libertos, prepararam uma armadilha para se vingar da situação a qual a comunidade foi submetida. O beato, pacífico que era, não teve nenhuma participação. As mortes causadas ao chefe da polícia local, seus filhos e a parte da tropa durante a tocaia foi o estopim para o massacre que se seguiria (SANDES, 2017). Neste episódio também morreram Tavares e Isaías.

Este foi o gatilho para o ataque das forças armadas enviadas por todas as partes do Estado e autorizadas pelo Ministro da Guerra, Eurico Gaspar Dutra, uma prova de que o arranjo da comunidade era uma preocupação nacional. Destaca Almeida:

Logo depois de ter conhecimento dos fatos no Cariri, o Exmo. Sr. Governador do Estado – em face da necessidade de se servir imediatamente dos aviões militares aqui destacados – comunicou-os ao Exmo. Sr. Ministro da Guerra, solicitando autorização para aquela utilização (...) A noite, S. Excia. recebia daquele titular o seguinte rádio: -‘Governador do Ceará – Urgente – De Rio, 10 (horas 17. H. 30) – Em resposta ao vosso telegrama hoje recebido comunico a V. Excia. que acabo telegrafar ao comandante da 7ª Região, autorizando-o a mandar prestar o auxílio que seja necessário, no que se refere ao atentado do município do Crato. Atenciosas saudações – General E. Dutra, Ministro da Guerra’ (O ESTADO, maio de 1937, p. 4 e 20 *apud* ALMEIDA, 2011, p. 41).

Algumas versões dão conta de um bombardeio aéreo no Caldeirão, outras de sobrevoo e arremesso de granadas na Mata dos Cavalos. As granadas não foram direcionadas às pessoas, atingiram os casebres, de forma que os camponeses saíam apavorados de suas locas e se deparavam com o ataque das tropas terrestres: foram enviados 200 policiais (FARIAS, 2015). “No bombardeio não houve bomba, mas enviaram granadas pelo ataque terrestre também. O capitão Macedo sobrevoava e, como não aparecia ninguém, puxavam uma granada pra ver se aparecia alguém” (OS CEARENSES, 2013).

Não se sabe ao certo quantas pessoas morreram, porque as informações são desconstruídas. “O comandante da operação militar afirmou na época que tinham sido algumas mortes, talvez 200 mortos” (OS CEARENSES, 2013). Posteriormente mencionaram 400 mortos, mas nunca informaram o local da vala comum em que foram enterrados. Os camponeses novamente não tinham armas, apenas as rudes ferramentas de trabalho, não tinham como reagir.

De acordo com Sandes (2017), os remanescentes e contemporâneos afirmam que foram muito mais de mil mortos e de todas as faixas etárias; muitos crânios de crianças foram encontrados lá na Serra, como pode ser observado na entrevista com o Seu Raimundo do Caldeirão:

Lá em riba da serra morreu muita gente. A matança do povo falada mesmo foi lá em cima da serra do Araripe. Logo ali em cima. Que o povo queria era voltar para o

Caldeirão. Eles num enterraram ninguém não. Os urubus comeu tudo ali (SANDES, 2017, p. 24).

Os remanescentes contam que as forças policiais só não mataram mais gente porque eles estavam entocados nas locas no meio da Serra.

José Lourenço, já com a idade avançada, reorganizou a comunidade depois de muita dificuldade e de comprovar que não tinha envolvimento com a armadilha. Ele conseguiu autorização para retornar ao Sítio Caldeirão no ano de 1938 e, após realojar a comunidade e produzir na terra, foi expulso novamente no mesmo ano pelos Salesianos. Temendo um confronto retirou-se com os camponeses pacificamente e organizou a comunidade de uma forma menor no Sítio União em Exu-PE.

Optou por um grupo com menos integrantes, mas com os mesmos princípios de trabalho e partilha. Viveu os últimos anos de sua vida dedicados ao trabalho coletivo e à oração, recebia visitas e romeiros de muitas partes, sempre passageiros. Faleceu de peste bubônica aos 74 anos.

Transportaram seu corpo de Exu - PE, em uma rede, até Juazeiro do Norte - CE, 70 km. Ao pedirem ao padre para celebrar a missa de corpo presente, o mesmo respondeu que não celebrava missa para bandido (FARIAS, 2015). Foi sepultado em 12 de fevereiro de 1946 próximo ao túmulo do Padre Cícero na capela do Socorro, os sertanejos em multidão e forte comoção se despediram do beato que lhes demonstrou o que é viver, começar e recomeçar em coletividade e fé (CALDEIRÃO DO BEATO ZÉ LOURENÇO, 2012).

Patativa do Assaré recita a experiência de trabalho bem-sucedida dos camponeses liderados pelo beato José Lourenço, no filme documentário “O Caldeirão da Santa Cruz do Deserto” (1985), do cineasta Rosemberg Cariry.

Sempre digo, julgo e penso  
Que o beato Zé Lourenço  
Foi um líder brasileiro  
Que fez os mesmos estudos  
Do grande herói de Canudos  
Nosso Antônio Conselheiro  
Tiveram o mesmo sonho  
De um horizonte risonho  
Dentro da mesma intenção  
Criando um sistema novo  
Pra defender o povo  
Da maldita escravidão [...]

### 2.3.5 A memória amordaçada do Caldeirão

O termo mordação foi cunhado pelo cineasta Rosemberg Cariry em referência à repressão acontecida nas três décadas em que não se podia mencionar a história. O Caldeirão era uma alternativa à forma de organização do trabalho da época. “É considerada uma das mais bem-sucedidas experiências sociais geradas pelo próprio povo no século XX” (OS CEARENSES, 2013, 35’34’’). A forma bem-sucedida proporcionava fartura e equidade em meio à escassez e miséria dos tempos de seca (OS CEARENSES, 2013).

Após a morte do beato, fez-se silêncio sobre o Caldeirão. As fontes oficiais, os jornais da época, que apresentavam a versão do Estado e contribuíram para que a opinião pública visse o Caldeirão como uma ameaça comunista e o rejeitasse (ALMEIDA, 2011), não faziam mais nenhuma menção ao acontecimento. Seguiu-se o silenciamento pelas três décadas seguintes.

Um artigo publicado em 1969 questionou a forma como os camponeses foram expulsos tendo suas moradias incendiadas e sua produção saqueada no ano de 1936, seguido do massacre que sofreram em 1937, tudo sob a justificativa do fanatismo religioso e da ameaça comunista. No ano de 1983, uma matéria em um jornal do Rio de Janeiro contava o massacre e levantava novamente os questionamentos sobre a legalidade dos atos e o que tinha acontecido aos camponeses após a destruição da comunidade (BRAGA, 2011).

Durante todos esses anos, a cultura popular foi sozinha responsável por manter as memórias do Caldeirão vivas. Por gerações foram os repentes e as práticas orais de contar e recontar as histórias que permitiram a sobrevivência da versão dos camponeses. Os cordéis sofreram forte vigilância, tanto que os registros de cordéis datam a partir da década de 70, tendo sido também submetidos ao silenciamento. Quando emergem novamente destoam da versão dos remanescentes, demonstrando que “o tempo vivido molda a memória” (SANTOS, 2012, p. 17).

Especialmente na região do Cariri, as histórias sobre o beato foram contadas:

A rigor, as fontes que permitem resgatar a trajetória de José Lourenço podem ser divididas em dois conjuntos: um primeiro – compreendendo reportagens de jornal e um relatório policial compilado em livro – traduz uma visão oficial sobre o beato, no mais das vezes endossando a ideia de fanatismo. O segundo conjunto de fontes – formado por entrevistas de contemporâneos e ex-moradores das comunidades lideradas pelo beato, folhetos de literatura de cordel, um romance, e duas peças de teatro -, permite acessar a forma como o imaginário popular construiu o personagem de José Lourenço (FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO, 2008).

Os jornais deram sua contribuição, foram aliados das oligarquias, protegeram o Estado, se colocaram ao lado da igreja, fortaleceram os preconceitos e a desinformação da sociedade, guardaram os interesses econômicos e, por fim, soltaram a voz de que a luta do povo não passava de um exagero social que precisava da rigidez policial.

Os três jornais, do início ao fim da comunidade, posicionaram-se contra os trabalhos e o modo de vida pregados por José Lourenço. Classificavam seus membros e o próprio beato de “fanáticos”, “comunistas”, “ameaçadores à ordem”, além de publicar notícias falsas e darem voz aos membros do Governo do Ceará e do Exército. O O Povo, O Estado e O Nordeste legitimaram as invasões e a destruição do Caldeirão, tanto em 1936 como em 1937 (ALMEIDA, 2011, p. 20).

A luta pelo reconhecimento da memória do Caldeirão segue pelos dias atuais pelos Movimentos de Trabalhadores Sem Terra (MST), pela Pastoral da Terra da Diocese do Crato.

Disse o Bispo da Diocese, Dom Fernando Panico, em 2005 na abertura das atividades religiosas: “Somos herdeiros espirituais do compromisso do beato José Lourenço, através das organizações populares que lutam pela dignidade da pessoa humana. Queremos promover juntos a esperança de todos os cidadãos” (reportagem do Diário do Nordeste *apud* SILVA, 2009, p. 172).

A ONG Beato José Lourenço, com sede no centro de Juazeiro do Norte, é gerenciada por filhos e netos dos remanescentes do Caldeirão. Eles celebram uma missa no dia 12 de fevereiro em memória ao beato e, na ocasião, entregam certificados em agradecimento aos apoiadores da ONG e aos pesquisadores que difundem a Comunidade.

É difícil reverter um quadro consolidado ao longo de tantos anos. É comum encontrar pessoas da própria região que desconhecem o fato – e mais ainda ignoram a versão dos camponeses – ou tratam como uma realidade muito distante, um tipo de lenda, e se referem aos acontecimentos do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto como irrealis.

Explica Kênia Rios, em depoimento para o documentário “Os Cearenses Beato Zé Lourenço” (2013):

O poder público e o privado se misturam muito. Muito difícil saber onde começa o Estado e onde termina e vice-versa. Então são todas estas forças, são os coronéis que estão no poder, que por sua vez se aliam a igreja. Mas acho que acima de tudo é o medo de uma potência que se coloca nos pobres de vez em quando.

Muitos documentos surgiram com bastante força a partir da década de 1980 como o filme de Rosemberg Cariry e os estudos de Oswaldo Barroso, surgiu também um romance que tinha como pano de fundo a comunidade e, mais recentemente, uma peça de teatro e o tema

enredo de uma escola de samba do Rio de Janeiro do carnaval de 2016 contando a história do boi Mansinho. Houve também, por iniciativa do bispo da Diocese do Crato, a organização de uma Romaria que ocorre desde 2013 em prol da memória do Caldeirão, o espaço onde viveu a comunidade passou a receber atenção da pastoral da terra e recebeu do Estado um lugar de memória.

O Movimento Sem Terra-MST ocupou a propriedade na década de 1990, mas o governo doou outras terras para assentá-los. Hoje moram no Assentamento 10 de abril e lá, um grupo de jovens da comunidade, encena para as crianças, de tempos em tempos, a história do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto.

O lugar de memória que existe na comunidade trata-se de um museu que, segundo o guia responsável pelo local, em entrevista para a revista Memórias Kariri, desde que a prefeitura do Crato comprou as terras, há 21 anos, não recebe investimento do Governo para funcionamento. “Aqui toda semana vem uma carrada de gente. Que eu aqui tomo conta de um patrimônio do Crato. Eu sou o guia. Quer dizer, o senhor vai me dizer uma coisa. Eu tenho direito de reivindicar um salário aqui ou não tenho. Pois é. Tá dentro de cinco anos que eles me deram um ganho. Isso é uma vergonha. É ou não é?” (SANDES, 2017, p. 16).

A romaria organizada pela diocese do Crato acontece todos os anos durante o mês de setembro e leva centenas de pessoas a visitar a comunidade. Na capela do Socorro, situada no centro de Juazeiro do Norte, o túmulo do beato, até o ano de 2009, era visitado de forma discreta e, a partir de então passou-se, por iniciativa de Pedro Andrade, titular da ONG Beato José Lourenço, a celebrar uma missa, no dia 12 de fevereiro, para lembrar sua memória.

A memória que já havia sofrido esquecimento pelo silenciamento a que foi submetida pelos jornais da época que comungavam dos valores das oligarquias e autoridades enfrenta, desde a década de 1980 com os produtos e os estudos, tentativas de mantê-la em seu lugar da memória, mas nos dias de hoje assim como outrora, nota-se uma força contrária a sua presença.

### 3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Este estudo procura comunicar as memórias da região do Cariri nas dependências da Universidade Federal do Cariri - *campus* Juazeiro do Norte. Existindo a necessidade de conhecer as memórias da região mergulhamos na história e nas práticas culturais do lugar e encontramos o Caldeirão da Santa Cruz do Deserto ou, como prefiro dizer, fomos encontrados pois o conhecimento se deu durante escuta em uma palestra do SESC Crato. De lá para cá foi realizada uma profunda imersão nos conteúdos que se referissem à comunidade messiânica, percebida comunista pela sociedade da época e referenciada pelo palestrante do evento como “uma comunidade nos moldes de um socialismo primitivo liderada por um beato vinculado ao Padre Cícero” (informação verbal<sup>3</sup>).

Uma ampla pesquisa documental e bibliográfica foi necessária para compreender as versões e seus desdobramentos até os dias atuais. Foi preciso conhecer o contexto de cada narrativa para perceber como se construíram as versões e os silêncios. Reunimos livros, teses, dissertações, filmes, documentários, entrevistas, reportagens, peça de teatro, cordel e samba enredo. Consultamos pesquisadores da UFCA e professores de história do Ceará a respeito da relevância do tema e buscamos saber dentre as pessoas nascidas na região o conhecimento sobre o tema.

A reunião de documentos e o contato com outros pesquisadores do tema iniciou-se em agosto de 2018, este levantamento nos conduziu à amostra deste estudo: os remanescentes. As primeiras fontes para os relatos foram delimitadas em dezembro de 2018 e contactadas em fevereiro de 2019. Por se tratar de uma memória silenciada (Pollack, 1989) os efeitos da mordaza têm forte presença na relação das pessoas da região com os acontecimentos e isso dificultou reunir fontes contemporâneas aos anos do Caldeirão pois muitas pessoas que viveram na região naquele período e que hoje são centenárias, ou quase nessa idade, afirmavam desconhecer o fato e, quando muito, se referiam ao evento como uma “lenda muito distante”. Isto de desconhecer ou pouco saber também se aplica aos mais jovens pois, após sondagem dentre os estudantes da UFCA e até entre os familiares dos remanescentes no decorrer das visitas, o desconhecimento parcial ou total se sobressaiu.

---

<sup>3</sup> Fala de Xico Sá durante “Cafê Literário: Você é o que lê. Evento promovido pelo Sesc Crato sobre o mundo da literatura e como ele reflete o mundo contemporâneo. Participaram três autores Gregório Duvivier, Maria Ribeiro e Xico Sá”, na Unidade Crato do Sesc, localizada na Rua André Cartaxo, nº 443, às 19h do dia 23 de agosto de 2018

Este estar em contato após a intensa imersão documental permitiu aproveitar ao máximo as informações que cada uma das entrevistadas podia oferecer. A empatia criada foi fundamental para que os familiares incentivassem a colaboração das remanescentes (suas mães) na pesquisa e para que elas entendessem que o compartilhamento das memórias estava livre de manipulações e de julgamentos e com isso poderiam ficar à vontade para relatar suas memórias, livres das barreiras da desconfiança e conscientes do valor de suas falas.

### **3.1 Amostra e Sujeitos da Pesquisa**

Pela riqueza das narrativas os três primeiros relatos alcançados foram suficientes para os objetivos deste trabalho. Elaboramos os grafites memória, produto deste estudo, a partir dos depoimentos das senhoras: Maria José Salles, 65 anos; Maria Ferreira, 90 anos; e Maria José, 83 anos. As três marias se vinculam a diferentes fases do Caldeirão sendo a primeira à vida, massacre e fuga do Caldeirão; a segunda as vivências na comunidade formada pós-Caldeirão e com destaque para a morte do beato naquele lugar; e a terceira as lembranças dos anos em que se sucederam o silenciamento e o comportamento de seus familiares quando a memória trazida à cena pelo filme de Rosemberg Cariry. Todas as narrativas acumulam os relatos de seus pais e demais familiares que residiram no Caldeirão.

As três fontes têm em comum o local de origem das famílias: os pais de todas elas nasceram no Rio Grande do Norte e migraram para o Caldeirão após conhecerem Severino Tavares no período que sucedeu a morte de Padre Cícero (1934). Naquele período o número de familiares que optaram pela vida na comunidade não está vinculado às dificuldades financeiras pois, nos relatos obtidos, constata-se que os familiares tinham propriedades e bens. A motivação se deu em maior parte pelo ideal de salvação pregado do evangelho pelo “missionário conselheiro<sup>4</sup>” e pelos ideais igualitários propagados por Carlos Prestes diferentemente dos períodos que antecederam onde a seca crítica e o abandono do estado faziam da comunidade um *oásis* para os sertanejos.

### **3.2 Procedimentos de Coleta de Dados**

---

4 Termos utilizados pelas remanescentes para referenciar Severino Tavares.

A coleta de dados seguiu os passos de agendamento; visita; observação; conversa com os familiares; levantamento da história de vida; e entrevista – gravados os áudios integralmente e filmados alguns trechos. Ressalte-se que o uso do roteiro preestabelecido não aconteceu no primeiro contato do dia da entrevista, mesmo as partes estando confortáveis este momento foi precedido de conversa e amenidades para construir uma atmosfera leve e favorável ao diálogo. Durante a entrevista ressaltamos a importância do olhar da pesquisadora, entonação, demonstração de interesse pela fala, transmissão de confiança no sigilo das informações e não interrupção.

Maria Ferreira e Maria José foram entrevistadas em suas residências. Maria José Salles foi entrevistada em uma casa (ponto comercial) onde funciona uma escola de reforço para um pequeno grupo de crianças do bairro. No horário em que gravamos a entrevista a escola estava vazia, não havia atividades com os alunos e nem presença de professores, mas precisamos ressaltar que não foi possível identificar elementos característicos da sua identidade na mesma proporção que a residência das demais entrevistadas forneceram.

Segue detalhamento sobre a coleta de dados com cada uma delas:

- A entrevista com Maria Ferreira foi realizada no dia 09 de abril, iniciando a tarde e se estendendo até a noite, o áudio gravado tem duração de 1h49min24seg. Na semana anterior dia 02 de abril visitamos sua casa no final da tarde por indicação da primeira fonte contactada (Maria José Sales). Ela estava sentada próxima a entrada de sua residência com dois de seus seis filhos, pedimos confirmação de seu nome e apresentamos o interesse na visita explicado o tema e os objetivos da pesquisa de forma sucinta. Ela se mostrou apreensiva inicialmente, mas os filhos acolheram muito bem a ideia e a incentivaram relatar suas histórias, ela concordou, todos foram muito simpáticos e visivelmente construímos bons laços desde este primeiro instante. Trocamos contatos telefônicos e nos falamos nos dias que se seguiram para encontrar o horário mais confortável para ela. No dia seguinte estávamos lá às 15h conversamos e conhecemos o interior da casa, as fotos da família, o altar dos seus santos, as principais devoções, aspectos da família, formação escolar dos filhos. Conversamos sobre o Caldeirão para conhecer a ligação dela com a comunidade, o contexto seu e de sua família, conversamos por horas acomodadas nas cadeiras e sofá de sua sala diante umas das outras. A filha dela (Josefa D’Arc Ferreira de Sousa) também estava presente, estávamos sem

pressa, a conversa seguia leve porque ela sempre mostrava contentamento em nos receber e dessa forma conversamos por horas sem gravar e sem nos cansarmos pois nos sentimos acolhidos. Neste momento constatamos que superamos o que buscávamos: a lucidez da dona Maria para narrar os fatos. Dona Maria Ferreira do alto dos seus 90 anos nos impressionou pela qualidade de sua memória, linearidade ao encadear os fatos e riqueza de detalhes. Ela mesma fez questão de ressaltar que lembrava com muita nitidez dos fatos ocorridos nos primeiros anos de sua infância – nos 3, 4, 5 anos - com mais precisão do que da vida adulta. Ressaltou que lembrava muito bem das histórias que seus pais contavam sobre o Caldeirão ao longo da vida “eu me lembro como se fosse hoje e tivesse diante de mim” destacou algumas vezes quando narrava as passagens. Percebemos imediatamente o grande achado para este estudo, para as memórias do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto e do Cariri com um todo pois outras histórias da região foram trazidas nestes relatos. Com a satisfação externada por todos acordamos em gravar na semana seguinte. Assim fizemos. Dia 9 de abril estávamos lá as 15:30 e fomos bem recebidos. Na casa estava presente uma de suas filhas (Josefa D`arc), a mesma dos encontros anteriores. Conversamos com dona Maria Ferreira e ela imediatamente começou a contar a história, dona Maria Ferreira se sentia à vontade, tínhamos um clima amistoso de quem se conhecia há muitos anos e podia trocar confidências, seus filhos ficaram admirados com a mútua receptividade e segurança. Decorridos alguns minutos foi preciso explicar que que ainda não estávamos gravando e que aqueles fatos que ela já estava narrando eram importantes e não poderíamos deixar de registrá-los. Ela concluiu o raciocínio, fizemos uma pausa para um café e minutos depois começamos a gravar. Ela reiniciou a história que contava e a gravação se estendeu até a noite. Alguns dos filhos dela entraram na casa durante a gravação dos relatos, um deles, o primogênito, permaneceu até o fim e quando encerramos a gravação nos informou que estava surpreso com o que ouviu porque com 70 anos (idade dele) não tinha tomado conhecimento ainda de todas aquelas histórias, sabia que sua mãe e seus avós haviam morado no Caldeirão, sabia de algumas poucas passagens mas não tinha noção que todos aqueles fatos tinham se passado na família dele. Dona Maria Ferreira entoou muitos benditos, recitou trechos de orações, evocou cheiros, sabores, sensações

térmicas, tensão e medo e gesticulou efusivamente para ressaltar esses aspectos nas passagens que narrava. Dona Maria Ferreira respondeu cada indagação seguindo a linha do tempo com riqueza de detalhes e veemência que nos transportou para as cenas. Se destaca também desde o primeiro contato a admiração, respeito, carinho e a gratidão ao beato José Lourenço a quem chamou todo o tempo de “meu padrim José”. Não demonstrou ódio, rancor ou amargura durante os relatos das passagens de perda e restrições que sua família precisou suportar. Externou fé, força e resignação. Após parar de gravar continuamos a conversar. Já era noite, mas continuávamos satisfeitos com a companhia uns dos outros e conversando descobrimos ainda que seu pai faz declarações no filme documentário de Rosemberg Cariry e que ela mesma nunca assistiu ao filme. Marcamos outros encontros e nos despedimos às 20:30. Algumas horas depois sua filha liga pedindo para complementar uma informação que dona Maria se inquietava em explicar antes de dormir, se tratava de assunto de sua religiosidade, precisava dizer que ia as missas e que era devota de Padre Cícero, pois quando perguntada qual sua devoção ela havia respondido que atualmente tem custado sair de casa e ir às missas. Entendemos a relevância e agradecemos. Nos dois encontros seguintes nos recebeu com a mesma alegria e contou muitas histórias de Juazeiro do Norte e de Padre Cícero. No último acordamos publicar a entrevista que fizemos na revista UFCA “Memórias Cariri” por um pedido feito pelo editor-chefe após tomar conhecimento da pesquisa. Nos encontraremos mais vezes pois sabemos que quanto mais evocamos as memórias mais elas vêm à superfície e que dona Maria Ferreira com seus 90 anos tem muito a contribuir com as muitas memórias do Cariri.

- A entrevista com Maria José Sales (65) se deu no dia 11 de abril durante a manhã, o áudio possui 1h15min01seg. A Mazé, como ela nos permitiu chamar, acompanha entrevistas sobre o tema Caldeirão da Santa Cruz do Deserto desde a década de 80 quando, após o lançamento do filme de Rosemberg Cariry, os acontecimentos do Caldeirão vieram à superfície, segundo ela nos apresenta, e os remanescentes puderam contar suas histórias de vida sem temer represálias como acontecera após a destruição da comunidade. Mazé conta que recebe e incentiva pesquisas na área pois reconhece a importância da história por ter

acompanhado sua mãe em muitas entrevistas que ela concedeu quando foi identificada como remanescente. Da família de Mazé migraram do Rio Grande do Norte para morar no Caldeirão 36 pessoas então, além de sua mãe, ela começou a procurar a versão de outros membros da família através de cartas e conversas que buscou ter com eles para conhecer os acontecimentos daquele período que cercavam sua família. Ela explicita que notava uma marcante diferença na forma em que mulheres e homens narravam a comunidade, aponta a visão das mulheres como romantizada e conformada e a dos homens mais embrutecida e contrariada. Mazé chega a essas conclusões a partir do que ouviu de sua mãe durante as entrevistas e do que buscou saber conversando diretamente com ela e com seus tios – alguns deles por cartas - após se revelar para todos a verdade sobre a migração da família do Rio Grande do Norte. Mazé se emocionou muito ao mencionar a fartura e a partilha na comunidade pois relacionou com as injustiças e com as restrições que foram submetidos durante a infância, atribuindo ao Estado os episódios de abandono social, que foi capaz de perseguir uma comunidade que se erguia como uma alternativa à seca e à miséria mas não confrontava os problemas que ela resolvia. Contextualizou o Caldeirão com acontecimentos históricos do Cariri naquele período; contou muitas passagens ocorridas com seus familiares desde os conflitos que eventualmente existiam entre sua mãe e seu pai – a mãe por ser a favor a comunidade e o pai discordar - passando pelo medo narrado por um de seus tios que temia perder a aposentadoria ao tornar público que ele havia morado no Caldeirão. Mazé contou-nos também sobre a antipatia que seus tios que não concordavam com a venda das propriedades do Rio Grande Norte e a doação do dinheiro ao beato José Lourenço nutriam pela comunidade. Ela nos mostrou algumas peças como cordéis, livros e trechos de cartas que escreveu; esteve solícita todo o tempo e contou-nos de outras pesquisas em andamento sobre o Caldeirão. Antes deste dia da entrevista havíamos conversado na missa em homenagem ao beato José Lourenço, no dia 02 de abril e também no dia 10 de abril por algumas horas na escola em que trabalha, pois, a natureza da atividade permitia o acesso e a conversa. Durante a gravação e nas demais conversas com a de Maria José Sales o tema Caldeirão da Santa Cruz do Deserto fluiu com muita tranquilidade e organização das ideias.

- A entrevista com Maria José, 83 anos, aconteceu no dia 13 de abril no turno da tarde e tem duração de 21min54seg. Para agendar com dona Maria José contactei um de seus filhos que reside no Maranhão e que havia conhecido no dia da missa em memória do beato José Lourenço, ocorrida em 12 de fevereiro. Na ocasião dona Maria José foi a homenageada e seu filho a acompanhou na cerimônia. Quando me apresentei a eles pedindo agendamento para os próximos dias ele se mostrou muito interessado em contribuir com a pesquisa; contou passagens do Caldeirão envolvendo duas de suas tias, irmãs da mãe dele, que haviam morado na comunidade e sido levadas presas para Fortaleza quando aconteceu a invasão e expulsão dos camponeses no Caldeirão da Santa Cruz do Deserto, e do contato que a polícia com seu avô (pai delas) para que fosse busca-las decorrido algum tempo. Com entusiasmo passou o próprio contato e o de sua mãe e disse que ela teria muito o que contribuir pois a família esteve diretamente vinculada ao episódio do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto. Dona Maria José tinha 9 anos quando o beato José Lourenço faleceu, ela faz questão de dizer que estava lá no Sítio União naquele dia 12 de fevereiro de 1946, enfatiza os acontecimentos que viu e que se sucederam do dia da morte do beato no entanto, quando questionada sobre o Caldeirão, faz questão de esclarecer que não tem vínculo, que não era nascida quando a polícia invadiu e expulsou os camponeses, que nunca pisou lá e que as únicas coisas que tem para contar são referentes ao Sítio União. No dia da missão ela não concordou em conceder entrevista à equipe de reportagem da TV que fazia a cobertura. Essa negação ao Caldeirão se repetiu durante o agendamento para conversarmos e tornou a acontecer muitas vezes durante a entrevista. Dona Maria José conta que soube do Caldeirão quando sua irmã mais velha estava “morrendo”. A irmã a chamou e revelou o que até então, segundo ela, era de seu total desconhecimento: tinha vivido na comunidade e inclusive sido detida e levada para Fortaleza junto com sua outra irmã - que viera falecer pouco tempo depois - e outros camponeses da comunidade. Dona Maria José ressalta que antes dessas revelações conhecia o Caldeirão superficialmente pelas narrativas de sua sogra que contava ter visto o sobrevoo dos aviões no dia do bombardeio pois a localidade que morava ficava próximo ao local atingido. Dona Maria José traz muitos detalhes da vida no Sítio União e dos remanescentes que lá viveram; sua negação nos ajuda a entender como o

silenciamento ao qual o Caldeirão foi submetido ainda seleciona as passagens que podem ser reveladas nos dias de hoje. Dona Maria José nos recebeu em sua residência, contou aspectos de sua vida, mostrou-se comprometida em conceder a entrevista por ter sido um pedido de seu filho mas, garantiu desde o início e repetiu em vários momentos, que falaria apenas sobre o Sítio União, sobre o beato José Lourenço, sobre as passagens de oração, procissão, penitência e não sobre o Caldeirão e cumprindo o que disse se esquivou do tema sempre que questionada. Nossa conversa que antecedeu a gravação foi checada por ela algumas vezes quanto a estar sendo gravada. Durante a gravação pediu para retirar um dos trechos pois não queria se comprometer; confirmei que atenderia o pedido, diminuimos com isso a tensão. A nossa entrevista foi a de menor duração dentre as três, mas a qualidade da memória, a linearidade da narrativa e o compromisso e transparência em falar do que dominava e se sentia segura fizeram do relato um valioso conteúdo para o alcance das memórias.

### **3.3 Procedimentos para desenvolvimento da proposta de intervenção**

Foi realizado contato com o grupo Limbo – Laboratório de Imagem e Estéticas Comunicacionais (CNPq-UFCA) para oficinas com a finalidade extrair dos relatos dos remanescentes da Santa Cruz do Deserto os elementos simbólicos. Chegamos até o grupo Limbo através de um convite da coordenadora, professora Elane Abreu, que foi a responsável pelo registro do grupo no CNPq e por convidar os integrantes. Nesta ação convidou a pesquisadora deste estudo pela afinidade com as linguagens urbanas. Quando ela a proposta da oficina lhe foi apresentada a ideia foi bem acolhida pois ia ao encontro dos objetivos do grupo de ser um espaço para estudos, pesquisas e experimentações em torno da interface interdisciplinar Comunicação e Imagem. Os demais integrantes - docentes da área de comunicação e estudantes de comunicação da UFCA e de artes visuais da URCA – também acolheram a proposta.

Para as oficinas foram utilizadas as transcrições das entrevistas. O texto já fora sistematizado e as falas reproduzidas da forma mais fiel possível ao que foi gravado evidenciando mais o conteúdo do que o estilo e sem fazer juízo de valor em momento algum.

Para análise dos dados foi apresentado ao grupo a pesquisa desde a delimitação da ideia até a coleta de dados. Foram três encontros para chegar aos elementos simbólicos do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto:

Fiz a primeira reunião com a coordenadora do grupo Limbo, a professora Elane Abreu, antecedida de um contato por telefone em que a consultei sobre a afinidade do grupo com nosso estudo e solicitei a participação deles para destacar os elementos simbólicos e agregar valor ao estudo. Imediatamente a ideia foi acolhida e logo agendamos uma reunião para estabelecermos a dinâmica dos três encontros que se sucederam assim:

- **Primeiro encontro** - reunião com a professora Elane Abreu, que resultou no estabelecimento de cronograma dos três encontros seguintes em que seria realizada a apresentação da pesquisa, a oficina para elencar os elementos simbólicos e no último a execução do grafite.
- **Segundo encontro** - estiveram presentes quatro professores e três estudantes do curso de jornalismo. Apresentei a pesquisa nesta ordem: percurso até encontrar o objeto (UFCA, grafite, Caldeirão, memórias dos remanescentes); instrumento de coleta de dados (relatos orais); contei a história do Caldeirão e como as memórias dos remanescentes se formaram levando em conta o silenciamento imposto e as peças documentais que trouxeram as memórias à superfície; foi apresentado sucintamente as técnicas de grafite (que contemplam texto e imagem); o objetivo de extrair dos relatos os elementos simbólicos para o grafite e algumas imagens do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto como os registros fotográficos e as peças que já foram criadas para contar a história (filme, panfleto, capa de livro etc.). Alguns dos presentes conheciam a história e até já tinham assistido ao filme, outros desconheciam totalmente (inclusive os integrantes do grupo nascidos no Cariri). Eles foram destacando trechos e fazendo anotações de ideias durante a exposição. Sentimos que deveríamos ter levado imagens de estilos de grafite neste primeiro encontro, pois o fato de não definirmos o estilo no primeiro encontro com o grupo foi algo que nos deixa muito na subjetividade das referências das formas dos símbolos. Deixei uma parte das transcrições com eles, a pedido, porque dado o avançado da hora não tínhamos como iniciar a leitura e destaque dos elementos simbólicos pois já tínhamos nos estendido nas discussões sobre a origem e percurso do

estudo. Foram duas horas de exposição e conversa. Nosso próximo encontro foi agendado para a terça-feira seguinte, dia 14 de maio, onde deveríamos destacar os elementos das narrativas e também decidir o estilo do grafite.

- **Terceiro encontro** - apresentação de grafiteiros brasileiros conceituados na cena internacional como OsGêmeos, Speto, Kobra e também de artistas que usam textos visuais e verbais no mesmo grafite como, por exemplo, Crânio e Thiago Vaz. Discutido o estilo dos grafites passamos para a leitura em grupo da transcrição dos relatos orais dos remanescentes que foram previamente sistematizados pela pesquisadora da seguinte forma: conhecimento da comunidade, chegada à comunidade, práticas de religiosidade na comunidade, formas de divisão do trabalho, partilha dos frutos do trabalho, ameaças que sofriam, em que circunstâncias se retiraram, como era a relação com o beato José Lourenço, o período do silenciamento e como conviveram com as lembranças. Após a leitura foram destacados, individualmente, palavras, frases, personagens e datas que mais se repetirem relacionados ao trabalho, partilha e religiosidade. Neste encontro os dados da pesquisa documental e a apresentação das imagens do Caldeirão que aconteceram no encontro anterior foram importantes para situar o grupo acerca da estética dos elementos que viriam a esboçar. Após a elaboração individual dos elementos simbólicos houve partilha das interpretações seguida da sistematização desses esboços individuais para o resultado final. A escolha do estilo do grafite se deu após a sistematização, a partir daí fizemos um percurso pelo *campus* para escolher, dentre os locais disponibilizados previamente pela Diretoria de Infraestrutura da Universidade, qual espaço comportaria melhor nossa proposta considerando as dimensões e o fluxo de pessoas.

Decidido pelo grupo o estilo do grafite buscamos conhecer os traços característicos do período do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto. Sendo o Cariri um centro de cordel com associações de cordelistas e de xilógrafos - que são responsáveis pela ilustração das capas dos cordéis - buscamos conhecer os álbuns de ilustrações dos cordéis contemporâneas ao beato José

Lourenço. Visitamos a Lira Nordestina<sup>5</sup> - a fim de ter acesso aos documentos e observar os trabalhos.

### 3.4 Procedimentos para Análise dos Resultados

A partir da leitura em grupo em voz alta e alternando perguntas e respostas das transcrições entre os participantes - foi iniciado o segundo passo no qual, sem partilhar informações, os integrantes do grupo utilizaram o material de papelaria – lápis, caneta, giz pastel - disponível sobre a mesa para destacar os elementos simbólicos, desenhá-los e colorir-los. Após este momento iniciou-se a partilha onde cada um apresentou seu esboço e justificou cada escolha.

A cada explicação a pesquisadora ia anotando os termos expostos e implícitos e questionando a respeito da importância de cada um. Concluída as apresentações passamos para a análise dos termos comuns em todos os desenhos e seleção dos que comporiam o desenho final a ser grafitado, com especial atenção para que o resultado final comunicasse as memórias dos remanescentes àqueles que não tiveram acesso às transcrições.

A respeito desta experiência o grupo Limbo descreve em seu site:

A continuidade da proposta metodológica no segundo encontro se direcionou ao destaque das principais imagens narradas pelas remanescentes. Um panorama de detalhes – figuras, objetos, elementos da natureza, personagens, símbolos, cores – foi extraído dos discursos por cada um dos presentes, que, em folha em branco, ensaiaram desenhos em preto e coloridos. Percebeu-se a necessidade da inclusão de pequenos fragmentos de texto, como forma de criar uma associação mais direta com o Caldeirão por parte de quem vê e pensando no objetivo de se estabelecer uma comunicação da memória do acontecimento mesmo para quem o desconhece.

---

5 A gráfica de Juazeiro do Norte, inaugurada em 1932, que continua em funcionamento e é referência em produção de cordéis. Entre as décadas de 1950 e 1980, a tipografia foi responsável pela maior publicação de cordéis do País.



## 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

### 4.1 Relatos dos remanescentes

A análise desta pesquisa busca apresentar - a partir dos relatos das remanescentes do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto e dos elementos simbólicos extraídos desses relatos e esboçados pelo Laboratório de Imagem e Estéticas Comunicacionais (CNPq-UFCA) - um grafite que comunique as memórias dos remanescentes e familiares da comunidade sociorreligiosa liderada pelo beato José Lourenço.

A seguir apresentamos resumos dos relatos de cada entrevistada e quadros com os desencadeantes que subsidiaram a extração dos elementos simbólicos durante a oficina com o grupo Limbo.

**Maria Ferreira** - inicia suas memórias pela cena de Severino Tavares pregando o discurso da Salvação na região do Rio Grande do Norte em que sua família morava; os conselhos que o missionário dava sobre o uso do rosário; a migração da sua família antecedida pela abordagem da polícia local - que buscou intimidar seu pai, tio e avô nas vésperas da partida deles para o Caldeirão; a chegada no Caldeirão; a benção do beato; as penitências; os benditos; as orações; as procissões; os rituais com a cruz ornada com um barrete branco; a polícia investigando e abordando o beato José Lourenço acerca dos caixotes que estavam sob suspeição de armas vindas da Alemanha; a revelação de que os caixotes continham santos trazidos da Alemanha; a expulsão de suas casas em meio à truculência, incêndio dos casebres, brasas no caminho que percorriam; prisão e contas do rosário quebradas por todo o chão; fuga para a serra; barraca de ramas; combate entre camponeses e policiais; suposta morte do pai; fuga em meio ao sobrevoo dos aviões e granadas; veneno e irritação nos olhos; abrigo na casa de desconhecidos; medo de terem a origem identificada; 17 anos acreditando que o pai havia morrido no combate; reencontro com o pai, com a história e com a identidade; admiração, devoção, ternura e afeto pela memória do beato José Lourenço.

Os filhos não conheciam toda a história, na verdade apenas alguns trechos e se surpreenderam com os relatos da mãe durante nossa entrevista. O pai foi o responsável durante toda a vida por zelar pelo túmulo do beato, o pai de dona Maria Ferreira, seu Henrique, tem participação no filme de Rosemberg Cariry (1985) onde narra os acontecimentos.

Destacamos alguns trechos de seus relatos e analisamos à luz dos estudos sobre memória:

Figura 15 - Relação dos discursos proferidos pela entrevistada no desencadeante: invasão e expulsão

Maria Ferreira: Me lembro de uma passagem, aliás, duas. Quando a gente saiu desse quartinho [está se referindo a barraca que morava] porque lá era assim como uns quartinhos com salinha e aí fez uma barraca que era baixa assim[baixa] em uma subida, uma ladeira, né. Algumas pessoas fizeram barraca lá porque lá planejava, né [área plana]. Aí papai disse: vamos fazer uma barraca lá também, aí fez a barraca. Fez a barraca, cobria de rama, sobre a rama não tinha nada de telha, nada de outras coisas. Fazia as paredes, colocava aqueles galhos de rama, cimento, botava as coisas, cobria com aqueles galhos grandes de rama e a gente ia morar ali debaixo. Era a casinha, pertinho [dos outros] e de menhã papai desceu pra ir lá no meu padrim José [beato José Lourenço], aí quando papai voltou ele disse: [...] papai volta e chega e diz: “Joana tá uma revolução lá embaixo, estão queimando o que tinha de barraca, Joana! Já correu todo mundo, fulano de tal já correu, fulano de tal já correu, fulano de tal já correu. As barracas deles tão tudo queimada, a barraca de fulano de tal e de fulano de tal vambora, vambora, vambora se arruma Joana e vamos se embora”. Aí mamãe tinha matado um franguinho para criar umas galinha, assim umas coisas muito simples, porque tudo era muito simples, né, tudo era feito por Deus eu acho[pausa]. Não, na verdade eu sei que era! Aí Mamãe pegou assim a banda de um frango e botou na panela e a outra pendurou assim no raminho, assim perto da janela. Aí papai apressado dizia “arruma, Joana, arruma, arruma, arruma para a gente ir embora porque a polícia chega já aqui que estão lá embaixo, mas já estão subindo pra cá”. E mamãe ligeiro, arrumando tudo muito ligeiro. E aí a polícia chegou, aí papai: “vem Joana, vem Joana!” e eles [policiais] “vem se embora pra fora mulher!” [voz ríspida] e mamãe pelejando pra arrancar o frango e ele[policial] dizia: “sai para fora mulher senão eu queimo tudo com tu aí dentro” [voz muito ríspida] e papai dizia: “vem Joana, vem Joana!” [agoniado] até que mamãe saiu [respiro]. Aí nós descemos e ele [policial] foi lá tocar fogo [na barraca]. Descemos a ladeira, chegamos lá embaixo e para nós andar [expressão de dificuldade] que era tudo barraca perto, as cinzas e a fumaça [das barracas incendiadas] não tinha lugar [para caminhar] a gente tinha que passar por cima de onde era queimado, e a gente passava assim com medo de pisar [se encolhe] nas brasas. Aí chegamos em outro lugar assim perto, um monte de gente correndo do jeito que a gente tava correndo tinha um monte de gente correndo. Eu não sei pra onde os outros correram, se para esse canto que nós corremos eu não sei se foi só nós ou se foi todo mundo também, eu não lembro. Aí quando a gente chegou perto de um lugar próximo do Caldeirão que eu não sei o nome mas nesse tempo eu sabia, tinha assim um barracão, como é que chama um lugar assim bem grande? Era como um barracão, um galpão! Aí colocaram a gente assim num canto, acho que era pra ir depois pra outro lugar. Aí papai chegou e disse assim: “lá no galpão a polícia tá lá e disse que não passa ninguém”. Eu não sei se é nesse dia eu não lembro bem não, mas disseram: “é pra ir todo mundo se apresentar lá no galpão, pra ir todo mundo pra lá”. Olha o chão quando a gente pisa chega rangia o chão de coco porque quebraram o rosário de todo mundo, era uma perversidade muito grande. E pá! [barulho de estalo] chega o chão era cheio de coco, quando eu lembro assim [fecha os olhos] o chão era cheio. E aí eu ainda lembro que era um portão assim e tinha uma fila assim de soldado e a gente tinha que passar assim: “com licença!”[se encolhe]. Aí eu não lembro quanto tempo nós ficamos nesse canto se foi meio-dia, assim, pra ali todo mundo jurar que dali cada um ia pra suas terras. Porque o negócio deles era que todo mundo tinha que voltar para casa e não mais seguir o beato. Se não fosse pedir para voltar para casa se fosse para continuar a vida, não podia. Aí a gente dizia que queria voltar pra casa e ele dizia não! Não! Não! Aí eles diziam pra ir embora e a gente dizia não! Não! Não! Aí até que a gente disse: “Não, a gente vai para o Rio Grande do Norte. Vamos já saindo”, aí saiu. No cálculo que eu faço acho que era uma hora, uma hora da tarde. Aí quando chegou no ponto que era de seguir pra o Rio Grande do Norte, entramos foi para outro lado e não fomos. Aí chegamos em outro canto que foi onde ficamos aboletado outra vez. E aí teve um combate, que tinha sido um, esse foi outro e lá também foi o último. E ficamos lá, arranjados um tempão lá.

Fonte: Dados da Pesquisa, 2019

O trecho destacado apresenta de forma detalhada o cenário da invasão e expulsão. A remanesce descreve a casa, o caminho para a prisão, a abordagem policial, o deslocamento do

pai ao descer e subir para retirar a família, as contas do rosário espalhadas no chão. Esta passagem aparece na pesquisa documental, no entanto, denomina o espaço onde os camponeses foram feitos reféns de “curral” e a dona Maria Ferreira o intitula “galpão”. Aí dois pontos de vista se abrem: o primeiro elencado por Ecléa Bosi(1979) de que as falhas da memória são inerentes da nossa condição humana, e o segundo explicado por Pollak(1989) como uma exclusão por medo de represálias sociais e por isso uma necessidade de subtrair dados para se adequar. Consta no relatório da operação chefiada pelo tenente José Goés de Campos Barros registro fotográfico dos camponeses aprisionados e vigiados por policiais e o emprego do termo curral para situar o local. Na obra de Farias (2015) bem como no filme e nos documentários esta é uma passagem com grande carga dramática, ouvi-la detalhada por uma testemunha ainda mais quando criança traz uma carga de significados que as edições dos livros e dos documentários não abarcam e confirma o que preconiza Nora (1993, p.9) de que “a memória é um absoluto e a história só conhece o relativo”.

Figura 16 - Relação dos discursos proferidos pela entrevistada no desencadeante: bombardeio, mortes e fuga

Maria Ferreira : “Aí quando foi uma certa hora da tarde começou o tiroteio, chegaram os tiros pou! Pou! Pou! Pou! Pou! aí a gente dizia: “meu paizinho do céu!” e aí era que rezava. [...]Aí começou aquele tiroteio pou! Pou! Pou! e a gente “ai meu deus do céu” [disse baixinho se encolhendo] e foi assim já de tardezinha que meu padrinho[também tio] entrou, chegou onde a gente tava e disse assim: “comadre Joana, eu já venho da minha barraca”. Quando ele apareceu mamãe disse logo: cadê seu Henrique? e meu padrinho disse: “comadre Joana, compadre Henrique não veio não”. Mamãe disse: “Não veio não?”, ele disse: “não, comadre Joana, compadre Henrique levou um tiro e eu acho que ele já morreu, mas antes de eu sair de lá ele falou comigo, ele disse: “compadre Chico vá para a barraca, pegue a sua família e a minha e vai -se embora, não fique lá, vá ligeiro! Chegando lá pega a minha e a sua família e vai-se embora e diga a Joana que não fique não, diga a Joana que vá mais você com os meninos”. [repete a última fala] Aí foi. Aí meu padrinho deu esse recado a mamãe. Aí mamãe ficou assim [pensativa] e meu padrinho disse: “como é, comadre Joana, tu vai?” e ela disse: “compadre Chico, o que é que eu vou ficar fazendo aqui com esses dois meninos dentro de uma mata o dia pra o sol e os recursos só pra os poderes de Deus?”. Meu padrinho disse: “pois vá para a barraca, arruma as coisinhas que Dona já ficou lá arrumando. Né coisa muita não, é coisa pouca que a gente vai viajar agora”. Pouco tempo já tinha arrumado as coisas, era coisinha pouca. Compadre Manoel[irmão] com onze anos e eu com sete; mamãe chorando porque papai tinha morrido e a gente[chorando] também. Aí quando mamãe arrumou duas redes, não! três redes, uma para cada um, os pratos, as colheres, assim umas panelas, botou umas coisinhas, fez assim uma trouxinha, mas também não podia carregar muita coisa não. Aí assim já de tardezinha, aí já no caminho, aí minha madrinha disse: “seu Chico nós vamos subir pra o Rio Grande”. E ele disse: “não. Nós não vamos pra o Rio Grande não, nós vamos é subir”. Porque ele tinha medo de ser pego. “Subir pra onde seu Chico?” ela perguntou. Aí ele disse “vamos é subir, subir”. Aí ao invés de descer para Rio Grande a gente foi assim [sentido oposto]. Aí a gente saiu, aí ele dizia assim: “olha ninguém anda pelo caminho, deixa o caminho, cada um vai pelos aceiros, vai por dentro do mato para não ficar rastro, porque se a polícia vier ver os rastros conhece”. Aí todo mundo deixou o caminho e foi andando por dentro do mato. Ali tem tudo, de tudo.

**Pesquisadora: Nesse momento já tinha acontecido o veneno [granadas]?**

Maria Ferreira: foi depois, foi depois na saída da barraca. Aí tudo era no mato, e nós nos aceiros pra não andar pelo caminho. Aí chega a chuva, aí Deus é muito bom! Pra que a chuva? Eu acho que pra apagar a poeira pra gente ir pelo caminho. Aí quando chegou a chuva, água correndo pelo caminho aí todo mundo andava pelo caminho que já não ficava mais rastro, né. A estrada lá, o caminho era aquele caminho estreito onde passa animal e faz cocô, faz xixi, gente joga ponta de cigarro tem tudo, né?! É um chão seboso e aquela terra fofinha. Mais na frente tinha aquela quedinha d'água que é como uma cachoeirinha, eu ia com tanta sede e aquela água fazendo chuáááááááá. E aí desce naquela cachoeirinha e eu ia com tanta sede que eu fiz assim com as duas mãos [as mãos juntas em formato de concha] e tomei dois golpes[goles] e chega desceu queimando [faz uma expressão de queimação e levanta o rosto], parece que ardeu aqui[passa a mão na garganta]. Eita meu Deus parece que eu bebi foi xixi de animal, se fosse hoje morria de uma gripe, mas eu não senti foi nada [risos]. Aí quando chegou mais na frente aí meu padrinho disse assim: “vamos entrar aqui no mato que já tá tarde”. Nem sei que hora era. “Vamos entrar aqui passar a noite dentro dessa mata” aí entrou todo mundo na mata. E aí ninguém falava alto só cochichando chiuchiuchiu. As mulheres estavam no chão, os meninos ficavam tudo na barra da saia das mulheres, né, da mãe. Aí ele[tio/padrinho] levava a bolsinha assim, né, com meu Padim Cícero dentro e o Coração de Jesus. Ele chegava, pegava a bolsinha assim[próximo], chegava assim se ajoelhava, colocava no galho de pau e ficava rezando e as mulheres tudo rezando também, minha mãe e minha madrinha. Aí eu não sei se foi nesse mesmo dia ou se já foi de outra vez, aí no outro dia aí a gente saiu e parou em outro canto ou se foi assim nesse mesmo canto[organizando o pensamento] que eu regulo assim por volta de umas oito ou nove horas do dia mais ou menos aí laí vai os avião, aqueles aviões uhuh, uhuh, uhuh uhuh os avião.

**Pesquisadora: a senhora já tinha visto um avião?**

Maria Ferreira: não

**Pesquisadora: a senhora se assustou?**

Maria Ferreira: não, porque a gente já tava tão acostumado com tanto medo que a gente não sabia mais nem do que é que tinha medo. Aí o avião passava tão baixo, tão perto da gente que pra gente ele passava batendo nos galhos de pau de tão baixo que era, pelo menos na mente da gente passava, né?! Sim, aí começou a soltar bomba pou! Pou! Pou! Pou! Aquelas bombas, aquelas bombas. Aí a minha mãe e a minha madrinha diziam assim: “tampa o nariz que é bomba envenenada” e era mesmo. E aí quando chegava assim na garganta da gente [leva as mãos ao pescoço e sinaliza queimação] chega era cinzento assim e era da fumaça das bombas e era bomba envenenada mesmo. Deu um dordói tão grande que a vista da gente ficou vermelha assim da cor da camisa dele [aponta para a camisa vermelha do filho].

**Pesquisadora: demorou muito tempo soltando essas bombas?**

Maria Ferreira: Não sei. Acho que alguns minutos ou horas talvez, eu não sei. Aí a gente adoeceu da vista. Quando foi com dois ou três dias tava todo mundo doente da vista que não podia mais nem andar direito no caminho, nem podia nem abrir os olho no sol. Os olhos pareciam que estavam cheio de areia.”

Fonte: Dados da Pesquisa, 2019

Os relatos sobre a fuga, o bombardeio, as dificuldades na busca de um local seguro para sobreviver e a clandestinidade durante a busca por abrigo reforçam o estado de vulnerabilidade e o quanto eram alvo de extermínio pois as ações das forças policiais buscavam atingi-los e, sendo encontrados, seriam alvejados. Enquanto grupo não eram desejados pois os pobres que se constituíssem um peso para o Estado em tempos bem próximos foram detidos em “currais de gente” para controlar sua circulação nos centros desenvolvidos a exemplo do fenômeno da *belle époque* em Fortaleza que proibia o acesso para não atrapalhar o processo de

embelezamento que a cidade passava, como consta em Rios (2001). Foi uma ação legitimada pela imprensa como dissera Almeida (2011) e consentida pelas autoridades da época pelo temor a qualquer ameaça comunista e também por retaliação ao combate entre camponeses e policiais que resultou na morte do chefe da polícia local e de seu filho e do lado dos camponeses na morte de Severino Tavares e de outros sertanejos. As memórias do massacre estão presentes em dona Maria Ferreira e ela as expõe como um rosário de lembranças: bem concatenadas. A propriedade da narrativa é reforçada pelo cheiro, cor, sabor, temperatura, cansaço da fuga e fortes emoções como o medo e a dor pela morte do pai, pois os sentidos facilitam o acesso às memórias como diz (POLLAK, 1989).

Figura 17 - Relação dos discursos proferidos pela entrevistada no desencadeante: formas de sobrevivência e o silenciamento que se sucedeu o massacre

“Aí um dia ele [tio/padrinho] saiu e avistou uma casa. Ele voltou e disse:” tem umas casas aí pra fora, eu vi aí perto, eu vou pedir. Eu vou dizer quem sou eu e vou pedir segredo ao povo. Aí ele atravessou assim e disse assim: “eu sou daquele povo”, mas que eles por favor guardasse segredo. E as pessoas diziam: “não, a gente já sabe dessa história, não tenha medo”. Aí ele pediu umas roupinhas pra trocar, ele pediu umas roupinhas velhas, se tivesse. Aí deram umas roupinhas pras mulheres, pra eles tudo, chinelinha pra o pé que ninguém tinha mais nada, estava tudo descalço, correndo descalço. Aí essas mulheres deram as coisas, deram coisas. Aí, assim, deram assim esse tanto de sal [forma com as mãos a dimensão de uns 15cm] que naquele tempo tinha sal pisado não, era sal de pedra. Aí ela tinha uma panela de milho verde cozinhando no fogo, aí ela tirou o milho de dentro da panela do fogo cozinhando pra eles e botou dentro daquele saco as espigas com a pedra de sal, quando chegou assim pra a gente, meu Deus do céu! Era só sal vivo, né, porque o sal derrete no milho quente mas assim mesmo a gente comeu. E só sei, minha santa, que assim, assim foi. [...]. A gente não dizia que era do Caldeirão, onde a gente chegava a gente não podia contar, foram 17 anos quase passou. A gente não dizia de onde era não, [...] quando o povo perguntava algo pra gente “de onde vocês vêm?” A gente dizia: “vem de Figueiredo”. “Pra onde vocês vai?” a gente dizia: “vou sem destino” [voz alta] e caminhava ligeiro que era pra o povo não fazer pergunta. [risos]

Fonte: Dados da Pesquisa, 2019

Os sabores, as temperaturas, o cansaço, a sede que passaram durante a fuga conduzem a sequência de cenas relatadas e capta atenção do ouvinte/leitor porque transfere também para o receptor as sensações. Os detalhes dos elementos como por exemplo o milho, os calçados e o sal em pedra amparados pelo texto do padrinho/tio garante aos grafites memórias elaboradas a partir deles a contextualização desse momento de busca por sobrevivência e silenciamento.

**Maria José Sales** - conta sobre a migração de 36 pessoas de sua família do Rio Grande do Norte para o Caldeirão da Santa Cruz do Deserto; destaca a resistência dos familiares que não estavam de acordo em vender as propriedades e entregar todo o dinheiro arrecadado com a venda ao beato José Lourenço; conta sobre a fartura dos pomares e da lavoura; do arranjo de

irrigação; da organização da comunidade e divisão do trabalho entre tecedeiras, marceneiros e trabalhadores do engenho; da fome no entorno do Caldeirão que contrastava com a vida dentro da comunidade; dá detalhes sobre as vestimentas como sendo roupas pretas e compridas “varrendo os pés”, diz ela; fala sobre a perseguição e as mortes, os episódios em que se viam obrigados a engolir as contas do rosário, a esconder o rosário nos cueiros dos meninos e a camuflar a roupa dobrando o cós para diminuir o tamanho e não haver suspeitas de ser um remanescente. A respeito de sua família ela narra as discussões que ocorriam entre a mãe e o pai dela sobre o Caldeirão; o encontro dela com a história do Caldeirão após a exibição do filme de Rosemberg Cariry; o acompanhamento das entrevistas concedidas por sua mãe; a pesquisa junto aos familiares sobre a história para aprofundar os conhecimentos. Destaca o medo que o tio tinha de perder a aposentadoria ao ser identificado como um membro do Caldeirão e as narrativas desse mesmo tio sobre as várias mortes que presenciou enquanto escondido na floresta durante o massacre e os cadáveres dos camponeses que ele viu serem incendiados pelos policiais.

Figura 18 - Relação dos discursos proferidos pela entrevistada no desencadeante: trabalho e partilha

Maria José Salles: mamãe morou lá e viu a fatura que era, que estava assegurada a moradia, a alimentação, a saúde da época, né, que era a medicina caseira e religiosa. Porque o Beato rezava, ele passava os ensinamentos do Padre Cícero, aquela coisa: quem matou, não mate mais porque precisa ter paciência, ter sabedoria, ter disciplina, rezar, cuidar do corpo e da alma; orientação religiosa popular mas que era válida para a época. Então era um ambiente, como se diz, um paraíso como ela mesma dizia, né.

[...] Ela falava desse momento de oração, de fartura. E além das seis alimentações diárias tinha as frutas, que poderia pegar à vontade. Aí quer dizer, ninguém passava fome. É diferente de quem mora no terreno do coronel que não pode pegar fruta que é tido como ladrão, que tem restrições, que é tipo um escravo. Lembro de papai passando na casa do encarregado do sítio Logrador pra pedir permissão para pegar umas manguinhas pra comer ao meio-dia. Quer dizer: isso não acontecia no Caldeirão, porque se os fiscais na propriedade privada vissem pegando umas mangas chamavam logo atenção e levava preso, né, então era essa diferença. Então os dois tinham razão [a mãe e o pai] por que de fato mamãe presenciou e vivenciou a fatura e papai escutou as conversas passadas pelos coronéis para difamar o sítio Caldeirão.

[...] A regra era trabalho, disciplina e oração e o que quisesse aceitar ficava lá, senão poderia ir embora sem nenhum problema. Agora se não seguisse essa regra era obrigado a ir embora porque todo homem tinha que acordar cedo, mulher também, primeiro para rezar o ofício às 4 horas da manhã. [...] Então é todo um trabalho além dos fixos, independente de inverno ou verão. Para construir banco, mesa, cadeira: os marceneiros. As tecedeiras fazendo no tear as redes, as roupas, porque naquela época não ia para uma loja comprar tecido. Fazia a roupa de algodão, no caso a branca. Aí a maioria lá usava preto, tinha que tingir de preto. Aí as cores usadas lá era o preto, o azul e o branco.

Apresenta a rotina da comunidade, a disciplina para com o trabalho, a religiosidade vivenciada orientada pelos ensinamentos do Padre Cícero. A comunidade acolhia a todos, a regra era trabalhar, era autossuficiente, tudo produziam e produziam para todos (CALDEIRÃO DO BEATO ZÉ LOURENÇO, 2012). A organização do local e das atividades foi uma impressão destacada pelo tenente José Goés de Campos Barros em seu relatório sobre a operação em que afirmou que um trabalho como aquele só poderia fluir com o fator aglutinante da fé.

Figura 19 - Relação dos discursos proferidos pela entrevistada no desencadeante: perseguição

“Tinha tanta perseguição que elas [remanescentes] não poderiam ser identificadas. Tanto é que a minha avó ela dobrava a saia para ficar mais curta porque o pessoal usava roupa bem comprida, né, varrendo o chão. Aí os que não estavam ligados à religião popular usavam mais curtas. Aí ela enrolou, né, bem o cós da saia para não ser identificada como do Caldeirão porque, durante muito tempo, durante esses anos em torno do Caldeirão ficaram soldados vigiando as entradas nos pontos mais altos. Eles ficaram vigiando se alguém voltava para o Caldeirão. Então as filhas de tio Bernardino foram mortas, esquartejadas e colocados os corpos nas estacas na entrada do Caldeirão para ninguém ir para lá. Se tivesse com rosário tinha que esconder o rosário. A minha vó também tirou o rosário, ela tinha um rosário que não era do Beato, era do Padre Cícero que orientava todoromeiro a usar um rosário, principalmente do Caldeirão. Todo mundo usava rosário, aí todo mundo tirava e escondia nos cueiros dos meninos. Então, tinha que se esconder.”

Fonte: Dados da Pesquisa, 2019

As cenas de perseguição ressaltam o desconforto que a comunidade causava às oligarquias, estado e igreja, como se apresenta em Farias (2016), e que culminou no massacre seguido de silenciamento da comunidade pelas décadas que sucederam a morte do beato só emergindo a partir da década de 80 (ALMEIDA, 2011). Os símbolos que remetiam a essa comunidade precisavam ser apagados. O rosário e as vestes compridas são os elementos que mais caracterizam os camponeses do Caldeirão. Estes símbolos precisavam ser apagados juntamente com a história. O silenciamento não é só do discurso é também do simbólico.

Figura 20 - Relação dos discursos proferidos pela entrevistada no desencadeante: partilha

[...] eu achei interessante essa vida em comunidade porque em parte, mesmo restringindo a liberdade, tinha assegurada a alimentação. [...] Em um restaurante popular a primeira refeição que eu fiz lá, porque me disseram que tinha um restaurante popular aí depois de dois meses foi que eu fui conhecer, aí eu chorei mais do que eu comi [choro] [silêncio] [suspiro e pausa] [retoma emocionada] isso é porque eu fico lembrando do Caldeirão, e relacionando com o Caldeirão e lembrando que isso poderia ter sido feito antes porque tinha dado comida a muita gente [...] e realmente esses restaurantes populares eles imitam Caldeirões. São *oásis* que as pessoas podem ir para lá. Porque não é só vagabundo que não tem o que comer, não; tem trabalhador que também não tem em determinados períodos e o Caldeirão resolvia esse problema e aí o governo via como comunismo, como foco de comunismo, mas que de fato era uma solução para a seca. Não adianta prometer a joia da coroa como Pedro II fez: “nem que tenha que vender

a última joia da coroa, mas eu vou acabar com a seca do Nordeste”. E aí? Promessa! Lá não era promessa, lá era realização, era concreto [pausa] [respirando fundo].”

Fonte: Dados da Pesquisa, 2019

Estas falas explicitam o êxito da comunidade no que tange ao provimento de alimentos resultante do elogiado arranjo produtivo em que todos cultivavam e distribuíam entre si os frutos do trabalho. Esta organização liderada pelo beato José Lourenço é referenciada como modelo pelos movimentos que lutam pela reforma agrária. O poeta popular Patativa do Assaré recita, no filme de Rosemberg Cariry (1985), trecho de uma poesia de sua autoria em reconhecimento ao modelo da comunidade que se constituía como “um sonho de um sistema novo pra defender o povo da maldita escravidão”. Esta ênfase a bem-sucedida experiência de trabalho e partilha contidos nos relatos da remanescente ressalta o êxito da iniciativa destacado também em muitos pontos pelos historiadores, Farias (2015). Observamos com isso mais um aspecto convergente entre o que foi registrado e o que foi vivido. Para que a memória de um internalize a memória do outro é preciso concordar com o modo de testemunhar, é preciso que seja comum a forma de ver a lembrança (HALBWACHS, 2006).

**Maria José:** Tomou conhecimento sobre a relação de sua família com o Caldeirão quando da morte de sua irmã que, em seu leito de morte, chamou-a e revelou ser uma das camponesas levadas presas para fortaleza e que, decorrido algum tempo, o pai dela foi buscá-la. Dona Maria faz questão de ressaltar que não viveu na comunidade e que na época do massacre não era sequer nascida. Conta sobre a religiosidade no sítio União, o clima de paz, harmonia, trabalho e distribuição dos alimentos; que a comunidade era menor porque o beato José Lourenço não recebia mais moradores além dos remanescentes que o acompanharam, mas que recebia muitas visitas; que a irmã dele Inácia era responsável pela cozinha; que as procissões eram muito bonitas; que havia benditos; que se reuniam em uma capela; que os festejos de São Sebastião, em janeiro, tinha um ritual muito bonito e que o último foi marcante por ter acontecido nas vésperas da morte dele. Contou que ganharam um rádio e que assistiam ao rádio, a noite, reunidos na sala; as visitas que o beato José Lourenço recebia vinham de muitos lugares e muitas tinham posses por ele ser muito amado e respeitado. No dia do falecimento do beato ela estava no sítio União, junto com seus pais que como de costume o visitavam, e nesse dia choveu muito ao tempo que organizavam o corpo do beato numa rede e o transportavam o corpo nesta até Juazeiro para ser sepultado; que após o falecimento do beato José Lourenço a irmã dele vendeu as propriedades e trouxe todos os remanescentes que moravam no sítio União para ficarem juntos na nova casa adquirida no centro de Juazeiro do Norte;

ressalta que soube do Caldeirão muito superficialmente apenas por menção da sogra que falou ter avistado o sobrevoos dos aviões da morada que possuíam na época e ficava vizinha ao sítio união; Dá destaque a voz do beato por ter um timbre muito bonito e a bondade, fé e religiosidade que ele inspirava.

Figura 21- Relação dos discursos proferidos pela entrevistada no desencadeante: ataque e perseguição

**Pesquisadora: mas a senhora ouvia falar do Caldeirão mesmo sem saber que a sua irmã morou lá, ouviu falar do Caldeirão quando era criança?**

Dona Maria José: Não ouvia falar não! Ouvi só a história de que tinha acontecido lá depois que eu casei. A minha sogra que contou a história de lá que ela morava na época na Boa Vista, perto do Crato, e isso foi depois que eu me casei que ela contou para mim que nesse dia passou o dia todinho os aviões bombardeando. Ela disse que passava bem baixinho perto do sítio que eles moravam, que eles tinham sítio em um lugar chamado Boa Vista perto do Crato, aí o Caldeirão justamente fica depois de Santa Fé, eu não sei, eu nunca fui lá não. Eu sei que ele fica lá porque eu tenho uma cunhada que mora [pausa e pensa] Como é o nome do lugar? Monte Alverne! E o Caldeirão ele fica para lá ele fica bem perto da casa dela.

**Pesquisadora: mas além dessas histórias que a sua sogra contava a senhora ouviu falar dentro da casa do seu pai sobre o Caldeirão?**

Dona Maria José: Não! Não ouvia falar. Ninguém nunca, nunca tocou nessa história. Sabe por quê? Porque naquela época que eu vi essas coisas todas o pessoal ficou amedrontado. Porque meu pai mesmo ele foi lá, ele foi buscar minhas irmãs e eu nunca soube dessa história, eu já soube quando ela [a irmã] me contou. Quando já estava perto de morrer ela me contou aqui essa história de que ela tinha sido levada para Fortaleza. Ela disse quem foi que levou, que tinha gente demais de Fortaleza e o comandante quem era. Aí ela me contou, eu só sei disso aí que ela me contou [conclui impaciente].

Fonte: Dados da Pesquisa, 2019

A relutância de dona Maria José acerca das perguntas sobre as memórias do Caldeirão são também fruto de nosso meio (HALBWACKS, 2006). O efeito do sufocamento é que muitos não queiram trazer à tona o sentimento de exclusão por entendê-las em desconformidade com o que a sociedade dominante impõe. Silenciá-las é, portanto, preservar sua permanência e suas relações naquele meio POLLAK (1989)

Figura 22 - Relação dos discursos proferidos pela entrevistada no desencadeante: trabalho e fé

[...] quando o povo ia para a roça ele ia também com todo mundo. Quando era na época do inverno aí era bom, todo mundo ia para roça e por isso que a gente achava bom lá, que a gente andava lá. Eles criavam muito gado, tudo lá era de muito, né. Agora assim, tinha os empregados do gado, os empregados da roça, empregadas da casa, todo mundo tinha sua ocupação de fazer. Até que eu me lembrei das coisas! O que eu mais me lembro o que eu vi muito lá mesmo era trabalho, reza e muita oração. Ele morreu no dia 12. No dia de São Sebastião ele fez tanta oração no mundo, tanta procissão, o povo acompanhando e cantando, e cantando. Ainda hoje eu me lembro dos benditos que ele cantava. [...] Ele era bem preto [respondeu ao ser questionada sobre a cor dele]. Bem moreno mesmo né?! Tipo mesmo

essas pessoas [pensando] como se chama desse povo da África, né?! Era essa a cor, né, mas ele era um homão grande [...] tinha uma irmã dele também que morava lá, dona Inácia, e tinha uma irmã dele que morava aqui em Juazeiro que era Maria Teresa [...] elas duas bem morenas como ele também [pausa]. Pois é, o que eu vi era que ele trabalhava e rezava eu não via outra coisa, ela contava tanta história.

[...] Roça, todo mundo trabalhava de roça. Quando saía mulher, saía homem, saía todo mundo. A comunidade vivia era trabalhando, ninguém vivia lá de cara para cima não. Nem malandrando não, era trabalhando. Tinha uns dias de oração mais dura, né, mais assim [gesto de firmeza]. Tinha os benditos, mas todo dia tinha oração. Não era em uma igreja, era um lugar que ele fazia procissão, mas tinha um local lá cheio de santo, né. Tinha muito santo, uma capelinha. Mas ele fazia aquelas procissões, né, assim cantando e o povo o pessoal andando [gesto de longo com os braços]. Enfim uma procissão, né?!

Fonte: Dados da Pesquisa, 2019

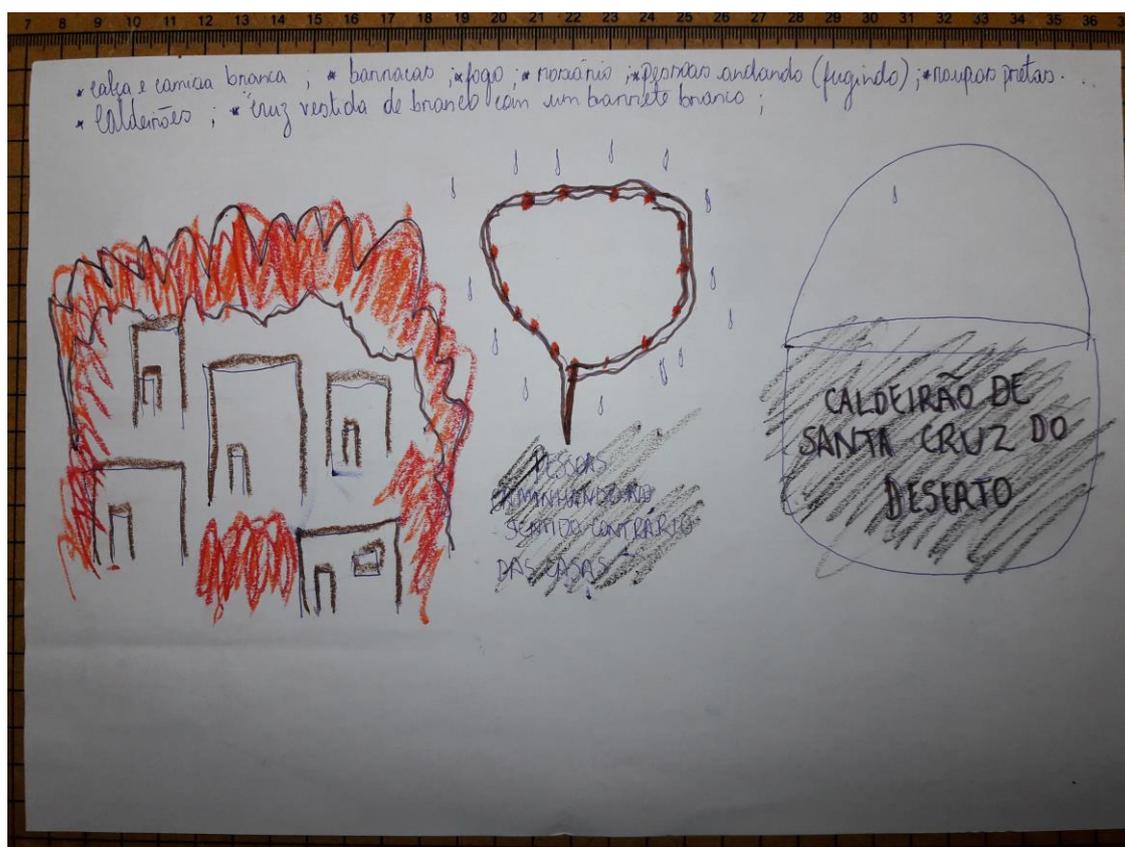
Explicita a forma de organização das comunidades lideradas pelo beato que traz a divisão do trabalho, o provimento de alimentos, e a prática da religiosidade. A dona Maria José apresenta em seu curto relato sobre suas irmãs os fatos da prisão em Fortaleza após a invasão em 1936 bem como o silenciamento ao qual estes acontecimentos foram submetidos ao distanciar-se enfaticamente do Caldeirão e apresentar o conhecimento dos fatos a partir da revelação de sua irmã. Não foi encontrado na bibliografia consultada referência a essa irmã Maria Teresa, na verdade em muitas abordagens beato é apontado como filho único. São os múltiplos caminhos da memória. Os benditos surgem mais uma vez, os rituais de adoração à cruz e as procissões também. O respeito, consideração e admiração irrestrita pelo beato José Lourenço são ressaltados por mais essa remanescente e explicados por todas os autores que publicam sobre o Caldeirão.

## 4.2 Elementos simbólicos

A atenção do grupo se voltou mais para os relatos da remanescente Maria Ferreira. De acordo com eles por ser uma sobrevivente da perseguição e por sua narrativa contemplar uma descrição que explora muitos sentidos e transporta o leitor para as cenas se torna mais intenso.

Assim, após a leitura conjunta das narrativas e o esboço individual e silencioso de cada um dos membros do grupo, aconteceu o momento de partilha. Cada um apresentou os elementos simbólicos que extraiu do conjunto de informações que antecederam a dinâmica e também das narrativas. Os esboços contemplavam texto e desenhos conforme apresentamos a seguir:

Figura 23 - Elementos simbólicos destacados em oficina com o grupo de pesquisa Limbo



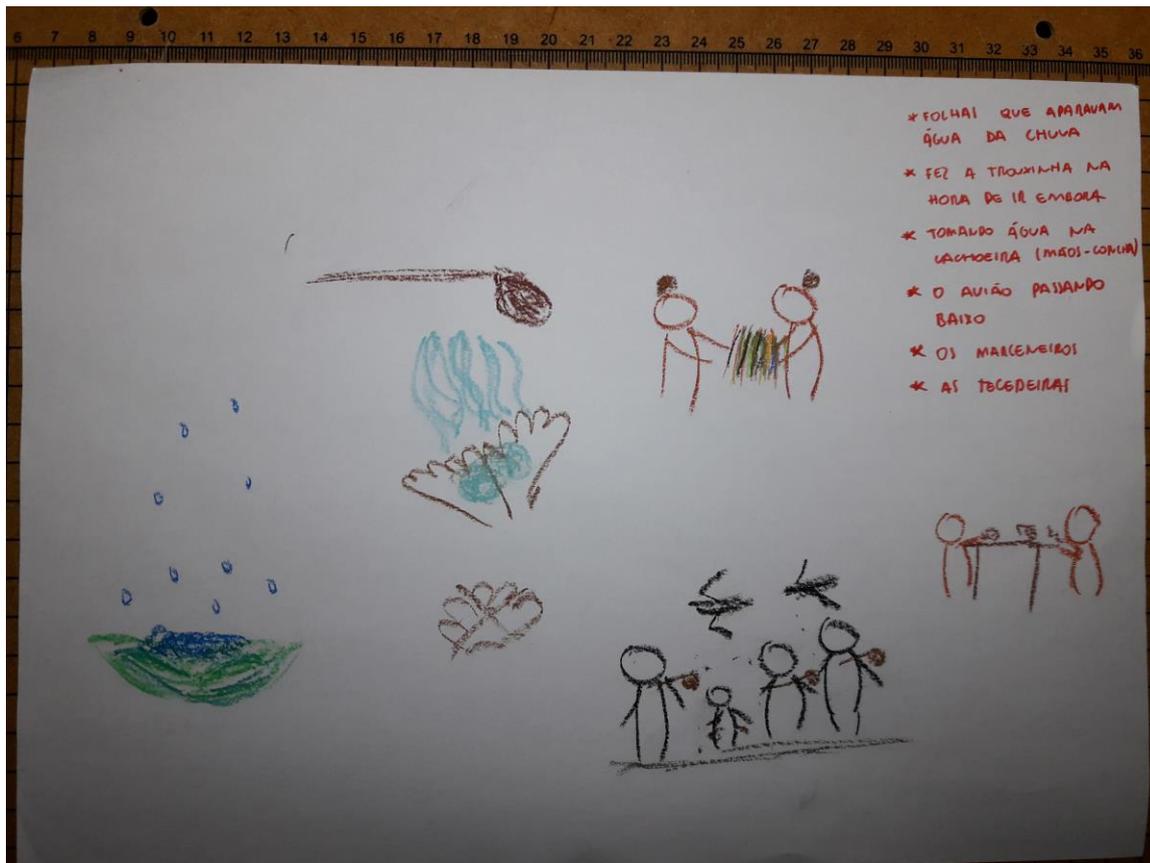
Fonte: Dados da Pesquisa 2019

Aqui se destacam as vestimentas do beato José Lourenço (calça e camisa branca); casas no alto tomadas por chamas; pessoas andando em fuga durante o incêndio das barracas; roupas pretas caracterizando a vestimenta dos camponeses; o rosário molhado por gotas de chuvas em referência ao orvalho da Chapada do Araripe; água da pequena queda d'água encontrada no caminho da família em fuga; caldeirões indicando a fartura e a cruz vestida com um barrete branco remetendo às práticas religiosas vivenciadas na comunidade.

Estes elementos destacados estão relacionados em maioria com a expulsão no Caldeirão e os momentos que se deu a fuga e o bombardeio. As casas no alto e em chamas, o orvalho(sereno) e a pequena queda d'água são elementos exclusivos das memórias da remanescente Maria Ferreira. Os demais elementos contidos são comuns as outras duas narrativas.

No esboço destaque para o fogo pois é o único elemento colorido e também para o texto que foi justificado como uma informação necessária à identificação do acontecimento para que não gerasse dúvidas à qual história se referia esta cena.

Figura 24 - Elementos simbólicos destacados em oficina com o grupo de pesquisa Limbo



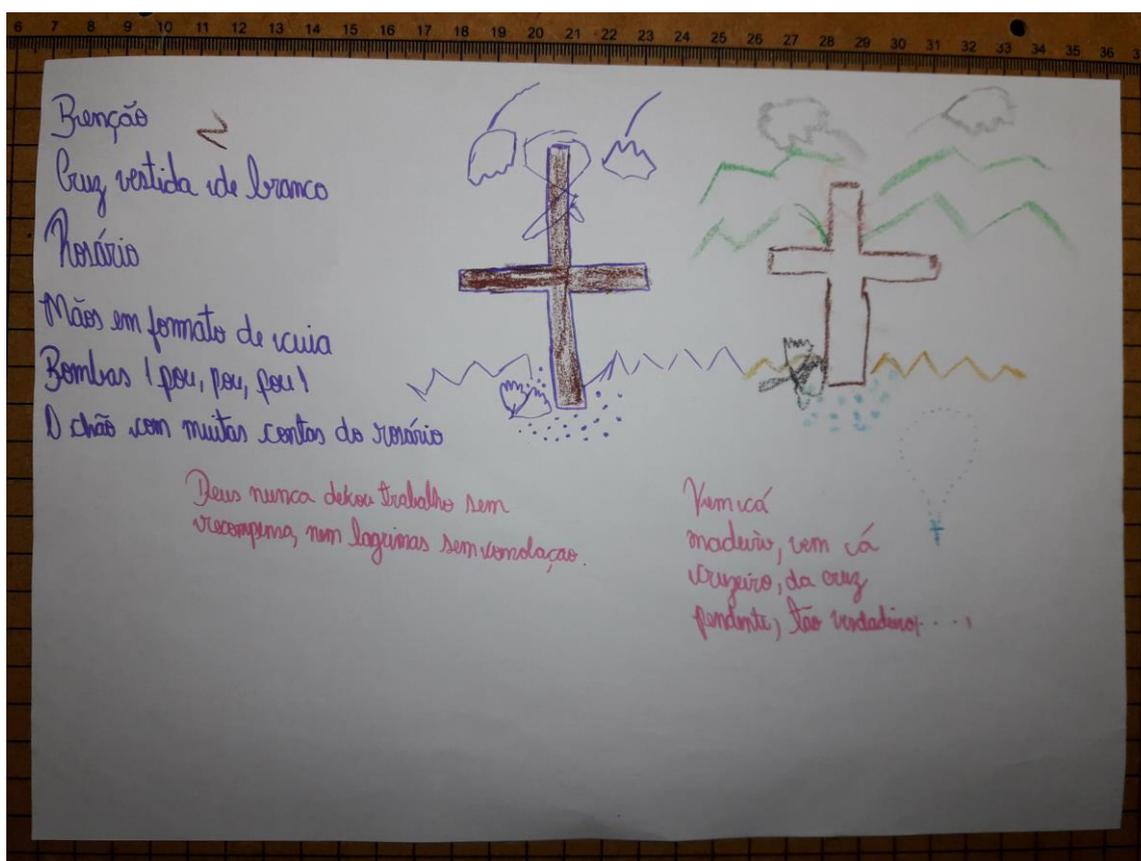
Fonte: Dados da Pesquisa 2019

Aqui se destacam as folhas da barraca aparando a água do orvalho durante a noite para abastecê-los durante o dia; a trouxa amarrando os poucos pertences que tinham para sair em retirada; as mãos aparando a água para beber durante a fuga que sucedeu o combate e antecedeu o bombardeio; a família caminhando pela Chapada do Araripe em busca de abrigo; os aviões em sobrevoo baixo; os trabalhadores reunidos em grupos nos seus ofícios de marcenaria e tecelagem, estes no Caldeirão.

Temos, novamente destacados em maior quantidade, elementos das memórias da remanescente Maria Ferreira pois os elementos que se referem à fuga como trouxas, mãos buscando água, bombardeio, caminhada e aviões em sobrevoo baixo se referem aos momentos que ela presenciou ao lado de sua família após serem expulsos das terras do Caldeirão.

Desenhados estão as folhas colhendo o orvalho, os marceneiros e tecedeiras e uma família com dois adultos e duas crianças em movimento de caminhada carregando trouxas. Este desenho não segue uma ordem dos acontecimentos, nem destaque para um ou outro elemento, mas as anotações no canto superior direito apontam para uma ordem de prioridade.

Figura 25 - Elementos simbólicos destacados pelo integrante do grupo de pesquisa Limbo



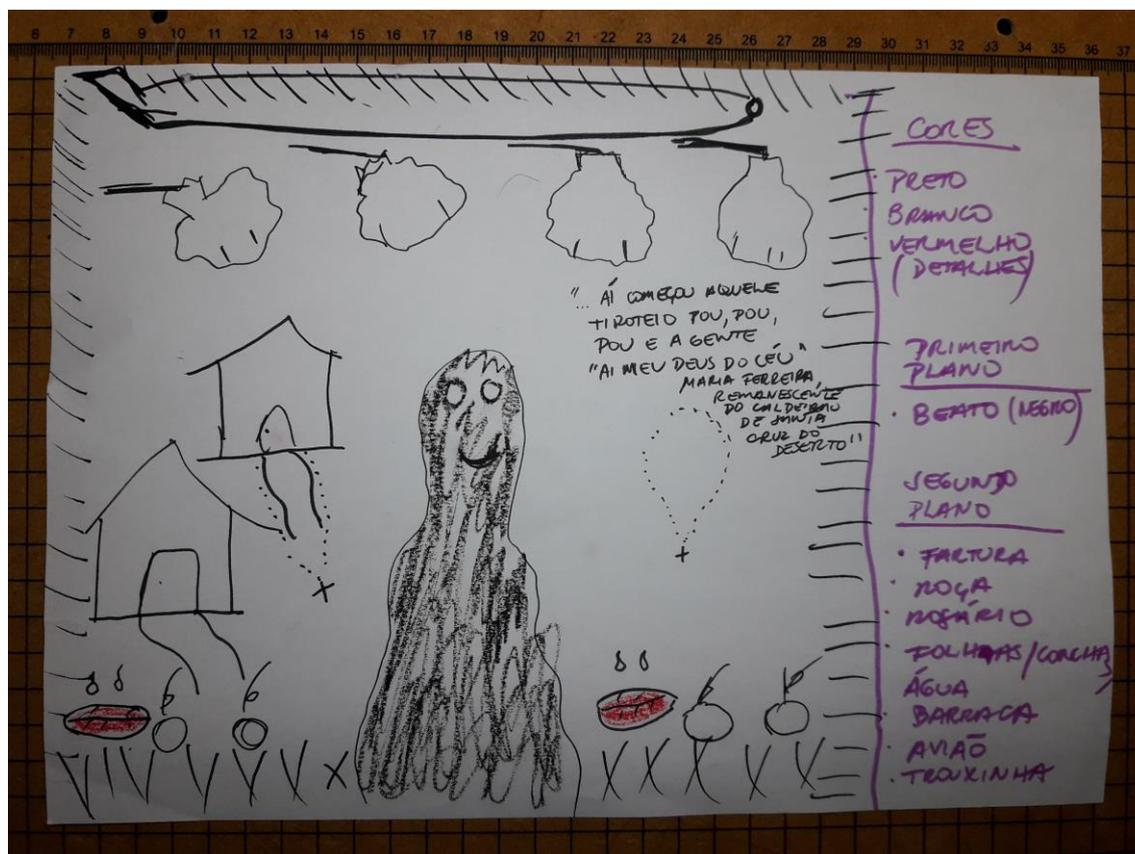
Fonte: Dados da Pesquisa 2019

Aqui se destacam a bênção do beato José Lourenço à remanescente enquanto criança; a cruz envolta no tecido branco; o rosário, as mãos em formato de cuia (concha); o bombardeio com as súplicas da sobrevivente; o chão repleto das contas despedaçadas dos rosários dos camponeses; o bendito entoado durante a adoração à cruz e durante as procissões guiadas pelo beato José Lourenço. O ensinamento do Padre Cícero também foi inserido na composição numa forma de demonstrar sua relação com a comunidade: “Deus nunca deixa trabalho sem recompensa, nem lágrima sem consolação”. Foi o único desenho que fez alguma referência ao Padre Cícero.

O desenho traz duas cruzes na tentativa de acertar a forma. Na parte inferior da cruz estão as contas do rosário - esta passagem se refere ao momento em que os camponeses foram feitos reféns no curral, lá também tinha uma cruz, um cruzeiro e os moradores estavam em oração - são os relatos de dona Maria Ferreira e de Maria José Sales. A cruz está envolta em um tecido branco, é o barrete que caracteriza a cruz da comunidade destacado em todos os documentos, literatura e nos relatos deste estudo. Acompanhando as cruzes estão o rosário, o vale e os benditos de adoração à cruz e os ensinamentos do Padre Cícero. Por esta análise dos

desenhos, texto e palavras destacadas no canto superior esquerdo temos uma composição em que foi pautada pelos elementos da fé e da oração contidos nas narrativas e nas conversas que antecederam a dinâmica.

Figura 26 - Elementos simbólicos destacados pelo integrante do grupo de pesquisa Limbo



Fonte: Dados da Pesquisa 2019

Aqui foram destacados como elementos simbólicos o beato José Lourenço com ênfase para sua cor. Este foi um aspecto amplamente discutidos nas conversas com o grupo: se eles o identificavam como negro ou não. Ressaltamos que este questionamento já havia sido feito às entrevistadas. As casas, as frutas, a roça, o rosário que são itens das narrativas de dona Maria Ferreira a respeito do Caldeirão que também constam no esboço. A barraca em que ficaram escondidos; as folhas das árvores que aparavam água durante o orvalho da noite; a água aparada na pequena queda d'água pelas mãos da criança sedenta; os aviões em sobrevoo; o trecho onde a remanescente se encontra diante das granadas e clama proteção a Deus. Todos estes elementos são também dos relatos da dona Maria Ferreira.

Observamos que o rosário aparece duas vezes desenhado bem como as folhas também se repetem. A fartura está acompanhando o beato que pelas dimensões e localização no centro

da ilustração expressa a grandeza de seu significado. Os aviões da cena do bombardeio e as trouxas que apontam a migração nas duas vezes que buscaram sobreviver estão situados ao alto e por sobre todos os elementos destacados da narrativa. Utiliza do recurso do texto próximo às ao avião e ao rosário para explicitar a súplica que é feita pela vítima naquele momento de disparo das granadas. Durante a explicação deste esboço, foi dito que as trouxas ao invés de granadas eram leitura lúdica dos acontecimentos e trariam não bombas e destruição mas sim alimentos e fartura porque, por fim, o que o que fica das memórias do Caldeirão é o exemplo de arranjo produtivo, divisão do trabalho, partilha e união e que, por estas memórias, o Caldeirão da Santa Cruz não se acabaria ali mas que os frutos semeados pela comunidade não seriam destruídos e em um outros momentos renasceriam e seriam colhidos. Outros recomeços aconteceriam como nas vezes que o beato reergueu a comunidade. No texto situado na lateral do desenho estão detalhadas as figuras de primeiro e segundo plano bem como as cores para realce do significado das figuras.

#### 4.3 A síntese

Figura 27 - síntese dos elementos simbólicos do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto



Fonte: Dados da Pesquisa 2019

Após a partilha dos elementos com os integrantes do grupo Limbo foram eleitos para compor o grafite:

- Casas incendiadas – passagem em que os policiais após expulsarem os camponeses de suas casas queimam as barracas. A dona Maria Ferreira e a Maria José Sales fazem referência a este momento. A dona Maria Ferreira explica detalhadamente esse momento a partir da aflição de sua família resultante da abordagem policial que os expulsa de sua morada e em seguida os direciona por um caminho de brasas e labaredas até o ponto que ficaram detidos.
- criança em oração – refere-se aos variados momentos em que a remanescente rezava. Na comunidade eles se reuniam muitas vezes ao dia segundo a Maria José Sales e nas memórias de dona Maria Ferreira a oração aparece em momentos de agradecimento e adoração, bem como nos momentos de súplica por proteção durante o bombardeio e a fuga.
- rosário quebrado espalhadas as peças pelo chão – é a passagem em que os camponeses foram presos após serem expulsos de suas casas e vê-las incendiadas. Os rosários foram quebrados pelos policiais e o chão estava repleto dessas peças ao ponto de estalar o chão como disse a dona Maria Ferreira que faz referência ao lugar que ficaram aprisionados como sendo de um galpão e a Maria José Sales o descreve como um curral cujo chão estava repleto de contas dos rosário despedaçados. O rosário é considerado um símbolo de fé dos camponeses do Caldeirão e também dos romeiros em geral tanto que as senhoras entrevistadas permaneceram usando a peça. O padre Cícero teria orientado todos os romeiros a usarem como testemunho de fé. O Severiano Tavares advertiu a mãe de dona Maria Ferreira ainda no Rio Grande do Norte quando ele estava em missão por ela não estar portando o rosário em seu pescoço. Os camponeses que fossem identificados com os rosários eram obrigados a escondê-los nos cueiros das crianças ou engolir as contas para não morrerem.
- o beato José Lourenço – as narrativas são de carinho, admiração, consideração e muito respeito. Se referem a ele como um homem bondoso e justo e muito trabalhador. O beato formou três comunidades ele esteve todo o tempo em um ciclo de recomeços. Os arranjos produtivos e a forma de organização do

trabalho que liderou como alternativas à miséria e à exploração são exemplos para os movimentos de luta em defesa da terra. As orações que fazia, os benditos que entoava e durante o tempo que conviveram com ele. Mantêm vivo o afeto que as acompanha em suas memórias.

- as plantações e os alimentos– as roças, os pomares e os alimentos que eram semeados e colhidos na comunidade são trazidos com muito entusiasmo em todas as narrativas. As memórias de todas elas dão conta de um lugar de fartura e de partilha de todos para todos. Por esse motivo foi também uma alternativa nos períodos da seca extrema e um abrigo em todos os tempos para aqueles que quisessem seguir aquela disciplina.
- as folhas das árvores colhendo o orvalho – quando estavam abrigados em uma barraca na Mata dos Cavalos para não chamar atenção da presença pois, a ordem policial era para que voltassem para suas cidades, não saíam durante o dia. As folhas eram colocadas para coletar a água de beberem durante o dia no orvalho da noite.
- o avião em sobrevoo atirando granadas – o momento em que a dona Maria Ferreira avista os aviões em sobrevoo próximo às copas das árvores e com o barulho intenso sua mãe a adverte sobre o veneno (gás lacrimogêneo). A dona Maria José também aponta o sobrevoo e bombardeio dos aviões descritos por sua sogra que os avistou da comunidade vizinha em que moravam.
- a cruz adornada com o barrete – a cruz que estava presente em todos os rituais de oração e penitências que. Era adornada com um barrete branco simulando uma veste.
- as vestes pretas e muito compridas – as vestes compridas “varrendo o chão” foram destacadas por Maria José Sales. Eram feitas e tingidas na própria comunidade pelas tecedeiras. Quando começaram a ser perseguidos dobravam o cós para diminuir o tamanho e disfarçar a ligação com a comunidade.
- mãos de uma criança aparando água – trata-se da passagem em que dona Maria Ferreira e sua família estão em fuga após combate que feriu o pai dela e levou os familiares ao entendimento de que ele havia morrido. Estavam caminhando pela floresta em fuga e ela estava sedenta quando avistou uma pequena queda d`água e rapidamente correu aparar água com as mãos e beber. Ela narra esta passagem com muita firmeza reproduzindo com gestos e sons o momento.

- o bendito entoado nas orações - textos escolhidos pelos integrantes do Limbo por ter sido entoado pelas três entrevistadas e ser um traço marcante da fé na comunidade.
- As súplicas são uma rara narrativa de alguém que presenciou o acontecimento tido por muitos ainda como uma lenda. Traz legitimidade ao fato renegado ainda nos dias atuais. Tão forte é a negação deste acontecimento quanto as marcas da mordaza a que foram impostos.

Destaque para o uso das cores vermelho para o fogo, verde para as plantações e coloridos para os alimentos em especial o milho pois foi o primeiro alimento que o pai de dona Maria Ferreira recebeu quando encontrou abrigo e a solidariedade de uma família.

Abaixo das imagens deve haver texto-legenda informando que se tratam de memórias dos remanescentes do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto para que o sentido dos elementos seja amplamente compreendido.

Estas imagens foram esboçadas em uma folha A4 em papel canson durante a oficina e apreciados pelo grupo Limbo. Logo após iniciamos o processo de composição do grafite pensando o melhor uso do espaço para que a harmonia visual pudesse auxiliar na compreensão das memórias.

## 5 PRODUTO

### 5.1 Criação

Neste percurso de comunicação da memória silenciada, escolhemos o grafite por tratar-se do “lugar da mestiçagem da iconografia popular com o imaginário político dos universitários”, reafirmando mais uma vez o ponto de vista de Martin-Barbero (1997, p. 276), pelo tamanho das superfícies e por conversar com a dinâmica já vivenciada na Instituição, pois já há ações desta arte urbana dentro do *campus*.

Para a criação de grafites que comuniquem a memória coletiva silenciada do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto foi reservada a lateral do prédio “G” da Universidade Federal do Cariri - *campus* Juazeiro do Norte, nas dimensões 4,85 x 7,35, e com acesso ao subsolo, conforme estabelece a Portaria Conjunta nº 01/2017, que regulamenta as intervenções dentro do *campus*.

As imagens foram produzidas pelos estudantes e professores do grupo de pesquisa após a sistematização dos relatos obtidos com a entrevista aos remanescentes e familiares. As amostras do produto foram acompanhadas e o resultado previamente avaliado pelo orientador deste estudo para conferência quanto ao alcance dos objetivos e resposta da pergunta problema.

Os elementos foram, em maioria, retirados da narrativa de dona Maria Ferreira. Esse foi um ponto em comum entre os integrantes do grupo, mesmo a escolha dos elementos se dando individualmente. Eles explicaram que isto se deve ao fato de as narrativas de dona Maria José estarem em primeira pessoa e, com isto, despertarem com maior intensidade os sentidos do leitor.

Após a sistematização, procuramos distribuir os elementos no quadro imagem para atender às premissas de aproveitamento do espaço para melhor equilíbrio de proporção e disposição dos elementos. Assim, ensaiamos algumas composições obedecendo à cronologia para captar a atenção e compreensão do observador.

Destacamos o rosário que é o condutor de todas as memórias narradas, pois, é apontado pelas remanescentes nas passagens acontecidas desde a infância até os dias atuais – inclusive usavam o rosário durante as entrevistas.

Figura 28 - Sequência de distribuição dos elementos simbólicos



Fonte: Dados da pesquisa 2019

## 5.2 Estilo

Para a compreensão do uso do estilo xilogravura nos grafites da região fizemos um apanhado das imagens com esta temática em locais públicos. Como resultado obtivemos que esta prática é mais comum nas áreas grafitadas no Crato - CE e que é muito comum o estilo aplicado em lambe-lambe como exposto nas figuras abaixo:

Figura 29 - Grafite e lambe-lambe encontrados em Crato - CE



Fonte: UFCA Jornalismo

Outro aspecto que se insurgiu no processo de criação do produto foi identificar as xilogravuras que circulavam na região nas décadas de 20, 30 e 40, ou seja, contemporâneas ao beato José Lourenço. Sabemos que os cordéis com temas sobre o Caldeirão só passaram a ser publicados a partir da década de 70 e de uma forma muito discreta. Mas a forma de compor as imagens naquele período nos ajudaria a contextualizar as memórias dos remanescentes do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto. Ocorre, no entanto, que neste recorte de tempo buscado a Lira Nordestina que era a tipografia existente no período, pois havia sido inaugurada em 1932, e distribuía os folhetos que até então não tinham as capas ilustradas não utilizava a xilogravura para estampar as imagens nas capas dos folhes mas sim a zincogravura ou clichês. Isto de utilizar a xilogravura passou a acontecer a partir da década de 50 quando o mestre Noza, escultor amplamente conhecido na região, iniciou-se na arte da xilogravura. Neste período que buscamos, ressaltamos, as capas eram estampadas com os clichês que por suas características destoam totalmente da xilogravura que é o estilo eleito para nossos elementos simbólicos. Conforme explicado na página web da Universidade Regional do Cariri, são características dos clichês:

O clichê ou zincogravura, assim denominado por ser o zinco o principal material de gravação de imagens e textos, é uma placa de zinco sobreposta em madeira, como um carimbo, onde a imagem também é revertida.[...] Com a adesão dos gravuristas a xilogravura e/ou desenho, a fabricação e impressão do clichê foi sendo paulatinamente abandonada na confecção das capas dos folhetos, restando raros exemplares, sendo a coleção da Lira Nordestina provavelmente a única de capas de folhetos no Brasil.

Figura 30 - Capas de alguns clichês reproduzidos na Lira Nordestina



Fonte: Autora 2019

Partindo para as ilustrações de cordéis em xilogravura e que trouxessem a história do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto nos deparamos com as xilogravuras de Abraão Batista, xilógrafo e cordelista de Juazeiro do Norte e com trabalhos em xilogravura de Erivana D`arc. Abaixo registramos alguns trabalhos da xilógrafa que encontramos durante nossa visita observação à Lira Nordestina:

Figura 31- Álbum de gravuras sobre o Caldeirão da Santa Cruz do Deserto encontrado na Lira Nordestina



Fonte: Autora, 2019

Nas xilogravuras com o tema do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto feitas por Erivana D`arc encontramos muitas ilustrações de passagens mencionadas neste estudo decorrentes da

pesquisa bibliográfica e documental. Anotações e a data elaboração que explicam as passagens estão situados logo abaixo da figura com lápis grafite. Destacamos a qualidade do traço e do acabamento, o cuidado e destreza que a xilógrafa teve ao transferir os elementos para a placa de madeira e da madeira para a outra superfície. Esse resultado serve de orientação para o que buscamos alcançar em nosso estudo.

A gravura impressa é enumerada e assinada e quanto menos impressões se fizer de uma matriz mais valor a peça possui. José Lourenço, o xilógrafo que nos recebeu na Lira Nordestina, desenvolve o ofício da xilogravura há 40 anos, ele conta sobre as características das ferramentas, a tarefa de cada uma das imensas e antigas máquinas distribuídas pelo ateliê e os percursos inovadores que vem trilhando ao imprimir as gravuras em variadas superfícies.

Para a Revista Cariri, dias antes declarou:

primeiramente, o desenho é feito no papel. Mas é preciso prestar atenção. “quando a gente vai talhar o desenho na madeira, o escavado é a parte que fica branca e o preto é o alto relevo. O xilógrafo tem que ter a visão ao contrário, uma visão espelhada. Hoje, com o computador é fácil, mas antigamente o cabra tinha que se virar.”

Esta perspectiva de utilização da xilogravura fez José Lourenço se interessar pela proposta desse estudo de grafitar memórias do Cariri após o desenho transferido para madeira, após entalhada na madeira, gravada numa superfície e transferido para uma parede por um grafiteiro. O acolhimento da proposta encontra espaço devido a sua percepção de expansão da atividade ao expô-la nas mais diferentes superfícies. José Lourenço ressalta durante a conversa, no entanto, que é preciso respeitar o passo elementar da xilogravura que é esculpir o desenho na madeira. “Só é xilogravura se for trabalhado os recortes na madeira e com isso houver o relevo e na impressão puder ser notada as partes desenhadas e os contrastes, se não seguir a regra básica de entalhar a madeira é apenas um desenho com características de xilogravura. Não é xilogravura”.

Por estas questões e por entender que o nosso trabalho busca a levar para o *campus* Juazeiro do Norte as memórias da região agregam valor ao produto final a participação de um artesão local e abre caminho para outras parcerias. Lembrando que o produto deve ser passível de ser aplicado em outras realidades e cada região, cada cultura deve abrir espaço para o trabalho de seus expoentes.

Figura 32 - O xilógrafo apresentando seu trabalho na Lira Nordestina



Fonte: Autora, 2019

Apresentamos a José Lourenço os elementos simbólicos sistematizados e o processo de distribuição destes no quadro imagem. José Lourenço demonstra compreender esta dinâmica com muita naturalidade pois recebe semestralmente muitos estudantes da Universidade Regional do Cariri onde é observado e responde sobre cada etapa de criação.

José Lourenço, conhecendo os xilógrafos do Cariri e o nosso estudo, nos mostrou os álbuns de gravuras do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto do xilógrafo Abraão Batista e da xilógrafa Erivana D’Arc. Reconhecemos o xilógrafo Abraão Batista, do estudo de Santos (2012) intitulado “Representações do caldeirão do beato José Lourenço na Literatura de Cordel: leituras comparativas” que referencia nosso estudo. Isso contribuiu para que buscássemos parceria com Abraão Batista.

Assim somando tantos olhares e técnicas avançamos mais um passo para a execução do grafite. Apresentamos de forma sistematizada o caminho percorrido:

Figura 33 - Quadro resumo do percurso de elaboração do produto

O quê	Quem	Onde	Por quê	Quando	Como	Quanto
<b>Definição dos grafites</b>	Grupo Limbo	Oficina com o grupo na UFCA	Devem resultar da sistematização dos relatos orais e da pesquisa documental.	07 e 14 de mai. 2019	Apresentação da pesquisa e dos estilos de grafite, leitura das transcrições e esboço dos elementos simbólicos.	Transcrições e material de papelaria
<b>Escolha do estilo dos grafites</b>	Grupo Limbo e mestranda	Oficina com o grupo na UFCA	A ação compõe um estudo e não pode depender exclusivamente da inspiração.	14 de mai. 2019	Com base nos estilos apresentados durante a oficina.	Slides com os estilos
<b>Sistematização dos elementos simbólicos</b>	Limbo Mestranda/Orientador	Durante a oficina e por <i>e-mail</i>	Para chegar aos elementos da xilogravura	14 e 15 de jun. 2019	Discussão junto ao grupo dos elementos simbólicos e escolha.	<i>Canson e sulfite A4, lápis e caneta</i>
<b>Definição dos espaços</b>	Grupo Limbo e mestranda	Durante o percurso pelo <i>campus Juazeiro</i>	Para que não fiquem despercebidos ou destoando do entorno.	14 de mai. 2019	De acordo com a Portaria Conjunta/2017 e com a tabela de áreas disponíveis.	Considerando o estado da parede.
<b>Solicitação dos espaços</b>	Mestranda	<i>E-mail</i> para a Dinfra	Porque a instituição é responsável pela manutenção dos espaços do <i>campus</i> .	De 20 a 30 de mar 2019	À Diretoria de Infraestrutura da UFCA	Autorização do 14/mai 2019
<b>Xilogravura</b>	Xilógrafo	Ateliê do xilógrafo	O estilo precisa ser respeitado	07 a 13 de jul. 2019	A partir do desenho sistematizado	R\$ 40,00 gravura R\$ 500,00 matriz
<b>Autorização</b>	Dinfra	<i>E-mail</i>	A intervenção deve ser consentida	16 de julho	Preenchimento de formulário	-
<b>Material para grafitar</b>	Mestranda	No local de execução do grafite	Proteger outras superfícies ao redor, para preparar as superfícies e para produzir efeitos variados.	Para execução	Lona, bico para spray de tinta <i>grafite</i> ; tinta aerossol, tinta látex, verniz e andaime.	Estimado em 300,00 reais
<b>Equipamento de Proteção Individual (EPI)</b>	Grafiteiros	Área G2	Proteger do contato intenso com materiais ácidos	Durante e execução	Máscara, óculos, luvas.	-
<b>Estrutura</b>	Mestranda	Área G2	Devido às dimensões do grafite	Durante e execução	Solicitar andaimes à Dinfra e entregá-los aos grafiteiros para montagem no local	-
<b>Execução do grafite</b>	Grafiteiros	Área G2	Produto do estudo	Após a entrega da Matriz	Grafiteiro com participação do grupo Limbo	R\$ 1.000,00

Fonte: Dados da Pesquisa, 2019.

### 5.3 Execução

Abraão Batista agrega, além da habilidade com a xilogravura, o conhecimento sobre o massacre do Caldeirão. O artista escreveu cordéis na década de 80, antes mesmo das gravações do filme documentário do cineasta Rosemberg Cariry terem se iniciado. É que ele e sua família são naturais de Juazeiro do Norte e sua mãe conheceu o beato José Lourenço e convivia com as histórias da época. Crescido neste contexto, Abraão Batista ouviu de perto muitos relatos sobre o Caldeirão e testemunhou a perseguição e o silenciamento

O xilógrafo nos informou ter conversado com o tenente Góes de Barros acerca do sobrevoo e da violência do massacre. Estas informações somadas aos dados de nossa pesquisa impulsionaram o xilógrafo a acolher nossa proposta.

Abraão Batista tem 84 anos de idade e já não entalha peças por encomenda, mas produz quando os títulos acrescentam à sua obra. Ele acolheu nossa ideia por entender a relevância para as memórias da região, por trazer luz à história e o que para ele é uma forma, por menor que pareça, de fazer justiça às memórias dos remanescentes. Tamanho foi o entusiasmo e acolhimento que ele nos recebeu que concordamos em estender a parceria, continuar a produzir gravuras utilizando os relatos e organizarmos uma exposição sobre o Caldeirão e o beato José Lourenço.

Após acertarmos a dinâmica, os prazos e os valores da matriz para o grafite, apresentamos o desenho resultante da oficina com o Limbo que tínhamos esboçado. Abraão Batista sugeriu acrescentar mais aviões e adequar a vegetação ao estilo dele. Concordamos porque é um elemento que não interfere na essência ou resultado das narrativas dos remanescentes e nem tampouco nos elementos simbólicos elencados pelo grupo Limbo, pelo contrário, contextualiza melhor o acontecimento.

As etapas foram acompanhadas por nós por se tratar de um estudo e por ser necessária a documentação de cada estágio da elaboração da matriz. A primeira versão entalhada por Abraão Batista não correspondeu a nossa demanda. O artista empregou sua visão do acontecimento, inseriu outros elementos da narrativa e distribuiu em pontos e tamanhos distintos ao que tínhamos demandado. Tratava-se de um trabalho de muita qualidade artística, porém, não era compatível com os objetivos do estudo. Foi preciso, por isso, refazer. Ele reiniciou o entalhe em uma nova tábua.

Abraão Batista transferiu nosso desenho para a placa de madeira, atento às escalas da parede e às características e posicionamento de cada elemento. Combinamos que as

intervenções artísticas se dariam no entalhar e nos detalhes do fundo da imagem, mas que não poderia haver modificação de elementos e nem do sentido. Recomeçamos.

Decorridos sete dias, a matriz estava pronta. O entalhe foi feito em uma placa de madeira em tamanho A3 e aplicada com tinta *offset* em folha tamanho A2, peso 70.

A matriz e a gravura surpreendem pela riqueza de detalhes e pela textura alcançada. Esse resultado só foi possível pela qualidade artística de Abraão Batista e pela técnica da xilogravura. Os efeitos acrescentados no fundo da imagem produzem um efeito de movimento, os planos escolhidos para cada elemento nos trazem profundidade a imagem, o percorrer do rosário traz dá carga dramática para a figura e guia o olhar. Confira:

Figura 34- Xilógrafo Abraão Batista e a matriz para o grafite



Figura 35: Abraão Batista legendando e assinando a gravura



Fonte: Autora 2019

Abraão Batista explicou que na matriz não poderia conter inscrições, que as palavras das capas de cordéis são inseridas nas máquinas de tipografia e o mesmo deveria acontecer neste processo do grafite – ou seja, as palavras seriam inseridas na própria parede.

O texto que é um elemento explicativo e, portanto, indispensável à comunicação das memórias precisou ser acrescentado por nós na versão espelhada entregue aos grafiteiros. Espelhamos a gravura, estendemos alguns elementos como o fogo, por exemplo, para que se aproximassem mais das dimensões do esboço inicial e inserimos o texto. Confira o resultado:

Figura 35- Gravura adaptada para o grafite



Fonte: Autora 2019

Com a gravura em mãos pedimos a três grafiteiros orçamentos e disponibilidade de datas para o mês de julho, pela convergência com nosso cronograma contratamos o grafiteiro Fabiano Dias. Ele subcontratou Ariano Barros e Pakato Dias. Na manhã, o grupo de grafiteiros montou a estrutura de andaimes e preparou o material, deram início ao meio dia e se estenderam até às 20 horas quando, devido à pouca iluminação consideraram mais proveitoso retomar o ofício na manhã seguinte. Às 6 horas do dia 21 de julho os grafiteiros reiniciaram o trabalho e concluíram o grafite logo ao meio dia.

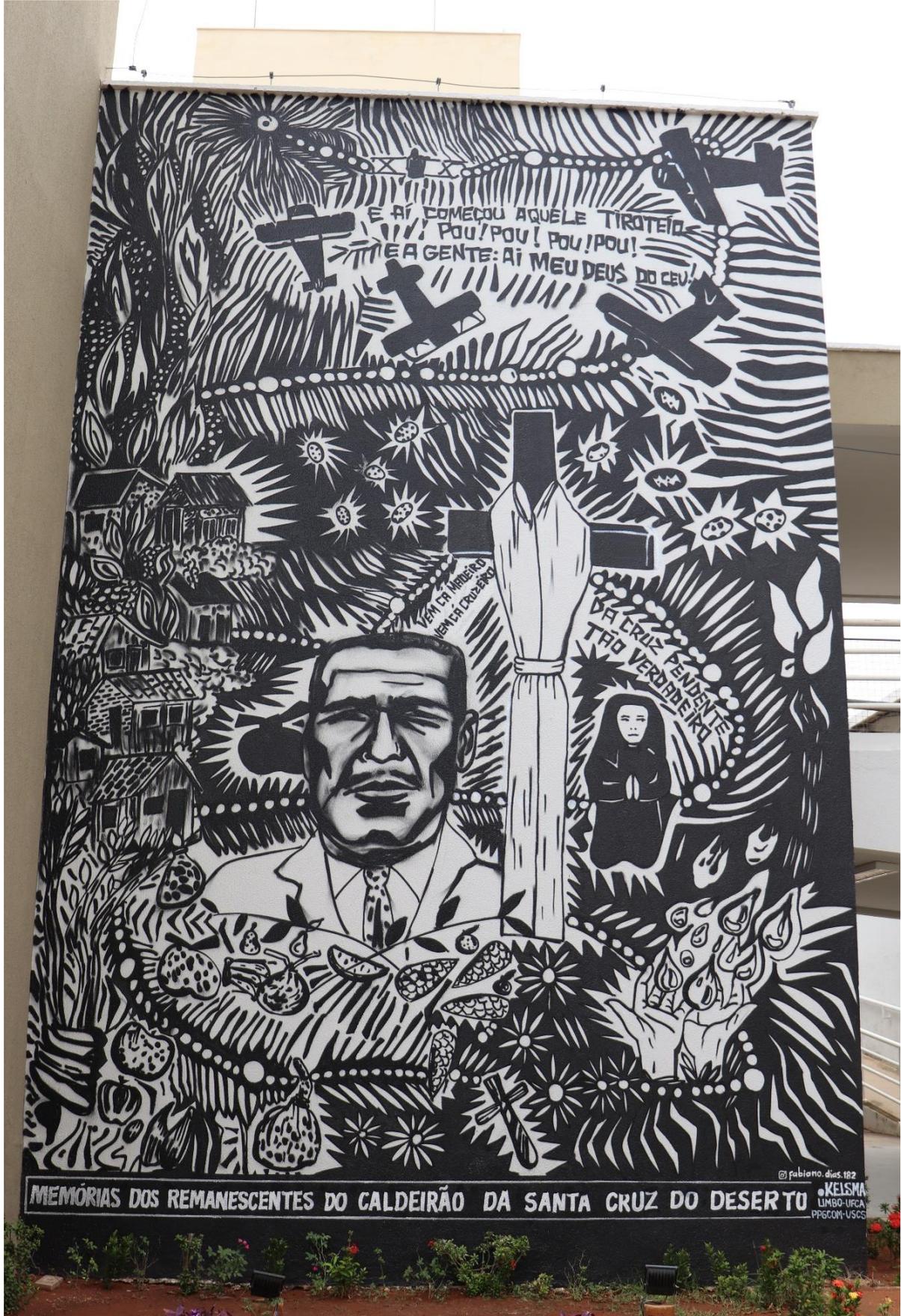
No primeiro dia de execução do grafite, 20 de julho, foi feriado municipal em Juazeiro do Norte em razão da morte do Padre Cícero. O *campus* estava esvaziado, poucas pessoas presenciaram o início do grafite. No dia seguinte, quando o expediente se iniciou, o grafite atraía olhares e juntava pessoas admiradas em seu entorno elogiosas pelas proporções, qualidade estética e tema trabalhado – nosso grafite estava sendo acolhido. Confira a sequência e o grafite finalizado:

Figura 36 – Sequência de execução do grafite



Fonte: Autora 2019

Figura 37- Grafite das memórias dos remanescentes do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto



Fonte: Dados da Pesquisa

## 5.4 Repercussão

Os registros fotográficos do grafite já se espalhavam pelas redes sociais desde as primeiras horas do dia 21. As pessoas que circulavam pelo *campus* fotografavam e compartilhavam em seus perfis nas redes sociais e em grupos de whats app. Mesmo sendo período de férias os posts com o tema atraíam a atenção dos estudantes e servidores, os compartilhamentos aceleravam a repercussão e a expectativa do resultado crescia com a movimentação também

O perfil institucional da UFCA publicou uma foto em seu feed também. A partir daí, o alcance multiplicou. A repercussão até o dia 24 de julho no perfil do Instagram tinha apresentado 1,2mil curtidas, 50 comentários, 59 envios e 5 salvamentos. Um número recorde para o período de férias e amplamente superior a outras postagens do período de aulas.

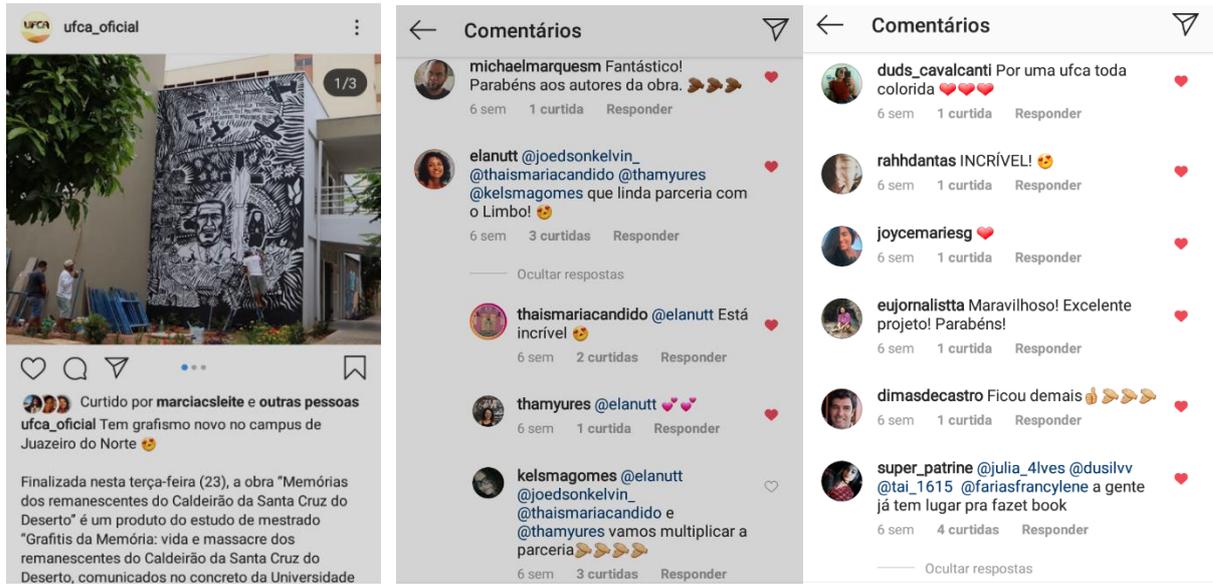
Houve divulgação também no facebook da UFCA, no portal da UFCA e em outros portais e perfis de redes sociais de veículos de comunicação da região. Foi uma repercussão orgânica, pautada pelos posts nas redes sociais e multiplicada pelos estudantes e servidores.

Os comentários são um ponto que merece atenção, pois, dentre os seguidores das páginas institucionais da UFCA no facebook e no Instagram foi possível identificar manifestações dos integrantes do Limbo, do coordenador da Lira Nordestina, do filho do xilógrafo e dos amigos dos grafiteiros. Um ponto em comum entre eles é a avocação da autoria, o fazer notar sua participação, sua parcela de contribuição no sucesso do produto. Isto é analisado por nós como aspecto positivo, pois, o acolhimento, a identificação e mais ainda a reivindicação de pertencimento são sintomas de que nosso objetivo foi alcançado: a construção coletiva das memórias do Caldeirão.

Os estudantes da UFCA, nos comentários, elogiam a comunicação da cultura da região do Cariri no *campus*, enaltecem o grafite como ferramenta de linguagem e pedem pela continuidade da comunicação das memórias do Cariri nos espaços da Universidade.

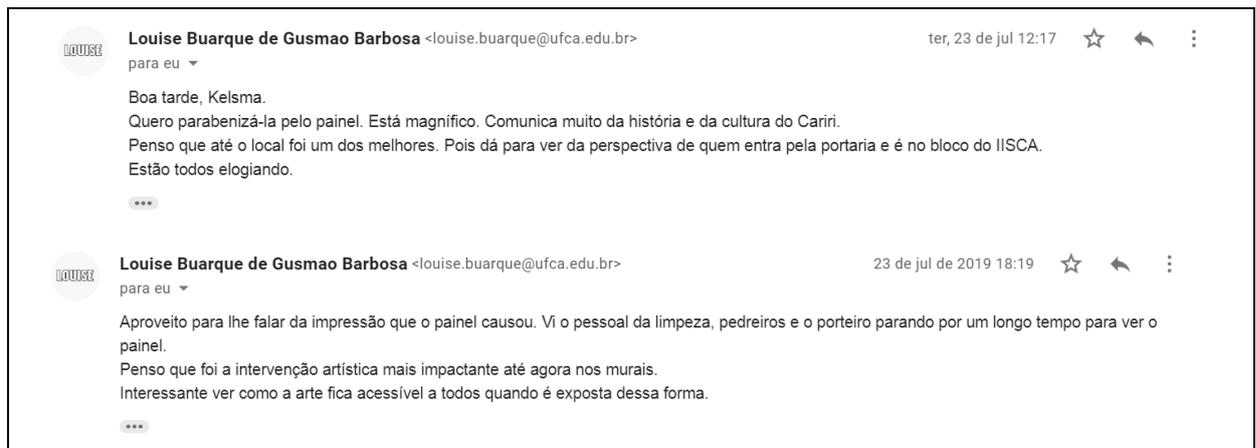
Internamente houve manifestações dos servidores por e-mail e também pessoalmente. A intervenção foi considerada como ferramenta de democrático acesso e eficiente canal de comunicação interna também. “Penso que foi a intervenção artística mais importante até agora nos murais. Interessante ver como a arte fica acessível a todos quando é exposta dessa forma” disse Louise Buarque, arquiteta da UFCA, em mensagem por e-mail. Acompanhe as opiniões nas caixas de comentários das publicações e e-mails, nas figuras 38, 39 e 40:

Figura 38 - Repercussão do grafite no perfil da UFCA no Instagram



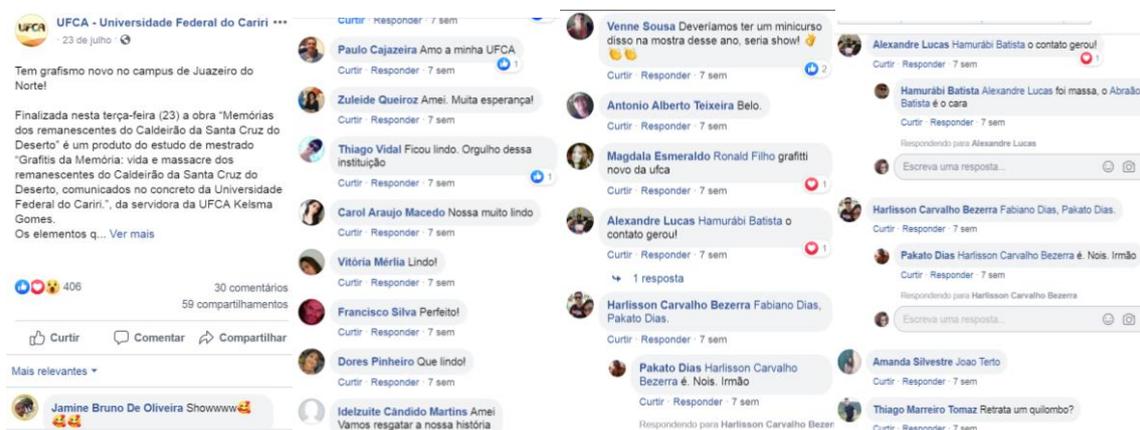
Fonte: Instagram 2019

Figura 39 - Avaliação do público interno da UFCA sobre o grafite



Fonte: e-mail UFCA

Figura 40 - Repercussão do grafite na fanpage da UFCA



Fonte: Facebook 2019

## 5.4 Recepção

Revisitamos as remanescentes e apresentamos a gravura impressa pelo xilógrafo Abraão Batista, fotos e vídeos do grafite. Buscamos conhecer as impressões delas diante das imagens de suas memórias. Todas elas, de antemão, afirmaram conhecer o xilógrafo Abraão Batista o que, para nós, foi uma surpresa positiva pois soma um acerto nossa metodologia. Visitamos cada uma delas em suas casas, individualmente como acontecera nos primeiros contatos. Todas apreciaram a gravura.

As remanescentes Maria José e Mazé dedicaram uma atenção maior às feições do beato à cruz e aos aviões. A Mazé esteve atenta às casas incendiadas também. Maria José à Cruz com as vestes. Maria Ferreira foi a remanescente que demorou mais tempo no olhar; ela percorreu cada um os elementos e comentou um a um; ela se reconheceu menina ajoelhada rezando e até disse para uma de suas filhas, que estava presente, que tínhamos a desenhado menina rezando como ela havia nos contado; ela também apontou os aviões e repetiu os sons do sobrevoo e das bombas. Li para ela a frase exclamativa e li também o bendito. Ela sorriu afetuosamente e confirmou que estava diante de suas memórias. Por fim ela também confirmou que o beato se parecia mais ao seu padrinho na xilogravura do que no grafite. “Meu padrim José tinha o olhar bondoso”, disse ela.

O rosário não foi um elemento em que elas se demoraram, mas ao perceber o caminho que ele percorria no quadro-imagem comungaram da opinião de que fazia todo sentido ele estar presente passando por todos os elementos porque ele estava em todas as suas memórias.

Com o Limbo - reunimos nove pessoas. Apresentamos novamente todo o percurso do estudo e a construção do produto pois havia integrantes recém-chegados no Grupo. Em sequência visitamos o grafite e lá explicamos como se deu a intervenção. Os estudantes presentes que não haviam participado da oficina dos elementos simbólicos apresentaram ser o grafite uma forma de justiça à memória dos remanescentes e mínima compensação pelo silenciamento das memórias, dada a violência do acontecimento.

O grupo que elencou os elementos simbólicos manifestou, assim como nos comentários dos posts nas redes sociais, conformidade, receptividade e orgulho para além das expectativas. Demonstraram interesse de que o trabalho se estenda para outros espaços da cidade.

Os estudantes também buscaram saber a respeito da recepção das remanescentes, pois, para eles, isto se constituía como um passo imprescindível no respeito à história e a comunicação das memórias. Quando entenderam que o processo de espelhamento distorceu a

assinatura do xilógrafo e que ele iria ao campus para assinar na parede pediram para estarem presentes no momento, pediram também para que Adriano Barros, grafiteiro que também executou o grafite assinasse o trabalho.

Todos ficaram desejosos de saber a percepção do xilógrafo Abraão Batista, que, até a etapa de conversa com o Limbo, não tinha podido comparecer ao campus para conhecer os elementos xilogravados em grafite.

O Limbo, assim como as remanescentes que visualizaram a gravura e o grafite, comunga da opinião de o beato manifesta um olhar terno, amoroso e acolhedor na gravura, enquanto que no grafite José Lourenço aparece altivo, imponente. A gravura é por unanimidade a versão preferida. Para a professora Elane Abreu, coordenadora do Limbo, a parte esfumada em transição para a parte definida simboliza do grafite simboliza a transição do incêndio para os novos caminhos traçados; o terço é o elo entre os elementos, ele conduz o olhar e humaniza a história. Por tudo que lemos e por tudo que vemos, dizemos o grafite comunica as memórias dos remanescentes do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto”.

Figura 41- Integrantes do Limbo analisando o grafite



Fonte: Instagram 2019

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O ofício de relações públicas no *campus* Juazeiro do Norte da UFCA permitiu-me perceber a ausência de elementos da comunicação institucional que fizessem referência às memórias do Cariri cearense naquele espaço, o que me motivou a estudar esse silenciamento e me fez mover da pesquisa para a escrita e para a intervenção.

Na proposta de pesquisa apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Inovação na Comunicação de Interesse Público, da USCS, objetivamos contribuir com proposta em que a comunicação nas instituições públicas gerasse sentido aos seus espaços. Por esse viés, buscamos entender como o grafite, enquanto ferramenta de comunicação capaz de provocar ação do sujeito a partir da interação, da criação e da participação, poderia convergir com a dinâmica da comunicação institucional para potencializar o uso dos amplos espaços e, com isso, sensibilizar a percepção dos sentidos.

Percorrendo o caminho da cultura e das histórias da região, descobrimos que o Caldeirão da Santa Cruz do Deserto constituía-se um complexo conjunto, considerando-se a realidade de vida daquela comunidade e os desdobramentos das histórias do lugar. Nas abordagens sobre o Caldeirão, foram recorrentes os momentos em que os nascidos na região do Cariri diziam conhecer vagamente a história do lugar ou revelavam saber apenas algumas lendas. O recorte se deu pelas experiências de contato com a densidade da história e o pouco conhecimento na região e pela confirmação da não inclusão do Caldeirão nos livros de história do estado do Ceará, o que agravava o silenciamento.

Nesse contexto, estabelecemos como objetivo principal investigar formas de comunicar, por meio da arte do grafite, a memória silenciada do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto, tendo por base a estrutura arquitetônica e urbanística da UFCA *campus* Juazeiro do Norte. Investigamos também como o grafite pode ser utilizado para comunicar a memória silenciada de uma região e identificar as técnicas de grafite mais adequadas para essa finalidade.

Realizar a pesquisa bibliográfica acerca do grafite e ter contato com diversas intervenções urbanas, ao circular pelos espaços concentrados de grafite durante os estudos na área – como, por exemplo, o Beco do Batman e o Museu Aberto de Arte Urbana em São Paulo –, impulsionou o interesse pelas mais variadas técnicas, estilos e autores dessa linguagem urbana.

Voltando ao contexto do Caldeirão, as leituras realizadas durante a pesquisa bibliográfica provocaram demasiada inquietação quando conhecida a densidade dramática da carga de violência despejada sobre aquele povo que se agrupava motivado pela fé, abandonado

pelo Estado, perseguido pelas oligarquias e latifundiários, e desamparado pela própria igreja que abraçava.

Por meio dos relatos orais dos remanescentes do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto, foram se desenhando os elementos visuais que melhor refletiriam a memória silenciada da comunidade, pois cada passagem revelada ganhava mais sentido em ser representada.

Esta pesquisa encontrava seu lugar de compreensão ao ouvir as histórias de vida das remanescentes; ao visitá-las em suas casas; ao ter contato com suas formas de se expressar e a seus objetos; ao ter acesso às suas fotografias; pela fé simbolizada em seus altares enfeitados; pelos rosários desgastados pelo tempo; pelos benditos entoados; pela acolhida de seus familiares que, livres das mordanças outrora impostas a seus pais, podiam se identificar e incentivar a partilha das memórias; e, ao final das entrevistas, pelo olhar afetuoso e agradecido que elas lançavam ao beato José Lourenço, em reconhecimento à sua bondade, trabalho e liderança na formação daquela comunidade.

Diante de tal contexto, percebemos a densidade e o valor das narrativas e optamos pela construção das memórias em conjunto ao Grupo de Estudos em Linguagem Estética e Comunicação da UFCA, o Limbo. As reflexões trazidas pelo grupo acerca da comunicação dos espaços do *campus* Juazeiro do Norte somadas à sensibilidade conferida aos relatos permitiram partilha edificante, que resultou em elaboração cuidadosa e seleção democrática dos elementos simbólicos, ao passo que despertamos nos pesquisadores o interesse pelas memórias locais.

No contato com o Limbo, foi proposto que o grafite a ser desenvolvido tenha como subsídio a técnica da xilogravura, o que se revelou como coerente para este estudo não por seu sentido estético, mas porque o trabalho passa a enaltecer um elemento da região, tendo em vista que a xilografia é tradição bastante arraigada neste território. Nesse sentido, a convergência potencializa a ação, pois o xilógrafo emprega um novo fazer ao seu ofício e o grafiteiro amplia seus resultados. Desse modo, estimula-se o público local e a comunidade do entorno a participar, interagir, e se enxergar no que é comunicado.

A elaboração de projeto de grafite para a UFCA, *campus* Juazeiro do Norte, que comunique a memória silenciada do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto, bem como a construção de diretrizes para a reprodução desse projeto em outros *campi* e em outras regiões, foram objetivos estabelecidos nesta pesquisa. A sequência de ações, que contempla a coleta de relatos orais para se alcançar as memórias, o contato com o público do espaço no qual se realizará o grafite e a escolha por estilo artístico característico da região, configura-se como roteiro para guiar intervenções nas mais diversas realidades.

Na região do Cariri a xilogravura vem sendo buscada como um novo fazer do grafite. O contato com mestres da xilogravura faz-se necessário pelo fato do resultado da gravura passar antes pelo cuidadoso e dedicado ofício de entalhar a madeira, pois desenhar diretamente em superfície feita de outro material, buscando-se os efeitos da gravura, não permite os mesmos resultados. A textura e a profundidade obtidas no relevo da madeira entalhada faz com que artistas da arte urbana requisitem oficinas de xilogravura no Cariri – que possui a gráfica mais antiga do Nordeste, a Lira Nordestina –, para acompanhar o processo e entender as especificidades ao esculpir as matrizes.

No produto da pesquisa, evidenciamos a importância do texto verbal, por este ser uma linguagem auxiliar que se aplica também às intervenções urbanas. Entendemos a importância do texto verbal por ele ser um facilitador na decodificação das memórias, em especial no caso desta pesquisa, que apresenta discursos permeados por dramas e violências, faces tão necessárias para se explicar as memórias silenciadas.

No período de conclusão da pesquisa, quando foi feita tentativa de realocar o espaço físico para a realização da intervenção, juntamente à Dinfra, identificamos na planilha repassada pelo setor um grafite registrado sob o título “Beato José Lourenço”. A arte revelava o rosto do beato José Lourenço, e tal foi a nossa surpresa ao descobrirmos que já havia sido grafitada e apagada. O grafite existiu e deixou de existir sem que grande parcela da comunidade compreendesse seu significado. Nesse sentido, foi para a maioria das pessoas um grafite ornamental, pois não cumpriu a função da memória social, ou seja, não comunicou porque não foi compreendido. Com o ocorrido, percebemos que não adianta apenas promover a aceitação do produto, é preciso que ele seja assimilado pela comunidade.

Ao comunicar as memórias silenciadas de um povo, o papel da universidade se exerce, pois assim ela promove a pluralidade de vozes e de pensamentos. Por meio dos relatos dos remanescentes, evidencia-se com mais potência o aspecto positivo do viver naquela irmandade, o que destoa das impressões deixadas pela imprensa da época e pela mordaza imposta a eles. Comunicar essa história no contexto da universidade possibilita desvelar o que foi escondido pelas estruturas de poder. O silenciar e o esquecer são mecanismos de disputa do poder. Segundo Le Goff (1990, p. 426), “tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas”. Assim, distribuir as memórias é distribuir o poder.

Para finalizar, retomamos, então, o que nos instigou responder neste estudo: tendo por base a estrutura arquitetônica e urbanística da UFCA *campus* Juazeiro do Norte, como se pode

comunicar, por meio da arte do grafite, a memória silenciada do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto?

O caminho para respondermos a questão deu-se através do entendimento de que o tempo decorrido de vida e massacre do Caldeirão não aniquilou as memórias dos remanescentes e familiares daquele território. Ao contrário, suas memórias estão presentes e encadeadas como as peças dos rosários que sustentam e representam a fé, o trabalho e a oração, ensinamentos aprendidos no Caldeirão.

Respondemos também ao constatarmos a resistência inicial em partilhar as memórias; a forma de pedirem para desculparmos os erros de português; ou de se constrangerem ao saber que seus pais se expressaram fora da norma padrão nos documentários assistidos. Este comportamento é um indicativo do quanto se sentem à parte do direito de ocupar os espaços das narrativas.

Ao não contemplar tais memórias, a universidade contribui para o silenciamento, no sentido de que o fazer cotidiano não deve ser tecido apenas pela comunidade acadêmica, mas, ao mesmo tempo, deve manifestar os interesses e anseios da comunidade em que está inserida. Nesse sentido, a universidade necessita promover esta inclusão. Por isso, assim como grafites provocam na urbe uma nova forma de significar os espaços, o grafite-memória do Caldeirão abre o horizonte para que os silenciamentos, nesta e em outras regiões, sejam apagados pelas vozes da comunicação.

Portanto, a matriz da xilogravura traz textura, profundidade e movimento. Os traços da cultura resultante da escultura de um mestre local, acomodada às técnicas e dimensões do grafite, visam despertar o olhar, ressignificar o espaço e comunicar esta memória silenciada, que não fosse pela confiança estabelecida entre pesquisadora e remanescentes, após demonstrado o interesse público da pesquisa, não teriam sido alcançadas.

Assim, instigados pelo vazio das memórias no *campus* Juazeiro do Norte, confirmamos neste percurso o quanto existe de silenciamento nas memórias do Caldeirão, omissão esta movida pelas estruturas de poder constatadas na pesquisa documental e nos relatos dos remanescentes; justificamos o interesse público ao contribuir com a memória social da região do Cariri cearense, trazendo à superfície os relatos dos remanescentes e partilhando-os com grupo de pesquisa da Universidade; e garantimos a presença da inovação ao reproduzir os elementos simbólicos advindos das memórias dos remanescentes em xilogravura, para comunicá-los através do grafite no concreto da UFCA. O reconhecimento e acolhimento das remanescentes, do Limbo e dos públicos diante do grafite xilogravura confirmam que neste pequeno, mas firme passo, comunicamos as memórias do Cariri. Ensejamos a sua continuidade.

## 7. REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes**. 3ª ed. Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2006.

ALMEIDA, Maria Isabel Medeiros. **Memória e história: o Caldeirão da Santa Cruz do Deserto na narrativa histórica**. 2011. 123 f. Dissertação (Mestrado em História) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2011.

ARANTES, Antônio A. **Paisagens paulistanas: transformações do espaço público**. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2000.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Tradução de Roberto Raposo. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1983.

ASSARÉ, Patativa do. Beato José Lourenço. In: CARVALHO, Gilmar de. **Patativa do Assaré Antologia Poética**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2007.

BAITELO JUNIOR, Norval. **A Era da Iconografia**. Ensaios de Comunicação e Cultura. São Paulo: Hackers Editores, 2005.

BATISTA, Abraão. **A história do beato José Lourenço e o boi Mansinho**. Juazeiro do Norte: Ed. Esp., 1990.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade - lembranças de velhos**. São Paulo. 1979. Disponível em: [https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4214438/mod\\_resource/content/1/BOSI%20E.%20Mem%C3%B3ria%20e%20sociedade.%20Introdu%C3%A7%C3%A3o.pdf](https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4214438/mod_resource/content/1/BOSI%20E.%20Mem%C3%B3ria%20e%20sociedade.%20Introdu%C3%A7%C3%A3o.pdf) . Acesso em: 16 nov. 2018.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: Ensaios da psicologia social**. São Paulo: Editora Ateliê, 2003.

BRAGA, Gabriel Ferreira. **Entre Fanatismo e a utopia: a trajetória de Antônio Conselheiro e do beato Zé Lourenço na literatura de cordel**. 2011. 139 f. Dissertação (Mestrado – Programa de Pós-Graduação em História). Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011. Disponível em: [http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUOS-8FMH5A/entre\\_fanaticos\\_e\\_her\\_is\\_\\_\\_gabriel\\_braga.pdf?sequence=1](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUOS-8FMH5A/entre_fanaticos_e_her_is___gabriel_braga.pdf?sequence=1). Acesso em: 21 dez. 2018.

BRASIL. **Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998**. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19605.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19605.htm). Acesso em: 26 mar. 2018.

BUARQUE, Louise. **Questionário respondido a Kelsma Maria Silva Gomes**. Mensagem recebida por kelsma.gomes@ufca.edu.br em 18 abr. 2018.

CALDEIRÃO DO BEATO ZÉ LOURENÇO. Videodocumentário, TV Assembleia do Ceará, 5 capítulos (2012). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=98WFhIxMjAg>. Acesso em: 12 set. 2018.

CANCLINI, Nestor Garcia. **Culturas híbridas, poderes oblíquos** - Estratégias para entrar e sair da modernidade. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: EDUSP, 1997. Disponível em: <http://www.cdrom.ufrgs.br/garcia/garcia.pdf>. Acesso em: 06 dez. 2018.

CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica**: ensaios sobre a antropologia da comunicação urbana. Tradução de Cecília Prada. 2ª ed. São Paulo: Studio Nobel, 2004.

CARIRI REVISTA. **Mural de grafite homenageia o artista Luiz Karimai**. Disponível em: <https://caririrevista.com.br/mural-de-grafite-homenageia-o-artista-luiz-karimai/> Acessado em: 05/jun/2019

\_\_\_\_\_. **José Lourenço: Lira Nordestina e o sentimento na madeira**. Disponível em: <https://caririrevista.com.br/jose-lourenco-lira-nordestina/> Acessado em 10 jun. 2019

CIDADE CINZA – os gêmeos. Direção: Marcelo Mesquita e Guilherme Valiengo. São Paulo. Documentário. 1h25min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=svFLNSQevag>. Acesso em: 3 nov. 2017.

CORDEIRO, Domingos Sávio de Almeida. **Um beato líder**: narrativas memoráveis do Caldeirão. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2004.

DIÁRIO DO NORDESTE. **Ceará recebe OSGEMEOS para grafitação de trens do Metrofor em Fortaleza, Sobral e Cariri**. Disponível em: [http://blogs.diariodonordeste.com.br/zonanorte/sobral\\_/ceara-recebe-osgemeos-para-grafitagem-de-trens-do-metrofor-em-fortaleza-sobral-e-cariri/10804](http://blogs.diariodonordeste.com.br/zonanorte/sobral_/ceara-recebe-osgemeos-para-grafitagem-de-trens-do-metrofor-em-fortaleza-sobral-e-cariri/10804). Acesso em 04 abr. 2019

\_\_\_\_\_. **Oficina une artes do grafite e da xilogravura**. Disponível em: <https://diariodonordeste.verdesmares.com.br/editorias/regiao/oficina-une-artes-do-grafite-e-da-xilogravura-1.285188>. Acesso em 04 abr. 2019

DIOCESE DO CRATO. **Romaria ao Caldeirão de Santa Cruz**: recordar e atualizar a experiência vivida da palavra de Deus. Disponível em: <http://diocesedecrato.org/tag/beato-jose-lourenco>. Acesso em: 24 ago. 2018.

FLICKR. UFCA. **Projeto de organização – campus Juazeiro do Norte**. 2018. Disponível em: <https://www.flickr.com/photos/ufca/sets/72157698697650005/with/43149292212>. Acesso em: 07 ago. 2018.

FACEBOOK. **Universidade Federal do Cariri Oficial**. Disponível em: <https://www.facebook.com/UniversidadeFederaldoCaririOficial> Acesso em: 22 jul. 2018.

FACÓ, Rui. **Cangaceiros e fanáticos**: gênese e lutas. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980. Disponível em: <https://www.marxists.org/portugues/faco/1963/03/cangaceiros.pdf>. Acesso em: 18 nov. 2018.

FARIAS, Airton de. **História do Ceará**. 7ª ed. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2015. [versão kindle]

FUNDAÇÃO PERSEU ABRAMO (2008). **O beato José Lourenço e a comunidade do Caldeirão de Santa Cruz do Deserto – Parte II**. Disponível: <https://fpabramo.org.br/2008/09/15/o-beato-jose-lourenco-e-a-comunidade-do-caldeirao-de-santa-cruz-do-deserto-parte-ii>. Acesso em: 09 dez. 2018.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projeto de pesquisa**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2010

GITAHY, Celso. **O que é grafite**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

INSTITUTO DE PESQUISA DO CEARÁ. **Caracterização territorial**. Ceará, 2012.

Disponível em:

[http://www2.ipece.ce.gov.br/publicacoes/ceara\\_em\\_numeros/2012/territorial/01\\_001\\_caracteristicas\\_geograficas.pdf](http://www2.ipece.ce.gov.br/publicacoes/ceara_em_numeros/2012/territorial/01_001_caracteristicas_geograficas.pdf). Acesso em: 28 ago. 2018.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina Andrade de. **Técnicas de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

LASSALA, Gustavo. **Em nome do pixo: a experiência social e estética do pichador e artista Djan Ivson**. 2014. 102 f. Tese (Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2014.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: Editora Unicamp, 2003.

LEAL, Ivanhoé Albuquerque. Afetividade das ações humanas e sua reconstrução narrativa em Paul Ricoeur. **Veritas**. Porto Alegre, v. 61, n. 1, p.50-61, jan.-abr. 2016. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/veritas/article/view/19570/14289>. Acesso em: 07 dez. 2018.

LOPES, Régis. **Caldeirão: estudo histórico sobre o beato José Lourenço e suas comunidades**. 2. ed. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar/ Núcleo de Documentação Cultural – NUDOC/UFC, 2011.

LOPES, Régis. **Caldeirão**. Fortaleza: EDUECE, 1991.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História e do Departamento de História**. São Paulo, n. 10, dez, 1993. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/12101/8763>. Acesso em: 04 dez. 2018.

O CALDEIRÃO DA SANTA CRUZ DO DESERTO. Direção: CARIRY, Rosemberg. Fortaleza: Cariri Filmes, 1985. Documentário. 78 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=o9OEb94tvy4>. Acesso em: 24 ago. 2018.

OS CEARENSES – Beato Zé Lourenço. Fundação Demócrito Rocha. Documentário, 2013. Disponível em: [www.youtube.com/watch?v=kDPyNkRDJM4](http://www.youtube.com/watch?v=kDPyNkRDJM4). Acesso em: 28 nov. 2018.

PAIXÃO, Sandro José Cajé da. **O meio é a paisagem: pixações e grafite como intervenções em São Paulo**. 2012. 216 f. Dissertação (Mestrado - Programa de Pós Graduação Interunidades em Estética e História da Arte). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/93/93131/tde-15062012-134631/pt-br.php>. Acesso em: 07 jul. 2018.

PERAZZO, Priscila Ferreira. Narrativas Oraís de Histórias de Vida. **Comunicação & Inovação**, v. 16, n. 30, 121-131, jan-abr 2015.

PEREIRA, Alexandre Barbosa. As marcas da cidade: a dinâmica da pixação em São Paulo. **Lua Nova**, 2010, n. 79, p.143-162. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ln/n79/a07n79.pdf>. Acesso em: 8 mar. 2018.

POLLAK, Michael. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

RICOEUR, Paul. **Tempo e Narrativa**. Tradução Constança Marcondes Cesar. Campinas: Papyrus, 1994.

RIOS, Kênia Sousa. **Campos de Concentração do Ceará: isolamento na seca de 1932**. Fortaleza: Museu do Ceará/Secretaria de Cultura do Ceará, 2001.

ROSSETTI, Regina. **Inovação – uma abordagem filosófica**/ Regina Rossetti. São Paulo: LiberArs, 2019.

SANDES, José Anderson. Seu Raimundo do Caldeirão de Santa Cruz do Deserto. **Memórias Kariri**. 1.ed – Juazeiro do Norte: Revista experimental do projeto “Memórias Kariri” da UFCA, 2017.

SANTAELLA, Lucia. **Matrizes da linguagem e pensamento: sonora, visual, verbal: aplicações na hipermídia**. São Paulo: Iluminuras e FAPESP, 2005.

SANTOS, Ana Cláudia Veras. **Representações do caldeirão do Beato José Lourenço na Literatura de Cordel: leituras comparativas**. 2012. 173f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Letras, Fortaleza (CE), 2012.

SANTOS, Paulo Sergio dos. **Escritas urbanas: um estudo sobre a pixação e o graffiti na cidade de João Pessoa-PB**. 2012. 106 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2012. Disponível em: <http://tede.biblioteca.ufpb.br:8080/handle/tede/7486>. Acesso em: 3 mar. 2018.

SILVA, Robson José Romano. **Grafite em São Paulo: entre a comunicação a céu aberto e a contemplação nas galerias de arte**. 2014. 95 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/4663>. Acesso em: 30 jun. 2018.

SILVA, Lemuel Rodrigues da. **O discurso religioso no processo migratório para o Caldeirão do Beato José Lourenço**. 2009. 224 f. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Regional; Cultura e Representações) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2009.

SILVEIRA. Fabrício. **Grafite Expandido**. Porto Alegre: Modelo de Nuvem, 2012.

SODRÉ. Rachel Fontes. A Comunicação na Cidade: Polifonia e Produção de Subjetividade no Espaço Urbano. In: **XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação**, 2006, Brasília. Anais. Disponível em:  
<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/100006946131022084276719225645852218150.pdf>  
f. Acesso em: 20 mai. 2018.

UFCA Jornalismo. **Kariri Urbano**. Disponível em:  
<https://ufcajornalismo.wixsite.com/kaririurbano>. Acesso em: 12 mai.2019

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI. **Plano de Desenvolvimento Institucional**. Ceará, 2017. Disponível em:  
<http://www.ufca.edu.br/portal/documentos-online/pdi/6430-pdi-1/file>. Acesso em: 23 jul. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Plano Diretor do Campus Avançado do Cariri**. Fortaleza, Ceará, 2006.

UNIVERSIDADE REGIONAL DO CARIRI. **Lira Nordestina- Ponto de Cultura e Gráfica**. Disponível em:  
<http://www.urca.br/liranordestina/index.php/nosso-acervo/zincogravuras>. Acessado em 10 jun. 2019

VINUTO. Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate. **Temáticas**, 2014, n. 44, p. 203-220.

## APÊNDICE A- ENTREVISTAS COM AS REMANESCENTES

**Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS)**

**Programa de Pós-Graduação em Comunicação em Inovação na Comunicação de Interesse Público.**

**Depoimento sistematizado de Maria Ferreira, 90 anos.**

**Duração: 01:15:01**

**Juazeiro do Norte (CE), 11 de abril de 2019.**

**Pesquisadora: Kelsma Maria Silva Gomes**

**Transcritora: Kelsma Maria Silva Gomes**

**Pesquisadora: Como souberam do Caldeirão e decidiram vir para a Comunidade?**

Maria Ferreira: Antes de a gente vim, foi uma pessoa de meu padrim José que ele mandou pra lá, Severino Tavares, pai de Eleutério. Essa família mora no Crato, Eleutério é filho de Severino Tavares.

**Pesquisadora: e quando chegou lá no Caldeirão o que a senhora viu no Caldeirão?**

Maria Ferreira: sim, quando a gente chegou lá a gente já sabia porque eles tinham dito: “olha quando chegar lá vocês se ajoelham e toma a benção a ele e beija a mão dele” do meu padrinho José. “Quando a gente chega ele tá sentado e a gente toma benção a ele, se ajoelha, toma benção a ele e beija a mão dele”, a gente já tinha aprendido isso lá [onde moravam]. Aí a gente pequenininho se ajoelhava, tomava benção a ele, beijava a mão dele e ele abençoava, aí ele dizia: “abençoado seja de Deus!” era assim que ele dizia.

**Pesquisadora: a senhora lembra dele [do beato José Lourenço]?**

Maria Ferreira: lembro mulher. É mesmo que você tá vendo ele vivo esse retrato [santinho].

**Pesquisadora: ele era negro, ele era índio?**

Maria Ferreira: ele era moreno. Moreno, negro assim bonito! [exalta]

**Pesquisadora: e como ele se vestia?**

Maria Ferreira: calça e camisa branca. Roupa branca, só vestia roupa branca. Calça e camisa comum mesmo. Agora a roupa dele não tinha esses detalhes assim na frente, só tinha uma coisinha amarrada aqui atrás.

**Pesquisadora: e como era o dia a dia de vocês?**

Maria Ferreira: durante o dia os homens iam para a roça trabalhar e as mulheres ficavam com as crianças. As roças eram longe das casas, mas não era muito longe não. Quando não estava na roça cada um ficava em sua casa, cada um nas suas casas. Aí quando era de noite todo mundo ia pra casa dele rezar, todo mundo ia rezar com ele.

**Pesquisadora: como era a alimentação?**

Maria Ferreira: na alimentação, o finado Eleutério era o cargueiro dele. eles vinham buscar aqui no Juazeiro e levavam para lá. Quando chegava lá ele dividia para todo mundo, ele levava de tudo ele dividia para todo mundo e algumas coisas que vinha da roça era para todo mundo. Tudo de lá era comum, tudo de lá era para todo mundo. Então seu Eleutério vinha fazer as compras na rua e levava de tudo, de

tudo ele levava, levava de tudo que as pessoas precisam em casa: comida, sabão, tudo ele levava. Chegava lá distribuía pra fulano, fulano, fulano e fulano e o que colhia na roça já trazia para comer.

**Pesquisadora: a senhora ouviu falar do Padre Cícero lá?**

Maria Ferreira: ele [beato José Lourenço] era comandado por ele, ele meu Padrim Cícero botou ele pra lá[exalta]. Ele disse que ele fosse pra lá: “José tu vai para o Caldeirão, vai um povinho pra lá, pra você cuidar desse povo. Você vai lá cuidar de um pessoalzinho que vai para lá”. Aí ele[beato] foi cumprir e atender o pedido dele. O povo ia e ele [beato] tomava conta de todo mundo. Era como se ele[beato] fosse o pai da família, o pai de todos. Todo mundo respeitava ele, tinham o maior respeito.

**Pesquisadora: como eram as roupinhas lá?**

Maria Ferreira: Preto, as roupas eram pretas. Uns vestiam azul, mas a maioria vestiam todo mundo preto. Chinelinho [acrescenta].

**Pesquisadora: a senhora lembra de ter visto a polícia lá?**

Maria Ferreira: Me lembro de uma passagem, aliás, duas. Quando a gente saiu desse quartinho [está se referindo a barraca que morava] porque lá era assim como uns quartinhos salinha e aí fez uma barraca que era baixa assim[baixa] em uma subida, uma ladeira, né. Algumas pessoas fizeram barraca lá porque lá planeava, né. Aí papai disse: vamos fazer uma barraca lá também, aí fez a barraca. Fez a barraca, cobria de rama, sobre a rama não tinha nada de telha nada de outras coisas. Fazia as paredes, colocava aqueles galhos de rama, cimento, botava as coisas, cobria com aqueles galhos grandes de rama e a gente ia morar ali debaixo. Era a casinha pertinho [dos outros] e de menhã papai desceu pra ir lá no meu padrinho José, aí quando o papai voltou ele disse: “Joana”, sim [...] Iam se fazendo de meu padrinho vindo tomando a bença mas tava era investigando. Aí um dia chegou uns e parece que era delegado, era umas pessoas assim grandes, né. Nesse período meu padrinho José estava terminando a igreja aí ele foi mandou buscar na Alemanha os santos pra ser os padroeiros de lá[...] Eles eram grandes e assim vieram da Alemanha nos caixão comprido, passou aqui por todo Juazeiro, todo mundo viu aí quando deu fé, quando meu padrinho deu fé chegou. E aí os boatos de que “Eita tá se armando, tá se armando” E aí o delegado e outro bichão chegaram lá e disseram: “José Lourenço eu vim aqui porque você tá se armando né, Zé Lourenço, você tá se armando.” Aí meu padrinho disse: “não eu não tô armando não, eu não preciso de arma não.” “Tá José, você tá se armando, você mandou buscar armas que passaram por dentro de Juazeiro, você mandou buscar armas, o seu armamento passou dentro do Juazeiro, Zé Lourenço, todo mundo viu!” Aí meu Padrim José disse: “Não. Mas eu não comprei arma nenhuma não!”. “Comprou porque todo mundo viu e eu quero ver essas armas”. “Nós queremos ver, nós viemos para ver essas armas”. “Meu padrinho disse: “tá bom eu mostro as armas para vocês”. Aí chegou lá e mostrou os três caixotes e disse: “olha aqui as armas”. “Eu sabia, todo mundo sabia, todo mundo viu”. Meu padrinho: “pois abra” Quando ele abriu quase caiu para trás porque era uma imagem, abriu o outro, outra imagem, outra imagem, três imagens. Aí meu padrinho disse: “tá aí eu não preciso de armamento não, eu trouxe Santo pra botar numa igreja”. Pronto. Depois foram-se embora. Então voltando [retoma a cena de quando o pai estava falando com a mãe] quando eu tava lá em cima papai volta e chega e diz: “Joana tá uma revolução lá embaixo, estão queimando o que tinha de barraca, Joana. Já correu todo mundo, fulano de tal já correu, fulano de tal já correu, fulano de tal já correu. As barracas deles tão tudo queimada, a barraca de fulano de tal e de fulano de tal vambora, vambora, vambora se arruma Joana e vamos se embora”. Aí mamãe tinha matado um franguinho para criar umas galinha, assim umas coisas muito simples, porque tudo era muito simples, né, tudo era feito por Deus eu acho[pausa] não, na verdade eu sei que era. Aí Mamãe pegou assim a banda de um frango e botou na panela e a outra pendurou assim no raminho, assim perto da janela. Aí papai apressado dizia “arruma Joana, arruma, arruma, arruma para a gente ir embora porque a polícia chega já aqui que estão lá embaixo mas já estão subindo pra cá. E mamãe ligeiro, arrumando tudo muito ligeiro. E aí a polícia chegou, aí papai: “vem Joana, vem Joana!” e eles[policiais] “vem se embora pra fora mulher!” [voz ríspida] e mamãe pelejando pra arrancar o

frango e ele[policial] dizia: “sai para fora mulher senão eu queimo tudo com tu aí dentro”[muito ríspida] e papai dizia: “vem Joana, vem Joana!”[agoniado] até que mamãe saiu. Aí nós descemos e ele [policial] foi lá tocar fogo. Descemos a ladeira, chegamos lá embaixo e para nós andar[a dificuldade] que era tudo barraca perto, as cinzas e a fumaça[das barracas incendiadas] não tinha lugar[para caminhar] a gente tinha que passar por cima de onde era queimado, e a gente passava assim com medo de pisar[se encolhe] nas brasas. Aí chegamos em outro lugar assim perto, um monte de gente correndo do jeito que a gente tava correndo, tinha um monte de gente correndo. Eu não sei para onde os outros correram, se para esse canto que nós corremos, eu não sei se foi só nós ou se foi todo mundo também, eu não lembro, aí quando a gente chegou perto de um lugar próximo do Caldeirão que eu não sei o nome mas nesse tempo eu sabia, tinha assim um barracão, como é que chama um lugar assim bem grande [pergunta] como um barracão, um galpão! Aí colocaram a gente assim num canto, acho que era pra ir pra outro lugar. Aí papai chegou e disse assim: “lá no galpão a polícia tá lá e disse que não passa ninguém”. Eu não sei se é nesse dia eu não lembro bem não, mas disseram: “é pra ir todo mundo se apresentar lá no galpão, pra ir todo mundo pra lá”. Olha o chão quando a gente pisa chega rangia o chão de coco porque quebraram o rosário de todo mundo, era uma perversidade muito grande. E pá [barulho de estalo] chega o chão era cheio de coco, quando eu lembro assim[fecha os olhos] o chão era cheio. E aí eu ainda lembro que era um portão assim e tinha uma fila assim de soldado e a gente tinha que passar assim: “com licença!” aí eu não lembro quanto tempo nós ficamos nesse canto se foi meio-dia, assim, pra ali todo mundo jurar que dali cada um ia pra suas terras. Porque o negócio deles era que todo mundo tinha que voltar para casa e não mais seguir o Beato. Se não fosse pedir para voltar para casa se fosse para continuar a vida, não podia. Aí a gente dizia que queria voltar para casa e ele dizia não, não, não. Aí eles diziam pra ir embora e a gente dizia não, não, não. Aí até que a gente disse: “Não. A gente vai para o Rio Grande do Norte, vamos já saindo”, aí saiu. No cálculo que eu faço acho que era uma hora, uma hora da tarde. Aí quando chegou no ponto que era de seguir pra o Rio Grande do Norte, entramos foi para outro lado e não fomos. Aí chegamos em outro canto que foi onde ficamos aboletado outra vez. E aí teve um combate, que tinha sido um, depois outro e lá foi o último e ficamos lá arranjados um tempão lá. Lá foi onde ficamos aboletado esse tempo todo na barraquinha. Porque era muita gente eu não sei se nesse canto que nós fomos outras famílias foram ou foram para o outro lado. A gente não sabe quem se destinou para aqui para acolá. Aí nesse canto que a gente ficou a gente chegou a saber depois que tinha fulano de tal aqui, fulano de tal acolá.

### **Pesquisadora: e neste novo local a senhora chegou a ver o seu padrinho José ?**

Maria Ferreira: é onde ainda agora eu disse [se referindo a conversa anterior a gravação] que a gente ficou naquele canto que tinha a barraquinha que nem assim baixinho [abaixando a cabeça] e que nem o chão barria, era forradinho de folha. E a gente ali, nós ali. A gente não saía de jeito nenhum. Os homens quando era de noite saía para procurar alguma coisa quando todo mundo dormia saíam para buscar água em um canto que descobriram porque nosso senhor mostrava tudo e aí eles descobriram um Olho d'Água longe, numa estradinha, num lugar longe. Entravam naquela estradinha no meio do mato, encontravam o Olho d'Água e quando chegava meia-noite a gente botava umas folhinhas assim [as mãos juntas formando uma concha] ainda hoje eu me lembro, meu papai dizia assim: “olha vocês bota essas vasilhas aqui assim que é para quando chegar o sereno da noite, aí daqui a pouco assim a pouco a gente bebia. Aí quando chovia a minha mãe e a minha madrinha, quando chovia, pegava aquelas folhas secas grandes que formavam assim de castanhola, esse formato de cuia, aí aparava aquela água das folhas e botava na vasilha e também pra lavar roupa, aquela água vermelha das folhas, não é linda uma história dessa[pergunta] [risos]. Aí papai saiu mais meu padrinho para caçar recursos para a gente comer [...] E aí tinha outras pessoas também espalhadas em outras barracas depois de um tempo a gente ficou sabendo que eles também estavam aboletados ali em algum lugar.

### **Pesquisadora: e quando foi que vocês saíram dessas barracas?**

Maria Ferreira: no dia da revolução que eu já te disse que meu padrinho José contou pra o pessoal assim: daqui a um tempo vai haver um combate aqui, vai ser uma guerrinha. Aí depois ele dizia assim: vai ser

uma festinha, uma festinha quem quiser vir participar, mas aqui ninguém traz arma. Na verdade, já não tinha arma, mas ele ainda dizia: “ninguém traz arma, ninguém venha armado”. A arma que existia lá era só essa [aponta para o rosário]. Pode ser que houvesse uma faca de cozinha, né. Aí quando eles foram sair eu lembro que meu pai mais meu padrinho disseram assim: “vamos que ninguém vai deixar meu padrinho só não, a gente vai pra tá lá com ele, a gente vai participar lá com ele!”. E a minha mãe e a minha madrinha ficavam preocupadas e a gente que era pequeno ficava com medo: “ai meu Deus do céu”. Aí eles foram. Papai disse: “olha Joana não fica aqui na barraca não, porque mais tarde no correr do dia pode ser que vem alguma polícia atrás de gente nas barracas procurar, chegar aqui vai encontrar vocês. Vocês entrem aqui e cacem um canto aqui perto e fiquem ali perto. Fique lá Joana você mais os meninos” que era eu e meu irmão. E meu padrinho disse a mesma coisa e minha madrinha [...] Aí quando foi uma certa hora da tarde começou o tiroteio, chegaram os tiros pou, pou, pou aí a gente dizia: “meu paizinho do céu!” e aí era que rezava. [...] Aí começou aquele tiroteio pou, pou, pou e a gente “ai meu deus do céu” [disse baixinho se encolhendo] e foi assim já de tardezinha que meu padrinho entrou, chegou onde a gente tava e disse assim: “comadre Joana, eu já venho da minha barraca”. Quando ele apareceu mamãe disse logo: cadê seu Henrique? e meu padrinho disse: “comadre Joana, compadre Henrique não veio não”. Mamãe disse: “Não veio não?”, ele disse: “não. Comadre Joana, compadre Henrique levou um tiro e eu acho que ele já morreu. Mas antes de eu sair de lá ele falou comigo, ele disse: ‘compadre Chico vá para a barraca, pegue a sua família e a minha e vai-se embora, não fique lá, vá ligeiro! Chegando lá pega a minha e sua família e vai-se embora e diga a Joana que não fique não, diga a Joana que vá mais você com os meninos’ ”. [repete a última fala] Aí foi, aí meu padrinho deu esse recado a mamãe. Aí mamãe ficou assim [pensativa] e meu padrinho disse: “como é comadre Joana tu vai?” e ela disse: “compadre Chico o que é que eu vou ficar fazendo aqui com esses dois meninos dentro de uma mata o dia para o sol e os recursos só para os poderes de Deus?”. Meu padrinho disse: “pois vá para a barraca, arruma as coisinhas que dona já ficou lá arrumando. Né coisa muita não é coisa pouca que a gente vai viajar agora”. Pouco tempo já tinha arrumado as coisas, era coisinha pouca. Compadre Manoel com onze anos, eu com sete e mamãe chorando porque papai tinha morrido e a gente também. Aí quando mamãe arrumou duas redes, não! três redes, uma para cada um, os pratos, as colheres, assim umas panelas, botou umas coisinhas, fez assim uma trouxinha mas também não podia carregar muita coisa não. Aí assim já de tardezinha, aí já no caminho aí minha madrinha disse: “seu Chico nós vamos subir pra o Rio Grande”. E ele disse “não. Nós não vamos pra o Rio Grande não, nós vamos é subir”. Porque ele tinha medo de ser pego. “Subir pra onde seu Chico?” ela perguntou. Aí ele disse “vamos é subir, subir”. Aí ao invés de descer para Rio Grande a gente foi assim [sentido oposto]. Aí a gente saiu, aí ele dizia assim: “olha ninguém anda pelo caminho, deixa o caminho, cada um vai pelos aceiros, vai por dentro do mato para não ficar rastro, porque se a polícia vier ver os rastros conhece”. Aí todo mundo deixou o caminho e foi andando por dentro do mato. Ali tem tudo, de tudo.

### **Pesquisadora: Nesse momento já tinha acontecido o veneno [granadas] ?**

Maria Ferreira: foi depois, foi depois na saída da barraca. Aí tudo era no mato, e nós nos aceiros pra não andar pelo caminho. Aí chega a chuva, aí Deus é muito bom. Pra que a chuva [pergunta] eu acho que pra apagar a poeira pra gente ir pelo caminho. Aí quando chegou a chuva, água correndo pelo caminho aí todo mundo andava pelo caminho que já não ficava mais rastro, né. A estrada lá, o caminho era aquele caminho estreito onde passa animal e faz cocô, faz xixi, gente joga ponta de cigarro tem tudo, né, é um chão sebo e aquela terra fofinha. Mais na frente tinha aquela quedinha d'água que é como uma cachoeirinha, eu ia com tanta sede e aquela água fazendo chuáááá. E aí desce naquela cachoeirinha e eu ia com tanta sede que eu fiz assim com as duas mãos [as mãos juntas em formato de concha] e tomei dois golpes[goles] e chega desceu queimando[faz uma expressão de queimação], parece que ardeu aqui. Eita meu Deus parece que eu bebi foi xixi de animal, se fosse hoje morria de uma gripe, mas eu não senti foi nada [risos]. Aí quando chegou mais na frente aí meu padrinho disse assim: “vamos entrar aqui no mato que já tá tarde nem sei que hora era, vamos entrar aqui passar a noite dentro dessa mata” aí entrou todo mundo na mata. E aí ninguém falava alto só cochichando chiuchiuchiu. As mulheres estavam no chão, os meninos ficavam tudo na barra da saia das mulheres, né, da mãe. Aí ele levava a bolsinha assim, né, com meu Padim Cícero dentro e o Coração de Jesus. Ele chegava, pegava a bolsinha

assim[próximo], chegava assim se ajoelhava, colocava no galho de pau e ficava rezando e as mulheres tudo rezando também, minha mãe e minha madrinha. Aí eu não sei se foi nesse mesmo dia ou se já foi de outra vez, aí no outro dia aí a gente saiu e parou em outro canto ou se foi assim nesse mesmo canto que eu regulo assim por volta de umas oito ou nove horas do dia mais ou menos aí lá vai os avião, aqueles aviões uhhh, uhhh, uhhh uhhh os avião.

**Pesquisadora: a senhora já tinha visto um avião?**

Maria Ferreira: não

**Pesquisadora: a senhora se assustou?**

Maria Ferreira: não. porque a gente já tava tão acostumado com tanto medo que a gente não sabia mais nem do que é que tinha medo. Aí o avião passava tão baixo, tão perto da gente que pra a gente ele passava batendo nos galhos de pau de tão baixo que era, pelo menos na mente da gente passava, né. Sim, aí começou a soltar bomba pou, pou, pou, pou, aquelas bombas, aquelas bombas. Aí a minha mãe e a minha madrinha diziam assim: “tampa o nariz que é bomba envenenada” e era mesmo. E aí quando chegava assim na garganta da gente [sinal de queimação] chega era cinzento assim e era da fumaça das bombas e era bomba envenenada mesmo, deu um dordói tão grande que a vista da gente ficou vermelha assim da cor da camisa dele [aponta para a camisa vermelha do filho].

**Pesquisadora: demorou muito tempo soltando essas bombas?**

Maria Ferreira: Não sei. Acho que alguns minutos ou horas talvez, eu não sei. Aí a gente adoeceu da vista. Quando foi com dois ou três dias tava todo mundo doente da vista que não podia mais nem andar direito no caminho, nem podia nem abrir os olho no sol. Os olhos pareciam que estavam cheio de areia. Sim, aí quando foi outro dia, em outro arranjo que a gente ficou aí mamãe disse: “a gente vai levando coisa muito pesada, vamos deixar um bocado dessas coisas pra gente andar mais rápido, deixar as coisa pra andar mais maneira. Eu lembro ainda hoje que mamãe deixou uma rede, os pratos que levava. Ela deixou tudo dentro da mata: prato, panela, umas coisas que ela levava, ela deixou tudo dentro da mata. Aí ele[tio/padrinho] saiu não sei quantas vezes nesse dia, entrava e saía de dentro do mato e voltava. Aí um dia ele[tio/padrinho] saiu e avistou uma casa, ele voltou e disse:” tem umas casas aí pra fora, eu vi aí perto. Eu vou pedir, eu vou dizer quem sou eu e vou pedir segredo ao povo. Aí ele atravessou assim e disse assim: “eu sou daquele povo, mas que eles por favor guardasse segredo.” E as pessoas diziam: “não, a gente já sabe dessa história, não tenha medo”. Aí ele pediu umas roupinhas pra trocar, ele pediu umas roupinhas velhas, se tivesse. Aí deram umas roupinhas pras mulheres, pra eles tudo, chinelinha pra o pé que ninguém tinha mais nada, estava tudo descalço, correndo descalço. Aí essas mulheres deram as coisas, deram coisas. Aí, assim, deram assim esse tanto de sal [foma com as mãos a dimensão de uns 15cm] que naquele tempo tinha sal pisado não, era sal de pedra. Aí ela tinha uma panela de milho verde cozinhando no fogo, aí ela tirou o milho de dentro da panela do fogo cozinhando pra eles e botou dentro daquele saco as espigas com a pedra de sal, quando chegou assim pra a gente, meu Deus do céu! era só sal vivo, né, porque o sal derrete no milho quente mas assim mesmo a gente comeu. E só sei, minha santa, que assim, assim foi. [...]. A gente não dizia que era do Caldeirão, onde a gente chegava a gente não podia contar, foram 17 anos quase passou. A gente não dizia de onde era não, [...] quando o povo perguntava algo pra gente “de onde vocês vem?” a gente dizia: “vem de Figueiredo”. “Pra onde vocês vai?” a gente dizia: “vou sem destino”[voz alta] e caminhava ligeiro que era pra o povo não fazer pergunta. [risos]

**Pesquisadora: a senhora quer contar mais alguma coisa, deseja falar mais alguma coisa?**

Maria Ferreira: mulher, eu só tô lembrando sabe de quê? De uns exercícios que ele fazia com a minha madrinha Santa Cruz [risos]. Ela dizia assim: “hoje meu padrinho vai fazer exercício”. Os exercícios hoje é caminhada, essas coisas, né. Lá eles chamavam de exercício. Aí era assim: ele quatro horas da tarde ele vai sair com a minha madrinha Santa Cruz. Todo mundo ia pra casa dele, aí a casa ficava cheia de gente pra esperar. E ele dentro do quarto se preparando. A veste dele fazer exercício tá lá em Fortaleza

no museu. Não tem aquela veste do padre, bem bonita, branca, com aquela renda? A dele era aquela. Ele colocava uma touca ou gorro, eu não sei, na cabeça e era branquim. Minha madrinha Santa Cruz a veste dela é fita, ela era enfeitada só com fita branca. Ela comprava acho que 2 metros de fita e colocava assim seguida de fita aqui, vestidinha de fita, amarra de fita aí fica aquela sainha, coisa mais linda! E tem um chapeuzinho de crochê aqui em cima. Aqui é a cruz, né [apoiando no tronco]. Ele estava se preparando assim do quarto. aí quando chegava na hora ele pegava a cruz e ele saía assim e todo mundo fazia fila atrás. Aí quando ele ia sair com essa Cruz tinha um bendito que ele cantava assim para receber ela, a cruz. [...] Era assim que ele ficava de frente para ela, pra cruz, o som da voz dele era a coisa mais linda desse mundo, aí ele fazia assim: "vem cá madeiro, vem cá cruzeiro"[ela canta] dava uma passadinha, "vem cá Madeiro, vem cá cruzeiro, da cruz pendente, tão verdadeiro, vem cá madeiro, vem cá cruzeiro, da cruz pendente, tão verdadeiro, da cruz pendente, tão verdadeiro". Aí quando ele dizia essa última vez "da cruz pendente, tão verdadeiro" ele já pegava assim a cruz e já saía. Aí todo mundo ia atrás, todo mundo atrás. Ele saía assim e todo mundo atrás e já cantando. Aí já eram outros benditos bonitos já na saída. [...] Aí ele saía, subia assim aquela serra, todo mundo de branco. Que as procissões são duas filas, né, mas lá era uma só. No dia da reza que era o exercício aí vestia branco. Algumas vezes a gente ia e outras vezes a gente ficava esperando e todo tempo ele cantando em voz alta, aquela voz tão bonita que chegava até estremecia. [...] Ele era muito querido. Olha, aí um dia a gente viu assim do alto e era tudo branquinho assim. Olha, era muito lindo, muito lindo, o céu deve ser daquele jeito. Mas era muito lindo e quando ele chegava, entrava, e todo mundo já ficava rezando aqui de fora.

**Pesquisadora: a senhora falou na conversa que ele tinha feito uma brincadeira com a senhora, como foi?**

Maria José Maria Ferreira: é fez, já no fim aí a gente foi tomar benção a ele, aí eu me ajoelhei e ele foi disse assim: "menina você me dá teu coração?" eu disse: "te dou meu padrinho" eu de joelho, bem quietinha. "Menina tu me dá teu coração, menina?" "dou meu padrinho" ele tornou a perguntar de novo, mais alto: "tu me dá mesmo menina, teu coração, menina?" "dou, meu padrinho". Aí eu não sei se ele perguntou três vezes, aí as meninas disseram: "meu padrinho ela tá tremendo de medo". Aí meu padrinho riu e aí disse assim: "ei menina, traz o facão que eu vou tirar o coração dessa menina, que essa menina me deu". E eu ali de joelho. [risos] Aí as meninas diziam: "meu padrinho ela tá com medo" [comovidas]. Aí eu nem lembro, eu não sei se eu tava com medo eu sei que ele pediu meu coração e eu dei meu coração não dei [pergunta]. E qual foi o coração que que ele pediu [pergunta] o que ele pediu e eu dei foi papai que passou 17 anos sem mim, entendeu [pergunta]. Olha eu querendo decifrar as coisas, né. Mas eu entendo assim: ele pediu meu coração e eu dei e meu pai passou 17 anos com ele, você entendeu [pergunta] [comoção] [...] Olha tem outros benditos também que cantava que eu me lembro que era assim, esse foi meu padrinho Conselheiro que ensinou, olha vocês desculpa se eu não cantar direito era assim, são duas palavras que eu me lembro: "dai-me meu Jesus, dai-me meu Jesus, dai-me um doce coração, pelas cinco chagas da vossa paixão"[cantou] que era bonito. [...] E o do trabalho? Oração do trabalho pra quando tiver trabalhando e não pensa em mais nada: tando eu em meu trabalho, esquecida do Senhor, fala uma voz Divina, ouve a voz pecador, ouve a voz de quem te chama, de nosso pai verdadeiro, ouve a voz de quem te chama, de nosso pai verdadeiro [repete os versos falando]. Esses benditos a gente cantava na comunidade quando eu era criança, esse foi meu padrinho Conselheiro, o Severino Tavares quem ensinou.

**Pesquisadora: a senhora ouviu alguma história ruim do seu padrinho José?**

Maria Ferreira: Não, nunca de jeito nenhum. Houve os falsos que as pessoas levantavam falso a ele. Foi por isso que ele foi perseguido, por isso que eliminaram lá. Mas ele não tinha não. Ele era uma pessoa, meu Deus, era uma pessoa boa que fazia o que é bom. Lá ninguém ofendia ninguém nem para dizer que era feio. Ninguém falava da vida alheia, não inventava história lá. Ninguém chamava nome, só fazia conversar, trabalhar e rezar e falar coisas boas, umas coisas de união.



**Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS)****Programa de Pós Graduação em Comunicação em Inovação na Comunicação de Interesse Público.****Depoimento sistematizado de Maria José Sales, 65 anos.****Duração: 01:15:01****Juazeiro do Norte(CE), 11 de abril de 2019.****Pesquisadora: Kelsma Maria Silva Gomes****Transcritora: Kelsma Maria Silva Gomes****Pesquisadora:** como se deu o contato seu e de sua família com o Caldeirão?

**Maria José Salles:** Severino Tavares saiu em todo Sertão falando sobre o Caldeirão dizendo que o mundo ia se acabar em 40 e só escapava quem estivesse no Caldeirão. O meu avô Pedro José de Oliveira acreditou na história e vendeu grande parte das coisas que tinham. Isso porque ainda deixou um sítio lá e trouxe a família em romaria para o Caldeirão, ele trouxe todos os filhos. Depois vieram outras pessoas: irmãos, sobrinhos, primos de modo que da família foram 36 pessoas que chegaram a morar no Caldeirão. Isso foi em novembro de 35.

**Pesquisadora:** Quando e como você conheceu o Caldeirão?

**Maria José Salles:** a história em si eu só vim conhecer depois. Só vi uma coisa enigmática que eu não entendia o que era, pois papai vez por outra tomava umas pingas e dizia que o Caldeirão era um antro de prostituição e que não sei o que lá, que era uma exploração, que o povo era escravo do Beato. E mamãe brigando dizendo que lá era bom, que lá tinha fartura, que lá os homens só trabalhavam e oravam, que não tinha nada disso e, era aquela coisa que eu não sabia o que era. E pronto, só isso, fora ninguém falava, nem na escola e nem em nenhum ambiente se falava de Caldeirão.

**Pesquisadora:** quando a história se tornou conhecida como você passou a agir?

Maria José Sales: aí eu fui conhecer e procurar entender porque aqui papai falava mal e mamãe falava bem. Aí eu vi que os dois tinham razão: a história de papai que ele sabia é que era passada e diziam que era até Sebastião Mariano que foi para o Caldeirão e contava, mas ele era encarregado de espalhar as histórias que interessavam aos coronéis. Porque os proprietários de terra estavam perdendo trabalhadores, eles estavam indo para o Caldeirão e ninguém ia mais procurar um rancho, uma casinha em um terreno de um coronel.

**Pesquisadora:** como você chegou nesse entendimento?

**Maria José Salles:** porque ele contava que era uma pessoa que saía nos engenhos contando como tinha sido lá. E aí eles diziam: mas é verdade porque ele morou lá. Aí na pesquisa foi que eu vim ver que a vantagem que o agricultor tinha morando no Caldeirão era bem diferente de pedir um rancho no terreno de um coronel, né. Como papai que trabalhava na roça mas, tinha por exemplo, se desse uma quarta de feijão, ele tinha que dar a metade para o proprietário, não é? E outra coisa, se não desse nada [na colheita] mesmo assim tinha que pagar a renda. E lá no Caldeirão, não. Tudo era de todos, todo mundo trabalhava na grande roça. Então tinha garantido a fatura, a casa, tudo, né. A rede furou o dono não ia se preocupar lá se a rede furou, a rede rasgou, ele não ia dar outra não. E lá no Caldeirão tinha as tecedeiras que faziam rede direto para ir substituindo as redes rasgadas e dar nova a quem chegasse. Então realmente era vantagem ir para o Caldeirão e era por isso que o coronel fazia de tudo para amedrontar né os agricultores, para pessoa não chegar lá.

**Pesquisadora:** Explique a parte que você entende que foi positivo morar no Caldeirão

Maria José Salles: mamãe morou lá e viu a fatura que era, que estava assegurada a moradia, a alimentação, a saúde da época, né, que era a medicina caseira e religiosa. Porque o Beato rezava, ele passava os ensinamentos do Padre Cícero, aquela coisa: quem matou, não mate mais porque precisa ter paciência, ter sabedoria, ter disciplina, rezar, cuidar do corpo e da alma. Orientação religiosa popular mas que era válida para época. Então era um ambiente, como se diz, um paraíso como ela mesma dizia, né.

**Pesquisadora: ela contava que era um paraíso?**

Maria José Salles: Contava. Ela falava desse momento de oração, de fartura e além das seis alimentações diárias tinha as frutas, que poderia pegar à vontade. Aí quer dizer, ninguém passava fome. É diferente de quem mora no terreno do coronel que não pode pegar fruta que é tido como ladrão, que tem restrições, que é tipo um escravo. Lembro de papai passando na casa do encarregado do sítio logrador para pedir permissão para pegar umas manguinhas para comer ao meio-dia, quer dizer, isso não acontecia no Caldeirão, porque se os fiscais na propriedade privada vissem pegando umas mangas chamavam logo atenção e levava preso, né, então era essa diferença. Então os dois tinham razão [a mãe e o pai] porque de fato mamãe presenciou e vivenciou a fatura e papai escutou as conversas passada pelos coronéis para difamar o sítio Caldeirão.

**Pesquisadora: por seu pai fazer tantas críticas à comunidade, você acha que sua mãe sentia vergonha, mágoa, algum sentimento negativo em relação aos anos de vivência do Caldeirão?**

Maria José Salles: mamãe era daquele tipo que não levava desaforo pra casa, ele dizia uma coisa, ela dizia mil [expressão firme]. Ela não contava da história, ela não contava nada, só defendia. Ela dizia: não tinha isso não! Então não deu para perceber se tinha algum constrangimento. Eu só vim saber que o pessoal se escondia quando o tio Chico Cariri pediu para quando fossem gravar não dissessem o nome dele para ele não perder aposentadoria. Ele [tio Chico] viu gente sendo obrigada a engolir o Rosário porque foi considerado do Caldeirão. Aí foi que veio cair a ficha que eles não falavam por medo [...].

**Pesquisadora: entre os seus familiares que foi um número bem expressivo de 36 pessoas você ouviu falar histórias negativas?**

Maria José Salles: os negativos não era a respeito do Caldeirão em si [...] Meu tio Pedro contava a história muito bem. Ele falou do confronto de Severino Tavares com os soldados. Viu a matança, estava escondido no mato e viu a matança e que ficou muita gente morta e ele tinha medo dos soldados se encontrarem com ele e matarem ele também. Aí ele fugiu. Aí depois ele voltava e olhava e viu que ficaram muitos mortos. E alguém depois colocou tipo um querosene, alguma coisa nos mortos e tocou fogo porque não dava para enterrar porque era muita gente, assim a história que ele conta. Mas quanto ao Caldeirão ele não fala mal não, falava só que não dava para ele ficar lá por conta dessas coisas [era proibido namoro].

**Pesquisadora: Você citou o Beato José Lourenço algumas vezes, então vou pedir para você falar o que sua mãe falava do Beato.**

Maria José Salles: ela chegou lá criança, ela nasceu em 27, chegou lá em 35, então ela tinha 8 anos, né, então quando saíram em 36 ela tinha 9, ia fazer 10 no ano seguinte. Quando terminou mesmo o Caldeirão ela tinha 10 anos. Aí o que ela lembrava é que ele botava o povo para rezar e a voz dele era muito bonita e cantavam os benditos. Mas só depois dessa história [do filme de Rosemberg Cariry] né então ela passou muito tempo calada. Ela cantava ofícios e benditos da igreja, mas do Caldeirão não. Só depois que a história veio à tona é que ela começou a cantar alguma coisa, é que fazia muito tempo ela já estava velhinha, né, então não lembra muita coisa. Mas o que ela lembra é que ele era um homem, de muita disciplina. [...] No sítio União ela se lembra bem porque já era mocinha, quer dizer, já era 47[46] ela já tava perto de 20 anos aí ela se lembra mais. Lembra que rezavam muito, mas aí era mais contidos, ficavam mais restritos à casa do Beato, não saíam, porque antes fazia um Rosário de queda lá no Caldeirão, saíam com penitências no mato, isso os homens, né, com o Beato. As mulheres rezavam na

casa do Beato e na União já diminuiu a reza. Aí na União já trouxe dança como São Gonçalo, já era mais social e menos penitente. Passou a participar das missas, ao domingo, na capela próxima lá em Nova Exu e se relacionar mais com os homens da sociedade local, para não ser tido como um grupo reservado como era no Caldeirão com o tripé trabalho, disciplina e oração e ter uma vida mais social. Ela disse também que lá [sítio União] tinha muita fartura mas não era como no Caldeirão.

**Pesquisadora:** como era o trabalho?

**Maria José Salles:** a regra era trabalho, disciplina e oração e o que quisesse aceitar ficava lá, senão poderia ir embora sem nenhum problema. Agora se não seguisse essa regra era obrigado a ir embora porque todo homem tinha que acordar cedo, mulher também, primeiro para rezar ofício às 4 horas da manhã. [...] Então é todo um trabalho além dos fixos, independente de inverno e verão. Para construir banco, mesa, cadeira: os marceneiros. As tecedeiras fazendo no tear as redes, as roupas, porque naquela época não ia para uma loja comprar tecido. Fazia a roupa de algodão, no caso a branca. Aí a maioria lá usava preto, tinha que tingir de preto. Aí as cores usadas lá era o preto, o azul e o branco.

**Pesquisadora:** você falou agora no Padre Cícero. O que ela contava sobre ele na comunidade?

**Maria José Salles:** quando ele ia aconselhar ele dizia assim: o Padre Cícero dizia, isso, isso e isso. Então ele já passava o que ele escutava do Padre Cícero para o povo da Comunidade. [...] Sei que em 26 ele recebeu do Padre Cícero as terras que pertenciam de fato ao Padre Cícero, né, que era herança, o Caldeirão dos Jesuítas. [...] E o Beato José Lourenço tinha uma irmandade que era a irmandade da Santa Cruz do Deserto de adoração à Santa Cruz. Era uma cruz vestida, vestida de branco com um barrete branco. Ele tirava essa Cruz lá para rezar e fazer as penitências lá [no Caldeirão]. Aí mamãe cantava: "vem cá Cruzeiro, vem cá madeiro, oh menino Deus, tão verdadeiro ". Aí quando ele cantava essa música, todo mundo dizia que a voz dele era bonita, eu fico imaginando assim que deve ser como a de Milton Nascimento[risos]. Sim[retomando] aí o pessoal corria e dizia: é a hora de fazer a penitência. O pessoal que queria fazer a penitência seguia. [...] A mesma coisa as pessoas chegavam pedindo trabalho, sendo agricultor o Padre Cícero também encaminhava para o Caldeirão e quando Severino Tavares saiu pregando falando do Caldeirão em todo o Sertão principalmente no Rio Grande do Norte então muita gente veio. Não sei quais os motivos que fez com que os norte-rio-grandenses tenham se interessado pelo Caldeirão mas o fato é que antes do Caldeirão meu avô também tinha se interessado pelas histórias de Luiz Carlos Prestes que até usava lenço vermelho em homenagem a ele, mas quando ouviu falar do Caldeirão aí já deixou as ideias dele e veio para cá..

**Pesquisadora:** sua mãe ou seus familiares falaram se a seca foi um fator que os trouxe ao Caldeirão e se na comunidade havia tinha vestígios da seca?

**Maria José Sales:** na verdade o Caldeirão sempre serviu de dispensa, né, de armazém para suprir as necessidades dos famintos. Ele[Beato] tanto fez isso lá Baixa Dantas como no Caldeirão. Na seca de 32 quando o governo criou o Curral, na verdade não é Curral, o povo que dá o nome de Curral do governo, mas o nome é Centro de Concentração dos Flagelados do Buriti. Lá continha então todos os flagelados famintos que estavam sofrendo com a seca. Ficavam encurralados porque fechavam mesmo, não podia sair nem entrar, ficavam prisioneiros, né, desse curral e que hoje é o bairro Muriti. O Beato trazia mantimentos para este Centro de Concentração e muitos que conseguiam fugir, né, porque todo o prisioneiro tenta fugir porque ele quer a liberdade, quando eles conseguiam eles iam direto para o Caldeirão. Então o Caldeirão cresceu e chegou a ter duas mil pessoas com a seca, muita gente fugia de várias regiões principalmente da Paraíba na época da seca e no Ceará também. Fugiam para o Caldeirão porque sabiam que lá ia encontrar alguma coisa. No Sertão Central já vinham para o Cariri sabendo que no Caldeirão tinha a garantia da alimentação. [...] Então o Caldeirão realmente é a solução, era a solução, seria [reflexiva]seria a solução para seca. Se outros Caldeirões fossem feitos com certeza resolveria o problema da seca. Não apenas por conta do açude, porque lá, olha, mesmo tendo um caldeirão cheio d'água que nunca seca mesmo no verão, foram feitos dois açudes para abastecer. Havia muita plantação e era aguado, né, não havia irrigação como hoje mas era aguado. Se duas mil pessoas estão trabalhando

pra elas, elas têm obrigação de trabalhar para poder comer, então vai carregar água nem que seja numa lata ou de alguma outra forma para irrigar a plantação.

**Pesquisadora: sobre a saída do Caldeirão conte como se deu.**

Maria José Sales: Interessante que quando eu estava fazendo a pesquisa e conversando com meus tios observei como as mulheres tinham uma visão bem romântica do Caldeirão, já meus tios não, já eram bem mais críticos, eles tinham uma visão realista. Mamãe disse: “não, o ataque eles só chegaram lá e levaram as coisas, aí mandaram todo mundo sair que não podia mais morar lá, aí tocaram fogo nas casas e a gente pegou e foi para Serra, foi morar lá na Baixa dos Cavalos”. [...] Então ela contava assim. Já meu tio Pedrinho contava aqui que ao amanhecer estava com um soldado na porta da frente de casa e outro na porta de trás obrigando a cozinhar para ele [soldado] e as crianças ficaram dentro de casa. Já meu tio que era primo de mãe, tio Chico Cariri, disse que todo mundo foi para o Cruzeiro e passaram um dia sentado em torno do Cruzeiro e aí os soldados ameaçando dizendo que era pra dizer onde estava o Beato e ninguém sabia, e ameaçando com espingarda e o povo respondendo na reza, no bendito. Era reza e bendito o dia inteiro. E quando foi no fim da tarde mandou todo mundo só entrar em casa para pegar alguma coisa e ir embora porque iam tocar fogo. Aí tanto mamãe quanto os irmãos e os primos diziam que só morreu uma mulher nessa época que foi Maria de Oeiras que ela tinha perdido a mãe recentemente e estava noiva e quando os soldados chegaram mataram o noivo, aí ela se suicidou porque sabia que as moças iam como escrava para Fortaleza, aí ela jogou querosene no corpo e se suicidou. Isso todo mundo viu ela correndo como uma tocha humana em direção ao Cruzeiro e lá morreu. Já meu tio disse que os soldados foram cruéis, que eles mataram os bois tudo, não deixaram vivo nada, só deixaram os cavalos que era para levar as coisas, né, os bens da comunidade.

**Pesquisadora: como foi a fuga?**

**Maria José Salles:** eles [os moradores] saíram tranquilamente, né, porque os soldados mandaram embora porque não podiam mais morar no Caldeirão. E aí eles foram de mata a dentro levando as suas coisinhas que era pouca, né, porque a grande maioria ficava no armazém. Não levaram nada para comer, nem nada, só a roupinha do corpo e mais as roupinhas e os lençóis, só.

**Pesquisadora: as pessoas que ficaram em outros espaços sofreram perseguição, como eram tratados?**

Maria José Sales: bem, tinha tanta perseguição que elas não poderiam ser identificadas. Tanto é que a minha avó ela dobrava a saia para ficar mais curta porque o pessoal usava roupa bem comprida, né, varrendo o chão. Aí os que não estavam ligados à religião popular usavam mais curtas. Aí ela enrolou, né, bem o cós da saia para não ser identificada como do Caldeirão porque, durante muito tempo, durante esses anos em torno do Caldeirão ficaram soldados vigiando as entradas nos pontos mais altos. Eles ficaram vigiando se alguém voltava para o Caldeirão então as filha de tio Bernardino foram mortas, esquartejadas e colocados os corpos nas estacas na entrada do Caldeirão para ninguém ir para lá. Se tivesse com rosário tinha que esconder um Rosário. A minha vó também tirou o rosário, ela tinha um rosário que não era do Beato, era do Padre Cícero que orientava todo romeiro a usar um rosário, principalmente do Caldeirão. Todo mundo usava rosário, aí todo mundo tirava e escondia nos cueiros dos meninos. Então tinha que se esconder.

**Pesquisadora: das lembranças que sua mãe narrava qual você entende que seria mais forte mais marcante do período vivenciado no Caldeirão?**

Maria José Sales: que lá era muito bom, era uma fatura! Era a parte das Laranjeiras, dos mamoeiros, do canavial, goiabeira, muita fruta. A gente comia de tudo e na hora do almoço era muita comida, na hora das refeições muita comida. A gente trabalhava, rezava, escutava as pregações e tal e era muito bom, era paraíso. Seria assim que ela falaria.

**Pesquisadora: e você, de tudo que você ouviu da sua mãe, nas entrevistas que ela concedia, nas conversas com ela e com todos os seus familiares o que mais marca?**

**Maria José Alves:** eu achei interessante essa vida em comunidade porque, em parte mesmo restringindo a liberdade, tinha assegurada alimentação. [...] Em um restaurante popular a primeira refeição que eu fiz lá, porque me disseram que tinha um restaurante popular aí depois de dois meses foi que eu fui conhecer, aí eu chorei mais do que eu comi [choro] [silêncio] [suspiro e pausa] isso é porque eu fico lembrando do Caldeirão e relacionando com o Caldeirão e lembrando que isso poderia ter sido feito antes porque tinha dado comida a muita gente [...] e realmente esses restaurantes populares eles imitam Caldeirões. são *oasis* que as pessoas podem ir para lá. Porque não é só vagabundo que não tem o que comer não. Tem trabalhador que também não tem em determinados períodos. e o Caldeirão resolvia esse problema e aí o governo via como comunismo, como foco de comunismo, mas que de fato era uma solução para a seca. Não adianta prometer a joia da coroa como Pedro II fez: “nem que tenha que vender a última joia da coroa mas eu vou acabar com a seca do Nordeste”. E aí? Promessa. Lá não era promessa, lá era realização, era concreto [pausa] [respirando fundo].

**Pesquisadora: quando as terras deixaram de ser de posse dos moradores do Caldeirão mesmo após 10 anos de benfeitorias como a comunidade reagiu, como se deram as reivindicações?**

Maria José Sales: há quem diga que a comunidade não poderia reivindicar as terras porque o Padre Cícero tinha que se cuidar, trabalhar com zelo porque ele estava com questões com a igreja, aliás, a igreja que estava com questão com ele. [...]Então o povo era de fato carente e a grande forma do Padre Cícero fazer esse atendimento esse acolhimento era ouvir as pessoas e orientar até a fazer um remédio caseiro. Aí o grande estopim foi mesmo o milagre que aconteceu com a beata Maria de Araújo, o que atraiu muita gente para Juazeiro. Nessa época não havia jornal nem internet, só fala, mas de boca em boca a história se espalhou. Inclusive chegou na Paraíba e os pais do beato Lourenço também ficaram sabendo e vieram para cá. Toda essa história do Caldeirão através da Beata Maria de Araújo que sofreu muito, a igreja foi a que mais maltratou, bateu na Beata, ela ficou presa e mesmo assim os fenômenos não deixaram de acontecer, né, até que em 17 de Janeiro de 1914 ela disse “entrego minha vida pela paz de Juazeiro” e foi quando a guerra acabou. Então é uma história que se liga a outra. A Beata Maria de Araújo, Beato José Lourenço e o Caldeirão. A minha família que veio lá do Rio Grande do Norte tinha posse mais do que outros que estavam no Caldeirão, mas nem todo mundo tinha a posse não, ia para o Caldeirão por necessidade, por não ter o que comer, por não ter onde morar. Aqui tinha tudo isso. [...]

**Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS)**

**Programa de Pós-Graduação em Comunicação em Inovação na Comunicação de Interesse Público.**

**Depoimento de Maria José de Sousa, 83 anos.**

**Duração: 21'5''**

**Juazeiro do Norte (CE), 13 de abril de 2019.**

**Pesquisadora: Kelsma Maria Silva Gomes**

**Transcritora: Kelsma Maria Silva Gomes**

**Pesquisadora: Como a senhora ficou sabendo da existência do Caldeirão?**

Dona Maria José: O que eu fiquei sabendo foi o que a minha irmã me contou ela me contou antes de morrer

**Pesquisadora: mas a senhora ouvia falar do Caldeirão mesmo sem saber que a sua irmã morou lá, ouviu falar do Caldeirão quando era criança?**

Dona Maria José: Não ouvia falar não! Ouvi só a história de que tinha acontecido lá depois que eu casei, a minha sogra que contou a história de lá que ela morava na época na Boa Vista perto do Crato e isso foi depois que eu me casei que ela contou para mim que nesse dia passou o dia todinho os aviões bombardeando. Ela disse que passava bem baixinho perto do sítio que eles moravam que eles tinham sítio em um lugar chamado Boa Vista perto do Crato aí, aí o caldeirão justamente fica depois de Santa Fé, eu não sei, eu nunca fui lá não. Eu sei que ele fica lá porque eu tenho uma cunhada que mora... Como é o nome do lugar? Monte Alverne! e o caldeirão ele fica para lá ele fica bem perto da casa dela.

**Pesquisadora: mas além dessas histórias que a sua sogra contava a senhora ouviu falar dentro da casa do seu pai sobre o Caldeirão?**

Dona Maria José: Não! Não ouvia falar. Ninguém nunca, nunca tocou nessa história. Sabe por quê? Porque naquela época que eu vi essas coisas todas o pessoal ficou amedrontado. Porque meu pai mesmo ele foi lá, ele foi buscar minhas irmãs e eu nunca soube dessa história, eu já soube quando ela [a irmã] me contou. Quando já estava perto de morrer ela me contou aqui essa história de que ela tinha sido levada para Fortaleza. Ela disse quem foi que levou, que tinha gente demais de Fortaleza e Comandante quem era, aí ela me contou eu só sei disso aí que ela me contou.

**Pesquisadora: E como elas foram para o Caldeirão (as suas irmãs)?**

Dona Maria José: Ah! Isso eu também não sei, não. Eu não sei se elas foram com meu pai ou se foi esse mensageiro que levou elas.

**Pesquisadora: Que mensageiro?**

Dona Maria José: Esse, o Severino Severino Tavares. Ele que era o mensageiro de andar levando os pessoal lá nos lugares e encontrava as pessoas. Aí chamava para ir pra lá que era uma comunidade boa, que era pra trabalhar. E era mesmo boa! Todo mundo trabalhava lá e vivia bem né não?! Vivia assim: trabalhava e tinha direito de viver trabalhando e comer bem. Essas coisas todas. Aí o povo ia para lá mas eu só sei contar até aí. Do Caldeirão eu só sei isso aí.

**Pesquisadora: O mensageiro, ele passou na cidade que o pai da senhora morava?**

Dona Maria José: Meu pai não morava na cidade não, ele morava no Sítio. Ele [mensageiro] andava por todo canto, pregando por todo canto, ele tanto andou por esses lados do Ceará como em outro estado

também. Ele andava procurando o pessoal dando as notícias né?! E quem queria ir para lá ia, ele dava a informação o pessoal ia.

**Pesquisadora: A senhora sabe que informação ele dava?**

Dona Maria José: Não!

**Pesquisadora: Não sabe né?**

Dona Maria José: A informação era coisa boa, né, era boa né?! [passa a falar do Sítio União] Nesse tempo não se falava nem comunidade, comunidade que era pra viver trabalhado todo mundo unido, rezando, né. O que eu conto da União o que eu via era trabalhando e rezando o que eu conto de lá é assim. Fim de ano e aqueles reisados pra dançar, era esse o divertimento que tinha lá e que eu vi também, né. Mas quando ele morreu, quando ele morreu a coisa estava mais moderna, né.

**Pesquisadora: A senhora está falando do Sítio União?**

Dona Maria José: União, eu estou falando do União. Do outro não falo nada não que eu não conheci.

**Pesquisadora: Como a senhora ia para o Sítio União?**

Dona Maria José: Naquele tempo o transporte que tinha era animal, né! Meu pai ia, aí a gente ia pra lá, [...] tinha muita coisa bonita e tinha gados e muitas plantas e muito pé de Oliveira, muita coisa, muita coisa bonita. Muita fruta assim para a gente ver, aí né, aí eu fiquei lá, né. Quando ele morreu, no dia que ele morreu foi uma chuva tão grande. Eu posso falar?

**Pesquisadora: Pode eu estou aqui para ouvir a senhora.**

**Dona Maria José:** Tão grande, tão grande que vieram com esse peso [corpo do Beato] de lá debaixo de chuva, tudo na mão dos homens de lá [Sítio União] para Juazeiro. [...]

**Pesquisadora: A senhora lembra do beato José Lourenço?**

Dona Maria José: Quando ele era vivo?

**Pesquisadora: Sim.**

Dona Maria José: Vi todo dia. Eu ia falar com ele lá. Ele era assim: quando o povo ia para a roça ele ia também com todo mundo. Quando era na época do inverno aí era bom, todo mundo ia para roça e por isso que a gente achava bom lá, que a gente andava lá. Eles criavam muito gado, tudo lá era de muito, né. Agora assim, tinha os empregados do gado, os empregados da roça, empregadas da casa, todo mundo tinha sua ocupação de fazer. Até que eu me lembrei das coisas! O que eu mais me lembro o que eu vi muito lá mesmo era trabalho, reza e muita oração. Ele morreu no dia 12. No dia de São Sebastião ele fez tanta oração no mundo, tanta procissão, o povo acompanhando e cantando, e cantando. Ainda hoje eu me lembro dos benditos que ele cantava.

**Pesquisadora: Como ele [Beato] era dona Maria José?**

Dona Maria José: A fisionomia dele?

**Pesquisadora: É.**

Dona Maria José: Ele era bem preto. Bem moreno mesmo né?! Tipo mesmo essas pessoas [pensando] como se chama desse povo da África, né?! Era essa a cor, né, mas ele era um homão grande.[...]Tinha uma irmã dele também que morava lá, Dona Inácia, e tinha uma irmã dele que morava aqui em Juazeiro

que era Maria Teresa [...] Elas duas bem morenas como ele também [pausa]. Pois é! o que eu vi era que ele trabalhava e rezava eu não via outra coisa, ela contava tanta história.

**Pesquisadora:** Como era o trabalho?

**Dona Maria José:** Roça, todo mundo trabalhava de roça. Quando saía mulher, saía homem, saía todo mundo. A comunidade vivia era trabalhando, ninguém vivia lá de cara para cima não. Nem malandrando não, era trabalhando. Tinha uns dias de oração mais dura, né, mais assim. Tinha os benditos, mas todo dia tinha oração. Não era em uma igreja, era um lugar que ele fazia procissão, mas tinha um local lá cheio de santo, né. Tinha muito santo, uma capelinha. Mas ele fazia aquelas procissão, né, assim cantando e o povo o pessoal andando [gesto de longo com os braços]. Enfim uma procissão, né?!

**Pesquisadora:** E a alimentação era com fartura ou era regrada?

**Dona Maria José:** Muita fartura. Mas as coisas eram limitadas assim, né, porque tinha os empregados, tinha as empregadas de almoço e tudo entregava os pratos já tudo feito, então era desse jeito.

**Pesquisadora:** E tinha alegria tinha diversão música essas coisas?

**Dona Maria José:** Não. Música veio ter a música já bem pertinho dele morrer. Um senhor que morava em Campina Grande e era amigo dele [beato] é que naquela época vinha gente de todo lugar e muita gente para conhecer. [...]E esse homem trouxe o rádio [...] Ficou bom, né, tinha rádio para pessoa assistir. A diversão era só essa mesmo, né. Quando não estava rezando gente ficava sabendo notícia, ficava ouvindo as notícias, né. Mas aí com pouco tempo, né, quando foi no fim do ano, no começo do outro ano aí ele [Beato] morreu.

**Pesquisadora:** Do que a senhora lembra do dia que a senhora estava lá que ele faleceu, como foi?

**Dona Maria José:** Essa que eu lhe contei que trouxeram debaixo de chuva pra Juazeiro. Veio no mesmo dia, tava chovendo e foi uma chuva grande. Eu não vi quando saiu o enterro, não consegui. Sei que foi um bocado de homem, trouxeram tudo [o corpo do Beato] nas mãos logo que ele morreu. Trouxeram para cá debaixo de chuva, acho que só pararam aqui [em Juazeiro]. É só o que eu sei contar é isso aí. Sei que saíram de lá debaixo de chuva, né?! Agora quem tomou conta que resolveu essas coisas aí isso eu não sei se foi Eleutério ou se foi quem, eu não sei não. Sei de nada.

**Pesquisadora:** Qual a lembrança mais forte que a senhora tem?

**Dona Maria José:** Não sei não. É isso mesmo que eu já falei: oração e trabalho, isso somente. No dia 20 de janeiro ele [Beato] fez uma procissão bem grande e cantou muito. Cantaram muito esse bendito de São Sebastião que eu me lembro, agora não me lembro muito bem da música[letra]. Só sei que cantaram muito.

## APÊNDICE B– ÁREAS PARA GRAFITES NO CAMPUS JUAZEIRO DO NORTE

ÁREA PARA GRAFITE E OUTRAS INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS DE PROJETOS DA UFCA												
(REGULAMENTADAS PELA PORTARIA CONJUNTA Nº01/17)												
DATA DO LEVANTAMENTO: 27/10/2017												
BLOCO	LOCAL	LARGURA (m)	ALTURA (m)	Área	STATUS	NOME DO ARTISTA	EXECUTADO POR	RESPONSÁVEL PELO PEDIDO	NOME DA OBRA	PROJETO ASSOCIADO	DATA DE INTERVENÇÃO	DATA LIMITE PARA EXPOSIÇÃO (2 ANOS)
A	A1	6,3	2,6	16,38	RESERVADO PARA PROF Claudio Mappa					Arte Urbana no Campus		
	A2	4,62	6,97	32,2014	LIVRE							
	A3	5,4	2,6	14,04	LIVRE							
	A4	8,4	2,6	21,84	LIVRE							
B	B1	7,8	2,45	19,11	EM USO		Thiago	Gustavo Ramos	Eu, mulher negra	Oficina	05 e 06/09/18	
	B2	7,8	2,45	19,11	EM USO		Thiago	Gustavo Ramos	Eu, mulher negra	Oficina	05 e 06/09/18	
C	C1	6,3	2,6	16,38	EM USO				Em tempos de ódio é bom andar amadx	Arte Urbana no C	10/05/2018	
	C2	4,62	6,97	32,2014	Reservado			Gustavo Ramos	Mural raiz: valorização estética e cultural de povos não-branco:		25 e 26/10/18	
	C3	5,4	2,6	14,04	LIVRE							
	C4	8,4	2,6	21,84	LIVRE							
D	D1	7,8	2,45	19,11	Reservado			Profª Camila		Oficina	5 a 9/11/18	
	D2	7,8	2,45	19,11	LIVRE							
E	E1	6,3	2,6	16,38	EM USO	Idealizado por Prof. Ricardo Akira do cl	Akira Sanoki,	Prof Cláudio Mappa	Composição 01 - homenagem a Sérvulo Esmeraldo	"Arte Urbana no	25 e 26/10/17	
	E2	4,62	6,97	32,2014	RESERVADO PARA A PROFª CLEO DO VALE EM 13/04/2018			Profª Cleo do Vale	Caldeirão da Santa Cruz do Deserto			
	E3	5,4	2,6	14,04	LIVRE							
	E4	8,4	2,6	21,84	LIVRE							
F	F1	16,8	2,6	43,68	LIVRE							
G	G1	6,3	2,6	16,38	EM USO							
	G2	4,85	7,35	35,6475	LIVRE							
	G3	7,58	2,6	19,708	LIVRE							
	G4	7,58	2,6	19,708	LIVRE							
I	i1	5,8	2,9	16,82	RESERVADO PARA PROF Claudio Mappa					Arte Urbana no Campus		
J	J1	16,8	2,6	43,68	LIVRE							
K		5,8	2,9	16,82	Kelsma							
L	L1	16,8	2,6	43,68	LIVRE							
M		5,8	2,9	16,82	Kelsma							
N	N1	18,4	2,6	47,84	LIVRE							



## APÊNDICE C – EMAILS LABORATÓRIO DE IMAGEM E ESTÉTICAS COMUNICACIONAIS (CNPq-UFCA)

elane.abreu@ufca.edu.br

6 de 22

**Elane Abreu** <elane.abreu@ufca.edu.br> 29 de abr de 2019 10:04  
para Juliana, Diógenes, Joubert, Hanna, eu, Rigaud, Joedson, Romênia, Thais, Rubens, Walison

Bom dia a tod\_s

O grupo recebeu uma proposta bem estimulante vinda da pesquisadora Kelsma Gomes, integrante do grupo e mestranda em comunicação na Universidade Municipal de São Caetano do Sul.

Kelsma está desenvolvendo pesquisa sobre cultura, memória e comunicação visual, tendo como recorte o Caldeirão de Santa Cruz do Deserto. Como parte de sua pesquisa, será entregue um produto: um grafite dentro do campus de Juazeiro que corporifique as memórias dos remanescentes da comunidade. A proposta é que o grupo contribua na seleção/construção das imagens e até mesmo possa grafitar (orientado por um/a grafiteira/o).

A partir disso, Kelsma levará no dia 07/05 a seleção das narrativas e episódios para partilhar conosco. No dia 14/05 discutiremos a proposição de símbolos/imagens para a visualidade a ser construída no grafite. E no dia 11/06, será a ação de grafitação em si, que será documentada/fotografada como intervenção coletiva.

Como a pesquisa tem prazo para ser finalizada, propus um reajuste na agenda do grupo, a saber: <http://limbo.ufca.edu.br/agenda/>

Rubens, se você e seu grupo da URCA puderem estar presentes em algum desses dias de construção das imagens para o grafite, seria muito bom.

Amanhã, 30/04, seguimos com a programação normal e conversamos mais.

Abraços,

**Elane Abreu**  
Professora da Universidade Federal do Cariri - UFCA  
Instituto Interdisciplinar de Sociedade, Cultura e Arte - IISCA/Curso de Jornalismo

elane.abreu@ufca.edu.br

4 de 22

[Limbo] Pesquisa sobre o Caldeirão e textos Caixa de entrada x

**Elane Abreu** sex, 10 de mai 20:03  
para Juliana, Diógenes, Joubert, Hanna, eu, Rigaud, Joedson, Romênia, Thais, Rubens, Walison, Thamyres, Tiago, Alexandre

Boa noite, gente

Na próxima terça, dia 14/05, teremos o segundo encontro com Kelsma Gomes acerca de sua pesquisa sobre o Caldeirão e a proposta de construção coletiva de grafite na UFCA. Deixei na xerox uma cópia (para quem não recebeu na terça passada) da seleção das entrevistas com as remanescentes.

Na terça seguinte, dia 21/05, teremos a discussão do capítulo "Contexto, memória e identidade: o objeto situado no espaço-tempo", do Rafael Cardoso (livro Design para um mundo complexo). O PDF está disponível para download em: <http://limbo.ufca.edu.br/agenda/> (dia 21/05). O texto será introduzido por Juliana para abrirmos o debate.

Abraço e bom fim de semana,

**Elane Abreu**  
Professora da Universidade Federal do Cariri - UFCA  
Instituto Interdisciplinar de Sociedade, Cultura e Arte - IISCA/Curso de Jornalismo

**UFCA** UNIVERSIDADE FEDERAL DO CARIRI  
JUAZEIRO DO NORTE • BARBALHA • BREJO SANTO • CRATO • ICÓ  
www.ufca.edu.br



## APÊNDICE E – NOTÍCIA LIMBO



AGENDA | EVENTOS E CHAMADAS | PESQUISADORXS | PUBLICAÇÕES | SOBRE

### Caldeirão: memória, imagem e grafite



Em meio à “balbúrdia” associada às universidades federais, o Limbo se reuniu neste 14 de maio em atividade de pesquisa para extrair símbolos, representações visuais, cores e tons narrativos destinados à criação de um grafite que comunique a memória de remanescentes do Caldeirão de Santa Cruz do Deserto, município do Crato, Ceará. Foi o segundo dia dedicado ao exercício criativo-metodológico lançado pela pesquisadora Kelsma Gomes, que desenvolve pesquisa de mestrado em Comunicação na Universidade Municipal de São Caetano do Sul e tem a contribuição do grupo para elaborar imagens a partir dos relatos de sobreviventes ou familiares que tiveram laços com a experiência messiânica do beato José Lourenço, no Cariri.

Kelsma, no primeiro encontro com o grupo, compartilhou seu estudo sobre o massacre histórico do Caldeirão, ocorrido na década de 1930, deixando centenas de mortos na comunidade erguida sob o tripé “trabalho, disciplina e oração”. O líder da comunidade, José Lourenço, em terras ofertadas por Padre Cicero, cultivou um território baseado na partilha, na colheita, no bem comum da “roça”, na reza, sendo este modelo de vida comunitária, em tempos de seca, um paraíso para muitos, mas perseguido pelo Estado e dizimado pelo tom “comunista” que apresentava. O beato, negro e de voz marcante, como ressaltado pelas narrativas das remanescentes, era homem da fé popular, dos benditos e dos rosários. As Marias entrevistadas por Kelsma dividem lembranças ora pesarosas, ligadas ao ataque de granadas vindas do céu, atiradas pelos aviões, ora narram as bonanças e fartura do Caldeirão, um oásis em pleno sertão nordestino.

A continuidade da proposta metodológica no segundo encontro se direcionou ao destaque das principais imagens narradas pelas remanescentes. Um panorama de detalhes – figuras, objetos, elementos da natureza, personagens, símbolos, cores – foi extraído dos discursos por cada um dos presentes, que, em folha em branco, ensaiaram desenhos em preto e coloridos. Percebeu-se a necessidade da inclusão de pequenos fragmentos de texto, como forma de criar uma associação mais direta com o Caldeirão por parte de quem vê e pensando no objetivo de se estabelecer uma comunicação da memória do acontecimento mesmo para quem o desconhece.

A contribuição do Limbo em forma de discursos, imagens e rabiscos foi enriquecedora enquanto experiência, processo criativo e pensamento das imagens por meio da memória oral. Episódios como o do Caldeirão, da forma como trabalhamos pela pesquisa de Kelsma, fortalecem a compreensão do Cariri pelos atravessamentos histórico-culturais, estéticos e comunicacionais, sendo um dos propósitos centrais da atuação do grupo. As vozes do passado, em breve, estarão presentes nas paredes da UFCA, em Juazeiro do Norte, compondo testemunho, superfície de registro, camada de inscrição e exposição, pelo tempo que durar, de um Caldeirão comunicado em grafite.